André Azevedo da Fonseca

Cotidianos culturais e outras histórias

A cidade sob novos olhares

André Azevedo da Fonseca

Cotidianos culturais e outras histórias

A cidade sob novos olhares

Capa, fotos (exceto quando identificado) e projeto gráfico:
André Azevedo da Fonseca

1ª edição - 2004

Ficha Catalográfica

Fonseca, André Azevedo da
F733c Cotidianos culturais e outras histórias : a cidade sob novos olhares / André Azevedo da Fonseca. — Uberaba : Editora Universidade de Uberaba, 2004
188 p. : il.

1. Reportagens e repórteres. 2. Crônicas brasileiras. 3. Patrimônio cultural. 4. Cultura popular - Brasil. 5. Jornalismo. I.Título.

CDD 070.43

Bibliotecária responsável: Patrícia de Oliveira Portela CRB 6/ 837

Pró-Reitoria de Extensão e Ação Comunitária
Curso de Comunicação Social / Jornalismo

Editora da Universidade de Uberaba
Av. Nenê Sabino, 1801 - Bloco A
Uberaba - MG - 38055-500
Tel: 3319 8800
http://www.uniube.br

Fale com o autor:
andre.azevedo@uniube.br
http://azevedodafonseca.sites.uol.com.br
(34) 3319 8953 / (34) 3319 8952 (curso de Comunicação Social)

Cotidianos culturais e outras histórias

A cidade sob novos olhares

André Azevedo da Fonseca

Agradecimentos

A todos os amigos, professores e colegas que, direta ou indiretamente, através de sugestões, revisões, orientações, críticas, palpites, incentivos e apoio técnico contribuíram para estimular, encorajar, inspirar e melhorar esse e outros trabalhos para jornal, rádio e TV, agradeço pela generosidade, pela paciência e pela confiança. Vamos lá: Ana Vera Palmério, Adrián Padilla, Alzira Borges Silva, Cássia Cristina, Celi Camargo, Cíntia Cunha, Décio Bragança Silva, Edvaldo Pereira Lima, Eliane Marquez Mendonça, Érika Galvão Hinkle, Fernando Queiroz, Francisco Marcos Reis, Gildo Firmino, Guido Bilharinho, Gustavo Vitor Pena, Irene de Lima Freitas, Janete Tranqüila Graciole, Juquita Machado, Karla Borges, Luiz Flávio Assis Moura, Marcos Vinícius Zani, Lungas Ferreira Neto, Manoel Fernandes Neto, Marcelo Palmério, Maria Beatriz Russo, Maria Helena Krüger, Mariana Costa, Marlei Mateus, Neuza das Graças, Norah Shallyamar Gamboa Vella, Olga Frange, Patrícia de Oliveira Portela, Renê Vieira, Raul Osório Vargas, Ricardo Aidar, Sérgio Vilas Boas, Sonia Fontoura, Tatiane Oliveira Alves, Ulisses Custódio, Valquíria Pires, Vera Palmério, Vicente de Paulo Silva, Wilson Oliveira. Agradeço também aos colegas de faculdade, sobretudo os companheiros sala e de reportagens no jornal da faculdade: Ana Marcia Dorça, Antônio Marcos Ferreira, César Henrique Fonseca, Davi Marques, Élida Rodrigues, Denise Nakamura, Felipe Augusto Santos, Gelza Lima, Gisele Aparecida, Karine Rogério, Luís Felipe Silva, Luana Neri, Mariana Marajó, Micheli Bernardeli, Raika Julie Moisés, Rogério Simões e Soraya Higino. Se por uma infeliz distração, coisa comum de acontecer comigo, esqueci de alguém, prometo que incluo da segunda edição (sonhar não custa nada...)

Este livro é dedicado aos meus pais, Leny e Roberto,
e especialmente à Cristiane Ferreira, meu amor, que me suporta, me corrige,
me orienta, e por quem sou profundamente apaixonado.

Sumário

Caríssimo leitor,

Cotidianos culturais e outras histórias é uma seleção de reportagens, crônicas, artigos e entrevistas que publiquei entre 2002 e 2003 no Revelação, o jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube), na revista NovaE e no Observatório da Imprensa*. Na verdade, confesso que morri de vontade de incluir todos os textos que escrevi nesse período, porque tudo que fiz foi com a maior paixão, e a gente não descarta nossas paixões assim, sem mais nem menos. Mas preferi poupar os leitores, economizar páginas e cortar na carne. Ficou só o filé!

Meus critérios foram os seguintes: para começar, incluí textos que conquistaram prêmios universitários nacionais. Fica mais fácil assim. É uma boa forma de avaliar o próprio trabalho sem precisar de constrangedores auto-elogios. Em seguida, excluí as matérias que se restringiram a noticiar fatos, ou seja, que ficaram circunscritas ao instante de seu contexto. Deixei de lado também os artigos acadêmicos e as análises mais carrancudas, pois pareciam destoar da atmosfera aconchegante do livro. Dessa forma, privilegiei os textos que falam de cotidianos culturais, registram momentos preciosos da memória afetiva da cidade e, enfim, contam boas histórias. Além disso, é claro, fiz questão de selecionar trabalhos inquietos, debochados, feitos especialmente para desmascarar estratégias de poder e contribuir na necessária crítica de

** Disponíveis em: www.novae.inf.br, www.observatoriodaimprensa.com.br*

nossa cultura brasileira.

Quase sem querer, nas encruzilhadas das esquinas de vírgulas, os textos vizinhos se auto-organizaram em condomínios coloridos, quarteirões entrecruzados e bairros labirínticos rascunhados em um mapa imaginário. Surgiu assim, através de uma displicência de critério absolutamente pessoal, uma cidade nova, descoberta por um estrangeiro em sua própria terra natal, por um conterrâneo encantado por enxergar verdadeiros tesouros da superfície de seu cotidiano, por um estudante boquiaberto perante a cultura esfuziante das pessoas que se esbarram e se esfregam na orquestra de sonhos, vozes, motores e buzinas nas ruas.

Todos os textos foram novamente revisados, e muitos trechos foram praticamente reescritos. Mas me segurei para não reescrever tudo, ou provavelmente ficaria fazendo isso pelo resto da vida. Procurei consertar informações desatualizadas, consultei fitas e anotações para confirmar detalhes, acrescentei parágrafos que havia descartado devido as restrições de tamanho no jornal, adaptei uma coisa ou outra para o clima de perenidade de um livro e pronto!

As que mais me angustiaram foram as reportagens sobre edificações do patrimônio cultural de Uberaba, minha cidade natal, pois desde aquela época casas foram derrubadas, contextos ficaram diferentes, mas sobretudo porque aprendi muito sobre o tema nos últimos dois anos. Mesmo assim, preferi deixar mais ou menos como foram originalmente publicadas. Minha idéia é dedicar um livro inteiro só pra isso, com abordagens aprofundadas, pesquisas minunciosas e tudo mais. Publiquei muitas coisas nesses primeiros meses de 2004, mas também tenho outros planos para esses textos. Mas de qualquer maneira, este livro estava pronto desde fevereiro deste ano.

Acredito que o jornalismo cultural tem um papel fundamental na sociedade. Você já se flagrou lamentando-se que no cotidiano local não acontece nada de importante, que a história da cidade é uma bobagem desprezível e que só os outros – sobretudo estrangeiros – têm uma vida interessante e plena de sentido? Já se viu constrangido ou envergonhado depois de manifestar o seu carinho por vivências corriqueiras de seu próprio cotidiano? Já se sentiu socialmente pressionado a menosprezar em público a própria cultura? Esses são sintomas evidentes de uma doença relacionada a um estratégico discurso de ridicularização de nossa identidade cultural, promovido por diversos agentes interessados em

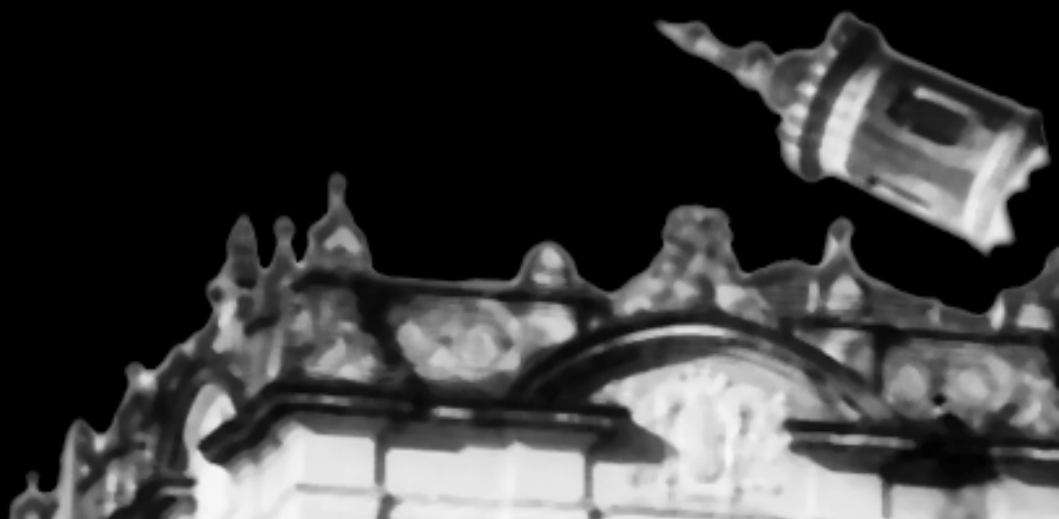
valorizar e vender seus próprios símbolos culturais. Essas operações sistemáticas de deterioração de nossa auto-estima nos levam a crer que somos uns idiotas e que a produção histórica e cultural de nossa comunidade é mesmo insignificante e vergonhosa – como se fosse possível que 260 mil pessoas convivendo juntas, como é o caso de Uberaba e dezenas de outras cidades do interior do Brasil, não produzissem história e cultura.

Percebe-se portanto o importante trabalho que o jornalismo cultural deve assumir. E um dos mais essenciais é justamente contribuir na interpretação dos símbolos, na produção de sentido e na incessante reinvenção da identidade nas cidades. Mas para isso precisamos de novas leituras do cotidiano. Precisamos, como ensinava Paulo Freire, aprender a ler o mundo, o país, as ruas, as pessoas. E não apenas através de uma perspectiva analítica e racional, mas por meio de olhares afetivos, carinhosos e amorosos, capazes de, entre piscadelas cúmplices, tecer um texto vivo e caloroso que não tem medo de se emaranhar nas teias dos contatos humanos.

Espero que você, leitor, se delicie na leitura do livro com o mesmo prazer que eu tive ao escrevê-lo.

Afetuosos abraços,

André Azevedo da Fonseca
24/05/2004

Escombros da memória coletiva

A série "Escombros da memória coletiva" reúne três reportagens publicadas no Revelação, jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Uniube, em 2002: "Arquitetura do desprezo", "O enigma da conservação" e "Casa da esquina assombrou o imaginário popular".

As reportagens são um passeio a pé no centro de Uberaba, minha cidade de 184 anos, localizada no Triângulo Mineiro. Mas não é um passeio comum. As casas históricas abandonadas que apodrecem no caminho evocam reminiscências, despertam lembranças adormecidas e libertam fantasmas condenados ao esquecimento.

Na primeira parte, o passeio se dá na Praça Rui Barbosa e nas ruas de seu entorno. Descobrem-se, soterradas nos escombros da memória coletiva, histórias deliciosas do cotidiano da cidade – muitas até então perdidas. A segunda parte é uma parada para a reflexão sobre o sentido da preservação do patrimônio cultural de uma cidade. Na terceira parte, através da investigação sobre um intrigante caso de uma casa demolida no início do século XX, os fantasmas de três moças são "libertados do armário" e uma história que reflete um dos maiores pesadelos do imaginário popular de seu tempo emerge da escuridão.

Na verdade, denunciar a arquitetura do desprezo e vivenciar a simbologia do patrimônio histórico e cultural é só um pretexto para falar de gente, de vida e de morte.

Em 2002, "Escombros da memória coletiva" conquistou Menção Especial no Prêmio Estímulo à Cidadania, categoria Jornalismo, na 9ª Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom), promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em Salvador (BA). A reportagem "Casa da esquina assombrou imaginário popular" foi selecionada em 2003 para participar na seção da Relatos de Experiência do Seminário Internacional Memória, Rede e Mudança Social, promovido pelo Museu da Pessoa e SESC São-Paulo.

Um dos mais importantes edifícios do patrimônio histórico da cidade está abandonado e encoberto por cartazes sujos

Publicado no Revelação nº 196,
em 25 de fevereiro de 2002.

Menção Especial na categoria
Jornalismo do Prêmio Estímulo a
Cidadania, na Expocom/Intercom,
em Salvador, 2002.

Arquitetura do desprezo

Abandono ameaça o patrimônio cultural e soterra narrativas da memória coletiva de Uberaba

Na Praça Rui Barbosa, coração de Uberaba, apodrece lentamente, aos olhos de todos, uma das casas históricas mais importantes da cidade. Construída por volta de 1860, foi a terceira edificação inteiramente feita de tijolos no município. Anteriormente, as casas eram de pau-a-pique, ripa e barro, recobertas com uma argamassa de areia e estrume de vaca. Chegaram a dizer, na época, que as casas de Uberaba não passavam de "feias arapucas" – escreveu o historiador Hidelbrando Pontes. Foi só com a chegada da estrada de ferro que os imigrantes, arquitetos e construtores trouxeram técnicas usadas na Europa, impulsionando a modernização da cidade.

O primeiro proprietário dessa casa foi Tobias Rosa, dono do maior jornal da cidade na época, a Gazeta de Uberaba, fundado em 1876 — antes mesmo do Lavoura & Comércio. A memória popular registra que Tobias Rosa, jogador compulsivo, em certa ocasião apostou e perdeu a mansão em um jogo de cartas. Seu sogro, João Machado Borges — um dos organizadores da primeira exposição de Zebu de Uberaba — decidiu, mais tarde, comprá-la.

A mansão cuja beleza de estilo eclético é de encher a alma foi palco e testemunha de movimentos importantes na história da cidade. Chegou a sofrer diversas reformas – algumas criticadas por historiadores e arquitetos da cidade. Entretanto, hoje está lamentavelmente abandonada. Um dos mais encantadores patrimônios históricos e culturais de Uberaba está encoberto por cartazes sujos e rasgados, esconde-se envergonhado atrás de placas publicitárias e pontos de ônibus. Suas fachadas enegrecidas, sua pintura descascada e o cheiro de mofo que exala das janelas são uma verdadeira ofensa aos freqüentadores da região central.

Conhecer a casa por dentro é uma experiência que inspira profunda perplexidade pelo inexplicável desamparo. Ao andar pela casa, o pensamento que vêm à cabeça é: *não é possível que isso acontece! Uma casa enorme, no centro de Uberaba, completamente abandonada!* As portas dos fundos estão arrombadas. Quartos, salas e corredores, imundos. As tábuas do piso exalam vapores de urina misturado à poeira. Há vidros quebrados e fios de instalação elétrica por toda a parte. Uma escada em espiral de madeira, toda suja de terra, dá para o segundo piso do sobrado. As janelas, em sua maioria, estão permanentemente destrancadas e ficam batendo dia e noite com o vento. As madeiras dos batentes estão podres e infestadas de cupim. Um adesivo de uma empresa afixado na janela informa que a casa foi dedetizada em setembro de 1993. Em um dos quartos, lâmpadas de luz fria estão espatifadas no chão. O tapete rasgado deixa à mostra o piso de tacos infestado de musgo. A desolação dos cômodos e corredores é total, chega a ser agressiva. Nem fantasmas habitam essa casa. Há alguns anos a prefeitura chegou a alugar a mansão e instalou alguns serviços públicos — entre eles a Fundação Cultural. Mas desde meados da década de noventa está deserta. Ninguém sabe direito há quanto tempo está abandonada. Os comerciantes ao lado divergem, uns falam em três ou quatro anos, outros em sete ou oito. A casa está literalmente largada às traças e, como se tratasse de um cálculo matemático ou econômico, deteriora-se com uma velocidade que inspira demolição.

A antiga casa de Tobias Rosa é de propriedade privada. Atualmente, a área dos fundos é aproveitada como estacionamento.

Em fevereiro de 2002, Fanney Humberto Fatureto, um rapaz de 18 anos, cuidava do negócio. "As portas dos fundos ficam abertas. Às vezes um mendigo ou outro entra e passa a noite aí. A dona quer vender, mas como é tombado, não pode demolir e nem reformar, então ninguém quer comprar", diz. Quando perguntado se pretende alugar a casa, responde: *alugar pra quê?*

Teatro das memórias coletivas

O risco que a comunidade corre ao ignorar seu patrimônio histórico é a perda do que os cientistas sociais chamam de "memória coletiva". Cada casa carrega consigo uma história que diz muito sobre as relações sociais que permanecem na cidade. Em *Memória do Social*, o estudioso Henri-Pierre Jeudy argumenta que a ligação entre uma demolição e um estado de "amnésia coletiva", não é apenas uma metáfora.

A maioria das histórias dessas casas não estão escritas: sobrevivem graças à tradição oral de moradores mais antigos, que reproduzem relatos de seus pais e avós. Quando símbolos culturais importantes são demolidos, a cidade perde referências fundamentais, o que prejudica definitivamente a compreensão de seu passado e, conseqüentemente, a consciência histórica do presente. No caso da mansão de Tobias Rosa, é uma parte da história da vida dos habitantes de Uberaba que apodrece.

O uberabense Sebastião Aidar fez 75 anos no dia 2 de março de 2002, aniversário da cidade. Em 1940 trabalhava em um bar que ficava embaixo do antigo Jóquei Club, depois transformado em casa de jogos. O sobrado é o mesmo onde hoje funciona um restaurante, na esquina da praça Rui Barbosa com o *calçadão* da Arthur Machado. "Meu pai jogou muito pif-paf lá. O dono era um tal de Custódio. Ele mesmo nunca jogava. Ganhou um dinheirão", lembra. Um dos freqüentadores mais assíduos da casa do Custódio era um famoso matador profissional da região: Aníbal Vieira. "Todo mundo morria de medo dele, inclusive o delegado da época. Ele sempre se safava dos entreveros com a polícia. Costumava se esconder na fazenda de um coronel lá em Campo Florido e atuava como matador em toda a região", conta Aloysio Ferreira Junqueira, de 59 anos.

Aidar também se recorda da época áurea do Hotel Regina, localizado na Rua Manoel Borges, de estilo *art déco* e hoje abandonado e caindo aos pedaços. "O Regina era o hotel dos viajantes de passagem pela cidade, mascates e representantes comerciais que vinham na estrada de ferro", recorda. Naquela época, Uberaba era um importante entreposto comercial entre São Paulo e Goiás. A professora de História da Universidade de Uberaba, Eliane Marquez, relata que o hotel era um dos mais *chiques* da cidade. Foi construído na década de 20, período áureo do Zebu. Só perdia para o Hotel do Comércio – hoje demolido – que ficava na Rua Vigário Silva, mais ou menos na área onde hoje está instalado o Magazine Luíza.

Newton Luís Mamede, professor da Universidade de Uberaba (Uniube) guarda uma história saborosa ocorrida já na década de 70 e encenada em frente ao Hotel Regina. "Eu estava com o carro parado e vi um sujeito saindo do hotel, provavelmente um vendedor da região. Ele parou à soleira da porta e acendeu tranqüilamente o cigarro. Subitamente, a Dora Doida — figura popular na cidade, que na época estava no auge de sua 'atividade' — aparece pela Rua Manoel Borges, vê o sujeito e começa a gritar: *Olha que homem bonito. Está com cara que acabou de tomar banho. A cueca dele deve estar limpiiiiiiiinha e cheirosa.* O sujeito deu só mais uma tragada e, assustado, entrou rapidinho de volta ao hotel. Deve ter pensado: essa cidade só tem doido!"

Outro hotel muito famoso na cidade é o Hotel Modelo, levantado em 1923 pelo construtor italiano Eugênio Borelli, localizado na esquina das ruas Arthur Machado e Getúlio Vargas. Apesar de relativamente conservado, encontra-se com a fachada parcialmente desfigurada.

O respeito ao arranjo arquitetônico original é fundamental para que a memória seja preservada. A arquiteta Elaine Silva Furtado, mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie e professora na Uniube, estudou as relações da arquitetura local com o desenvolvimento econômico da cidade na primeira metade do século 20. Em sua dissertação de mestrado, explica que, no início do século, Uberaba deu um salto de crescimento com a introdução do gado Zebu, e teve que se modificar rapidamente para receber os imigrantes acostumados com conforto. Até então, o estilo

predominante era o chamado eclético – uma fusão de várias tendências estéticas. O *art decó* – que privilegia formas mais arredondadas – despontou na cidade após a segunda fase do apogeu do Zebu, quando os pecuaristas demonstravam seu poder aquisitivo edificando palacetes no estilo predominante nos grandes centros. A história econômica da cidade está, portanto, expressa na sua arquitetura. Intervenções desordenadas, reformas intrusivas ou obstruções no entorno do imóvel prejudicam a coerência do discurso arquitetônico. É mais ou menos como se um engraçadinho suprimisse um parágrafo da história da cidade e inserisse, por conta própria, palavrões e vulgaridades. É o que acontece com algumas lojas instaladas em diversos prédios históricos na região central.

Em frente ao Hotel Modelo, na Rua Getúlio Vargas, onde hoje estão plantadas algumas poucas palmeiras, havia a igreja dos Rosário, ou igreja dos negros, construída por Padre Zeferino Batista do Carmo em meados do século 19. Foi demolida entre o final da década de 10 ou começo de 20 do século passado, em nome do progresso. Segundo a professora Eliane Marquez, não existem fotos ou pinturas que a retratem completamente. Há apenas um croqui, feito a partir de relatos de testemunhas. José Carlos Machado Borges, conhecido como Juquita Machado, de 91 anos, guarda em seus arquivos uma foto parcial de sua escadaria. Ele se lembra da igreja. “Eu era menino e passava à porta quando ia comprar balas e figurinhas de coleção na confeitaria. Era mais bonita que a [igreja] Santa Rita”, diz.

Mais um pedaço da história da vida da cidade que se foi, definitivamente. Nunca mais. Morreu. Acabou.

Aberrações arquitetônicas

Na Praça Rui Barbosa há um triste exemplo de desrespeito ao entorno (área ao redor do patrimônio histórico que deve garantir sua integração ao ambiente urbano). O palacete de Arthur de Castro e Cunha, localizado entre o prédio da Câmara Municipal e uma galeria de lojas, foi construído na segunda década do século passado. A mansão é marcada por uma arquitetura de estilo eclético com características mouriscas. Lamentavelmente, sua visibilidade está definitivamente obstruída por essa galeria que foi

Exuberância do palacete de Arthur Castro e Cunha . . .

Hoje

. . . está condenada a passar despercebida

projetada e edificada sem nenhuma consideração quanto à relevância cultural do palacete. O desprezo é explícito, a obstrução é manifesta, o patrimônio histórico foi simplesmente ignorado. Não é mais possível admirar a beleza da mansão. Sua exuberância está condenada a passar despercebida. Para sempre.

No andar de baixo moram, há 12 anos, o casal Vera Lúcia de Oliveira e Geraldino Diogo de Oliveira com os filhos Diogo e Graziela. Segundo Vera Lúcia, há uns dois anos a casa foi visitada por uma equipe do Arquivo Público para que fossem levantados os custos da reforma. A estrutura foi considerada muito boa, sem rachaduras ou falhas graves. Apenas as pinturas interna e externa encontram-se em mau estado.

Na casa já funcionaram os escritórios de diversos ministérios, a biblioteca municipal e uma associação de municípios. Hoje, o andar de cima está abandonado. No porão da casa — porões altos em rua de declive eram exigência do código de posturas, que regulava as normas urbanísticas da época — está instalado o mais tradicional consultório de radiologia de Uberaba, do Dr. Noraldino Alves de Melo. O consultório, que pertence a Noraldino há 38 anos, foi o primeiro na região a utilizar o aparelho de raio X panorâmico. Importada do Japão em 1975, a boa e velha Panoramax funciona até hoje, junto a outra máquina mais moderna. O consultório é um bom exemplo de ocupação de imóvel histórico. As paredes e o piso estão limpos, bem conservados. "Isso aqui era um porão horrível. Fui arrumando, arrumando, e hoje está isso aí", diz Noraldino.

Na cidade há casos flagrantes de aberrações arquitetônicas que chegam a chocar. Um exemplo gritante é o palacete do coronel Antônio Pedro Naves, localizado na esquina das ruas Manoel Borges e Major Eustáquio. Segundo o escritor e professor na Universidade de Uberaba, Hugo Prata, o palacete foi projetado pelo engenheiro Francisco Palmério, pai de Mário Palmério – escritor, membro da Academia Brasileira de Letras e fundador da Uniube. Em 2002, na parte de baixo do palacete, funcionavam uma lanchonete e uma casa de jogos pintada de azul berrante e letreiros amarelos. A parte de cima está abandonada e imunda. Uma placa

** Aquela esperança manifestada em fevereiro de 2002 foi frustrada. O palacete começou a ser destelhado no dia 13 de dezembro, e foi demolido dois dias depois.*

de tecido toda rasgada e embolorada de um *self-service* que já deixou de funcionar há vários anos despenca de forma ofensiva. É difícil desvendar a beleza do palacete por trás de tanto entulho. Semáforos, placas publicitárias e postes repleto de cartazes disputam em feiura para o desgosto do entorno. É talvez a fachada mais horrenda, mais monstruosa do centro da cidade. Não é capaz de inspirar nenhuma história. O processo de tombamento do palacete já está em andamento no Arquivo Público Municipal. Ainda resta, portanto, pelo menos a esperança. *

Abandono e destruição

Existe um dito popular entre estudiosos de patrimônio que mostra bastante bom senso: "A recusa de preservar assemelha-se a uma ordem de demolição".

Para garantir a manutenção do imóvel, é essencial a sua ocupação. A quantidade de casas antigas abandonadas no centro da cidade não é assustadora, mas há diversos prédios de indiscutível relevância cultural que encontram-se em estado preocupante. Um exemplo é o sobrado localizado no calçadão da Rua Arthur Machado onde funcionava a joalheria mais famosa da cidade, de propriedade de Raul Terra. Hoje a parte de cima está abandonada. Parece que alguém planejou reformá-la algum dia, mas desistiu no meio do caminho, deixando os tijolos enfeiarem o sobrado. A parte de baixo é alugada para uma loja que desfigurou escandalosamente o arranjo arquitetônico com placas de cores berrantes de sua marca. Além disso, o sobrado está espremido entre dois prédios. Sua visibilidade é quase nula. É um solitário indigente esperando a destruição.

Uma casa misteriosa

De todas essas casas abandonadas no centro da cidade, existe uma, entretanto, que preocupa de modo especial porque, como poucas, costuma exercer um grande fascínio por causa de suas características muito peculiares. Aquele átrio cilíndrico, aquela cobertura de entablamento ondulado sustentada por pilares retangulares, aquela escadinha helicoidal protegida por um guarda-corpo de ferro batido e aquele pináculo sobre a cobertura fran-

cesa da varanda inspiram um encantamento que atrai a atenção de todos que passam por seus arredores.

Gustavo Vitor Pena, aluno do curso de História da Uniube, diz que se surpreendeu muito com a originalidade dessa mansão quando a viu pela primeira vez. "Esse tipo de arquitetura é raro na cidade. Se tivesse dinheiro, compraria a casa para preservá-la", diz. A arquiteta Elaine Furtado concorda que é uma construção singular no panorama de Uberaba. "A moda que predominou na cidade foram os estilos eclético e *art decó*. Esta casa de fato possui uma linguagem diferente", afirma. O músico e tatuador Renato Zaca estava inspirado quando se referiu à mansão: "Ela é inesquecível. É uma casa 'bem-assombrada'. Quase todo mundo tem vontade de conhecer por dentro. Ela me surpreende, parece que é meio viva", diz. Márcia Stacciarini, aluna de Arquitetura na Uniube, escreveu que "essa casa representa o que resta da história de Uberaba que, infelizmente, ao longo do tempo, vem sendo substituída por uma arquitetura de péssimo gosto e sem propósito algum".

Localizada na Rua Senador Pena, nº 62, quase na esquina com a Avenida Leopoldino de Oliveira, a mansão está ameaçada por causa do entorno e do abandono. Segundo a professora Eliane Marquez, a casa foi construída para Joaquim Teixeira (o Tititinho), que casou-se com Otília Rosa, sobrinha do Tobias Rosa (vejam como o mundo é pequeno). Tititinho era filho de João Quintino, deputado federal representando Minas Gerais na primeira eleição à Câmara realizada no país; e neto de João Quintino Teixeira, dono da primeira sesmaria (um super latifúndio) de Uberaba, a fazenda Santa Gertrudes.

O terreno original da casa englobava uma área que avançava quase até onde hoje encontra-se a Avenida Santos Dumont. Em 2002, estava espremida entre um estacionamento e uma galeria de butiques. No relatório do Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha/MG) com dados de 1989, disponível no Arquivo Público de Uberaba, está escrito que, apesar do estado de conservação ser bom, "lamentável é o fato da edificação vizinha ter vedado visualmente o prédio em questão".

Hoje, a mansão está desocupada. Em maio de 2002, foi vendida em leilão. Durante muitos anos, a casa foi habitada por dona Antônia Fernandes e dona Gilda, a herdeira. Elas moraram jun-

tas na casa até meados de 2000. Para não abandoná-la por completo, as duas faziam visitas esporádicas ao local, além de dar gorjeta a um funcionário do estacionamento para que ele "desse uma olhadinha" de vez em quando. Dona Antônia diz que decidiram sair de lá porque estavam sentindo-se incomodadas. Segundo ela, uma manilha de escoamento instalada no prédio vizinho despejava todo o acúmulo de água da chuva nas dependências da casa. "Eu desgostei de morar aqui por causa disso. A água que entrava sujou toda a parede do quarto", afirma. A garagem e um anexo eram alugados para um consultório odontológico. Não se sabe o que o novo proprietário, dono de um bingo também na região central, pretende fazer com seu imóvel.

A última boa história ocorrida por lá foi uma festa de Noite das Bruxas. A idéia foi de Cleide Sara, que declara-se apaixonada pela casa. "Ela tem um clima misterioso, eu morria de curiosidade de entrar lá. A fachada sempre me impressionou. Quando passo pela calçada, especialmente à noite, fico viajando na casa". Em outubro de 2001, Cleide conseguiu alugá-la por uma noite, para fazer uma festa das Bruxas.

A idéia acendeu o imaginário de todo o seu círculo de amigos. Uma festa naquela casa? Era demais! Todos teriam oportunidade de conhecê-la, afinal.

Foram feitos convites limitados. A divulgação foi praticamente boca-a-boca. Cleide convidou umas bandas e decorou os interiores com quadros, mandalas e tecidos. O amigo Robinho, da Rarus — popular sebo de discos na cidade — , cuidaria da seleção das músicas no aparelho de som. O Zé Leôncio, gaiteiro conhecido de todos, vai estar lá, quem sabe dá uma palhinha no final?

A festa começou à meia noite. Poucos minutos depois que o "Seu Juvenal" — uma das bandas convidadas — começou a tocar, (estavam na segunda ou terceira música) a polícia bate à porta e pede para parar, informando que todos os vizinhos ligaram furiosos por causa do barulho. A banda parou e todos se sentiram frustrados. Um clima constrangedor infestou a casa e a turma, aos poucos, se debandou. A tão aguardada festa acabou antes de começar pra valer. Mas o gostinho de ter conhecido a casa, nem que seja por uma noite, esse ninguém tira.

Casa provoca admiração pelo seu arranjo arquitetônico singular. Espremida entre uma galeria de butiques e um estacionamento, está ameaçada sobretudo devido o abandono

Hotel Regina, hoje abandonado e caindo aos pedaços, acolhia viajantes, mascates e representantes comerciais

Sobrado onde funcionou a joalheria de Raul Terra, no calçadão da rua Arthur Machado. Hoje o andar de cima está abandonado, e o térreo desfigurado.

Palacete de Antônio Pedro Naves, localizado na esquina das ruas Manoel Borges com Major Eustáquio, virou uma aberração arquitetônica. Em dezembro de 2002 foi finalmente demolido.

Nos anos 30, a casa de jogos do Custódio recebia um ilustre e temido personagem: Aníbal Vieira, o mais famoso matador profissional da região na época

Hotel Modelo, apesar de relativamente conservado, está com a fachada desfigurada

Prédio onde funcionou a antiga Escola de Farmácia e Odontologia de Uberaba

Prédio construído para abrigar o cine Polyteana, na rua Manoel Borges. Posteriormente desativado, foi ocupado por lojinhas e bares ordinários, onde "moças de boa família" eram proibidas de frequentar. Foi demolido depois que um incêndio deixou sua estrutura comprometida. Localizava-se mais ou menos no terreno onde funcionava a filial das Lojas Brasileiras, e hoje está desocupado

DEMOLIDA

Esse prédio, localizado na praça Rui Barbosa, foi construído para o Major Eustáquio, o fundador de Uberaba. Posteriormente, foi residência de Borges Sampaio, personagem fundamental da história da cidade. Adquirida pela família Ricciopo, no prédio funcionou durante vários anos a Notre Dame de Paris, famosa loja na região central. A edificação foi demolida em meados da década de 80. Situava-se no terreno onde hoje funciona o Chaves Palace Hotel, inaugurado em 1988.

Casa do Coronel Geraldino Rodrigues da Cunha, demolida na década de 80. Ficava na praça Rui Barbosa, no terreno onde hoje funciona o Elvira Shopping

Publicado no Revelação nº 196,
em 25 de fevereiro de 2002.

Menção Especial na categoria Jornalismo do Prêmio Estímulo a Cidadania, na Expocom/Intercom, em Salvador, 2002.

O enigma da conservação

Patrimônio histórico e cultural só tem sentido enquanto consciência crítica do presente

Uma questão fundamental está sempre à espreita e invariavelmente salta aos olhos quando é discutido o problema da preservação do patrimônio histórico*: para quê, afinal, conservar casa velha, em vez de arrebentar tudo e construir outra?* Lembro-me de um colega que achava graça da opinião do avô, morador antigo da cidade de Ouro Preto, reclamando do cheiro de mofo das casas*: "tinham é que bater foto de tudo quanto é jeito, pra lembrar, e então demolir a cidade toda"*, dizia.

De fato, o problema é complexo e envolve questões culturais, históricas, econômicas, sociais e estéticas. A argumentação que sempre vem à mente dos preservacionistas é que o patrimônio histórico representa a valorização da memória coletiva das sociedades em seus territórios. No contexto da enorme velocidade das transformações industriais e diante a ameaça de desaparecimen-

to desses símbolos urbanos, a conservação promoveria a manutenção das referências que garantiriam a identidade cultural. Assim como um indivíduo viveria mal sem memória, também uma coletividade precisa de uma representação constante do seu passado. Para eles, o objetivo fundamental é garantir às gerações futuras o direito de usufruir de um meio ambiente saudável e de uma herança histórica que as distinga e as identifique perante os diferentes povos.

Por outro lado, a obsessão pela conservação pode desembocar em uma nostalgia romantizada de um passado que não existiu. Entusiastas acríticos costumam reivindicar a mera petrificação de todos os imóveis urbanos, desejando conservar referências mortas do passado que nada dizem ao presente, além de relegar a segundo plano justamente o que, na teoria, pretenderiam conservar: o imaginário social das memórias coletivas.

Portanto, faz-se necessário uma distinção crítica entre o que deve ser conservado e o que deve ser destruído. "A preservação, pura e simples, não basta; ela deve ser estimulada por um interesse coletivo de apropriação e de recolhimento", escreve o cientista Social Henri-Pierre Jeudy no estudo *Memória do social*. Isso significa que a conservação do patrimônio só tem sentido se a comunidade inteira assim o desejar. Além disso, esse desejo deve ser expresso através de propostas claras para o usufruto do imóvel, e que sejam acessíveis a toda a população. Para Jeudy, a cultura da conservação deve necessariamente caminhar junto às necessidades de desenvolvimento econômico e social da cidade. A ação cultural, além de enfocar as questões existenciais de um povo, deve estar evidentemente voltada para problemas reais de trabalho, habitação e lazer da comunidade.

Tombamento

O advogado e professor de Direito na Uniube, Aflaton Castanheira, afirma que um dos maiores problemas nesta ação cultural é que a comunidade desconhece a legislação municipal, que tem plenos poderes para promover a proteção ao patrimônio. O Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural de Minas Gerais (Iepha/MG) informa que qualquer cidadão pode solicitar o pro-

cesso de tombamento de um bem cultural, seja em âmbito municipal, estadual ou federal. A relevância do patrimônio histórico é então examinada por uma comissão competente e, se for verificada a importância da proteção legal, o proprietário é notificado e o processo será aberto. Em março de 2002, o Arquivo Público de Uberaba era o órgão que cuidava do levantamento dos bens históricos e culturais da cidade (depois disso, o Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Artístico de Uberaba – Comdephau - foi reativado e voltou a ser a instância competente nessa matéria). Marta Zednik Casanova, pesquisadora e coordenadora do Arquivo, informou que, até aquele momento, existiam quinze bens tombados em nível municipal, entre eles a locomotiva "Maria Fumaça". Naquela época, três imóveis estavam com os processos em andamento. A coordenadora afirma que desde 1990 o poder público vem aplicando uma política municipal de tombamento. "O Arquivo tem uma equipe de pesquisadores que se preocupam com o levantamento histórico desses bens. É um trabalho complicado porque em muitos casos os próprios donos dos imóveis colocam empecilhos", diz. O único bem tombado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é a Igreja Santa Rita, atual Museu de Arte Sacra.

Aflaton Castanheira informa que o tombamento constitui-se em um regime jurídico especial de propriedade, levando-se em conta sua função social. "Esse recurso não altera os direitos fundamentais do proprietário; permite que o imóvel seja vendido, alugado ou reformado. Mas as transações devem ser previamente autorizadas pelo órgão competente que deve garantir a continuidade da memória", diz.

Contudo, mais uma vez, é essencial a participação e vigilância ativa da comunidade, à qual compete decidir sobre o futuro de seus bens culturais. Até porque, como escreveu o historiador Nelson Werneck Sodré, "na selvageria de que é capaz o capitalismo num país subdesenvolvido como o nosso, a eficácia de tais instituições e a aplicação de tais leis são muito precárias".

Política de incentivos

Nas Diretrizes para Proteção do Patrimônio Cultural elabora-

do pelo Iepha/MG, são enumeradas várias medidas de estímulo às ações de preservação, tais como o incentivo à instalação de órgãos públicos em prédios históricos, isenção de IPTU para facilitar aos proprietários de imóveis tombados o cuidado com sua manutenção, além das leis estaduais e federais de incentivo que prevêem percentuais de renúncias fiscais para empresas que investem em cultura. Uma das medidas empreendidas pelo Estado é o bônus construtivo, que incentiva o proprietário com ações que beneficiem objetivos urbanísticos". Em sua página na Internet (www.iepha.mg.gov.br) o instituto encarregado da proteção do patrimônio cultural do Estado dá informações sobre seus programas e orienta acerca dos diversos mecanismos de proteção e legislação.

Ruínas e qualidade de vida

"Um espírito malicioso definiu a América como uma terra que passou da barbárie à decadência sem conhecer a civilização". Assim o antropólogo Claude Levi-Strauss começa o capítulo que descreve o desenvolvimento de São Paulo em seu clássico livro, Tristes Trópicos. "A passagem dos séculos representa uma promoção para as cidades européias; para as americanas, a simples passagem dos anos é uma degradação", observa. O escritor Inácio de Loyola Brandão compartilha dessa análise. "Produzimos ruínas mais rapidamente que eles [os europeus]. Nossos prédios se decompõem em vinte anos. Os deles levaram quinhentos, mil para se corroer", escreve em "O verde violentou o muro".

Para Pedro Álvares Fernandes, professor do curso de Serviço Social da Uniube, a presença de prédios deteriorados no espaço urbano reflete negativamente na qualidade de vida das pessoas. "Quando falam sobre preservação ambiental, normalmente as pessoas pensam na proteção de rios e matas, mas se esquecem que a rua em que moram, os bairros e o centro da cidade são o meio ambiente em que vivem de fato", afirma. Pedro Fernandes lembra ainda que existem estudos relacionando a degradação do patrimônio com a violência urbana. "Quando o cidadão sente que o poder público é omisso ou está desrespeitando a cidade, sente-se no direito de desrespeitá-la também. Pesquisas feitas em peri-

ferias demonstraram que os índices de vandalismo e violência diminuem naturalmente quando a administração pública mantém os bairros limpos e bem cuidados", diz o professor. Para ele, o desprezo pelos prédios históricos é uma agressão à toda comunidade.

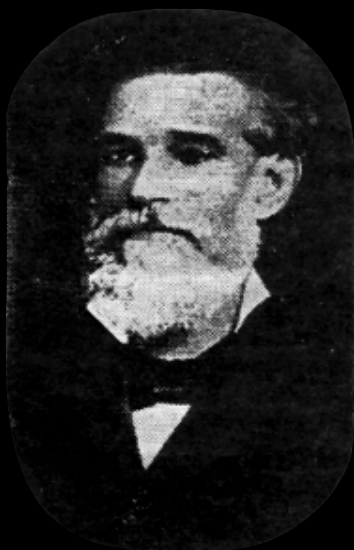
Mas afinal, preservar para quê, mesmo?

Se o patrimônio histórico representa a memória coletiva, o objetivo último a ser alcançado nas iniciativas de preservação é, portanto, a própria memória, e não sua representação através do patrimônio que, isolado de seu contexto, de fato, não passa mesmo do que chamam de "uma casa velha qualquer". A conservação pela conservação perde o sentido quando desvinculada dos aspectos dinâmicos do que o cientista social Henri-Pierre Jeudy chama de "construção do edifício da memória coletiva". Portanto, o que parece ser cada vez mais o objeto de conservação é "a própria vida social e afetiva da comunidade".

Jeudy escreve que o patrimônio histórico não deve ser entendido como um objeto portador de uma memória estática, pois, se por um lado serve como símbolo de uma época, por outro está inserido em um processo histórico que — perdoem a obviedade — está em andamento, ainda não acabou: assim como a sociedade, os símbolos culturais também sofreriam mutações de significados no decorrer dos anos.

Jeudy vai além. Argumenta que o patrimônio não configura-se como um depósito da memória, mas como um elemento detonador de investigações culturais ou, em suas palavras, "fundador de uma interrogação sobre o sentido das mutações da sociedade". O patrimônio cultural seria válido na medida em que inspirasse, através de sua existência material, momentos de reflexão histórica no dia-a-dia da cidade. Em outras palavras, o espírito da preservação torna-se importante não só por causa de suas características de testemunha da memória coletiva, mas, sobretudo, enquanto consciência crítica do presente e como promessa de um modelo de desenvolvimento que respeite o cotidiano cultural, os movimentos sociais e a história da vida dos habitantes de uma comunidade. ■

CINE THEATRO SÃO LUIS
DAMITA

Pça Rui Barbosa
Casa da esquina assombrou imaginário popular
Filhas e vizinhos morreram de tuberculose.
Mansão é demolida no início do século XX.
Nunca mais foi construído nada no terreno desde então.
Ninguém tem fotos da casa.

Tragédia das filhas de
Wenceslâu Pereira de Oliveira
foi abafada pela alta sociedade

Maria Castorina, a Cotinha, e seu marido Carlos Baptista Machado. Filha legítima de Wenceslau, seu nome foi suprimido em livro da história

Liga Brasileira contra a Tuberculose,
fundada em 1900, realizou intenso trabalho
de propaganda para tentar controlar a epidemia

José Carlos Machado Borges, o Juquita Machado,
autor da árvore genealógica dos Borges,
é notório na cidade por sua memória
prodigiosa aos 91 anos

*Publicado no Revelação nº 207,
em 13 de maio de 2002.*

Menção Especial na categoria Jornalismo do Prêmio Estímulo a Cidadania, na Expocom/Intercom, em Salvador, 2002.

Selecionada no Relato de Experiência do Seminário Internacional Memória, Rede e Mudança Social, promovido pelo Museu da Pessoa, em São Paulo (SP), 2003.

História estava condenada ao esquecimento

Apagada dos registros históricos, caso desaparecia aos poucos na tradição oral

Em meados do século 19, Capitão Manoel Prata – amigo de Major Eustáquio, o fundador de Uberaba – mandou construir a casa na esquina da Praça Rui Barbosa com a Rua Santo Antônio. Lá foram morar sua filha Anthonia Mathilde Prata, a Antoninha, juntamente com o marido Wenceslåu Pereira de Oliveira, o Vença, agente executivo de Uberaba (cargo que hoje corresponde ao de prefeito) por dois mandatos. Vença e Antoninha tiveram nove filhos. A filha Anna Mathilde, a Quituca, casou-se com Arthur Machado. O filho João Eusébio Prata, o Bem Prata, chegou a ser agente executivo na década de 30. Joaquim e Wenceslåu, o Lauzinho, eram os nomes de mais dois filhos. Mas todos eles estão fora dessa história. A filha Anthonia Mathilde, a Tonica, casou-se com Zacarias Borges de Araújo e tiveram dois filhos: Lauro Borges e Zacarias, o Borgico. Foram morar na casa vizinha, na Rua Santo Antônio. Voltaremos a falar deles. Maria Castorina, a Cotinha, casou-se com Carlos Baptista Machado mas morreu antes dos pais. Não se sabe a causa. Três

filhas, listadas na árvore genealógica da família apenas pelos prenomes ou por apelido – Olivia, Bembem e Julia –, não se casaram, não geraram descendentes, continuaram a morar na casa e, como será mostrado, terão fim trágico.

A casa do lado direito, na Rua Santo Antônio, pertenceu a Zacarias e Tonica que moravam com os filhos Lauro e Borgico. Na casa do lado esquerdo, na Praça Rui Barbosa, o porão era dividido em dois, abrigando, de um lado, o açougue de Don'Anna Felicce, mãe de Genário Felicce, que gostava de tocar violino; e do outro, a bicicletaria de Vitorio Varoto. Don'Anna também sofrerá pelo outro filho, o irmão de Genário.

José Carlos Machado Borges, de 91 anos, conhecido como Juquita Machado, lembra-se do sucesso da bicicletaria de Vitorio Varoto. "Ele ganhou muito dinheiro consertando bicicleta. Não sei de onde saía tanta bicicleta", diz. O prédio imediatamente posterior era o antigo Teatro São Luiz. Juquita Machado conta que nunca se esqueceu desse prédio porque sempre que subia o morro e passava à porta via o buraco de bala na parede. "Gabriel Anconi, um amigo da família, jornalista, vizinho de minha avó, deu um tiro num jardineiro uma vez. Os Anconi eram muito violentos", lembra. A casa mais abaixo foi de Joaquim Rodrigues de Barcelos, o Major Quincota, mas ele também está fora de nossa triste história. Da casa da esquina, Juquita Machado lembra-se vagamente, pois era criança ainda quando passava à porta para ir à Igreja. Ele imagina que foi demolida em meados da década de 10, depois das desgraças que atingiram as famílias. Desde então, nada foi construído lá. O século 20 mal alvorecia e as nuvens da peste já haviam rondado a esquina da Praça Rui Barbosa.

Escarrar e cuspir

A tuberculose foi uma moléstia que apavorou o imaginário popular a partir do final do século 18. Poetas românticos como Álvares de Azevedo, Cruz e Souza, Castro Alves, Cesário Verde, entre outros, a idealizavam como doença de intelectuais: morrer desse mal era tido como um charme mórbido. Entretanto, no final do século 19 a moléstia transmitida pelo bacilo de Koch foi qualificada como "mal social", ou "peste branca", pois a epide-

mia devorava a população em proporções assustadoras. A violência e rapidez dos sintomas fez com que ganhasse o apelido de "galopante". Segundo o estudo *Memória da tuberculose,* coordenado pela pesquisadora Tania Maria Dias Fernandes e disponibilizado no site da fundação Oswaldo Cruz, (www.fiocruz.br/coc/ catalogo-tuberculose) a Liga Brasileira contra a Tuberculose, fundada em 1900, chegou a realizar intenso trabalho de propaganda para tentar minimizá-la, mas somente com a reforma sanitária de Carlos Chagas, em 1920, é que foi criada a Inspetoria de Profilaxia da Tuberculose. Era muito tarde para Olivia, Bembem e Julia.

Em pesquisa desenvolvida no programa de pós-doutorado em História Social do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, Tania Andrade Lima explica que o hábito de escarrar e cuspir em público era considerado um comportamento refinado na alta sociedade do século 19. As escarradeiras ou cuspideiras, de porcelana fina, vidro ou metais nobres, foram muito utilizadas. Nas casas, eram deixadas à disposição das visitas no chão da sala e no gabinete de fumantes. Aquela raspada ruidosa na garganta, seguida de pressão nas bochechas, prenunciando o lançamento do jato triunfal na escarradeira da sala, durante um agradável bate-papo entre senhoras, era não apenas socialmente tolerado, mas sobretudo uma demonstração de elegância e presença de espírito.

"Associando o hábito de escarrar a um dos problemas de saúde mais freqüentes na época — a tuberculose —, é bastante provável que esta prática tenha contribuído fortemente para a rápida disseminação do bacilo de Koch no século passado" escreve a pesquisadora no artigo *Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século 19*. Em ambientes fechados, sem ventilação, gotículas dos escarros ficam em suspensão e favorecem a contaminação.

De fato, em 1934, anos depois do início das reformas de Chagas, foi publicado um edital no Rio de Janeiro onde se proibia terminantemente o ato de cuspir e escarrar: "*Tornando-se necessário conjurar esforços subsidiários no sentido de diminuir as probabilidades e contaminação pelo terrível flagelo que a Tuberculose constitui (...) Faz-se público a seguinte determinação: É proibido escarrar no chão, quer na via pública, quer nos edifícios municipais (...) ou em qualquer veículo que transite nessa cidade, bem como em hotéis, casas de pensão*

ou pasto, nos cafés e em todos os estabelecimentos comerciais abertos ao público". Muito tarde para Lauro Borges e seu irmão, Borgico. Homens elegantes que eram, provavelmente não se furtavam à fineza de dar aquela escarradinha entre os colóquios familiares na sala de dona Antoninha, ou de outras famílias portadoras do bacilo. Escarradinhas fatais, como veremos.

Vomitando sangue

O principal sintoma da tuberculose é a tosse, no início seca e depois com secreção. Em estágios avançados o doente costuma tossir sangue. A febre é moderada e costuma aparecer à tarde. O tuberculoso também sofre de anorexia, dor no peito, suores noturnos e forte sensação de cansaço.

A condição terminal é lamentavelmente repulsiva. O doente assemelha-se àquelas caveiras cobertas de pele podre que ficam se arrastando e gemendo nos piores filmes de horror. Juquita Machado não conheceu pessoalmente as filhas de Wencesláu, mas lembra-se do caso. "Eram moças fortes e de repente – é uma morte muito violenta! – começaram a vomitar sangue, e *páf!".*

O drama da família de Wencesláu e Tonica foi completamente abafado na sociedade. Há apenas uma sutil referência, na imprensa da época, sobre a agonia familiar com a tuberculose de Olivia, Bebem e Julia: um texto de Hidelbrando Pontes republicado no Almanaque Uberabense de 1911, escrito por ocasião da morte de Wencesláu. Mas isso será falado mais adiante.

Algum tempo depois dessa tragédia na casa da esquina, os vizinhos da Rua Santo Antônio passaram a tossir seco... Eram Lauro Borges, então um jovem advogado e jornalista, e o irmão Borgico. Lauro formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela faculdade de Direito de São Paulo e escrevia regularmente na *Gazeta de Uberaba*, de Tobias Rosa. Com seu primo, Dr. Alaor Prata Soares, fundou e dirigiu o jornal *O Tempo* por cinco anos. Jovem ainda, tinha fama de ser brilhante. Para a angústia de Tonica, a mãe, (Zacarias, o pai, havia morrido em 1897) aquelas tosses assemelhavam-se cada vez mais com os sintomas daquela doença que não ousavam sequer dizer o nome; a "insidiosa moléstia". As suspeitas foram confirmadas quando os rapazes, entre uma escarrada e ou-

tra, tossiram sangue. A mãe, desesperada, decidiu levá-los à Suíça para que respirassem o ar das montanhas – na época, acreditava-se que o clima montanhês, aliado ao repouso e à boa alimentação, proporcionasse cura espontânea. Juquita Machado lembra que, no Brasil, a cidade de Campos do Jordão abrigava sanatórios que recebiam tuberculosos de todo o país. Em *Memória da tuberculose,* o médico Raphael de Paula Souza relata em depoimento: "Alguns morriam logo que chegavam na estação de Campos do Jordão. (...) Morriam ali no próprio pátio onde se descia, ali na estação. Isso era freqüente. Era coisa diária, uma coisa trágica".

Juquita Machado guarda histórias do sofrimento de Tonica, que é sua tia-avó. "Ela perdeu uma das asas do nariz por causa da geada na Suíça. Depois colocou um enxerto, mas ficou escuro, de modo que a gente olhava e via a diferença", conta. Lauro Borges foi devorado pela tuberculose e morreu na Europa aos 26 anos em 31 de janeiro de 1913. Para acompanhar a agonia do outro filho, Tonica decidiu permanecer no velho continente. Lá passou o Natal e Ano Novo. Enquanto isso, o corpo de Lauro ficou depositado em um caixão de chumbo. O tempo foi passando e uma outra bomba relógio na vida da sofrida mãe estava prestes a explodir...

Em 28 de junho de 1914, o arquiduque Francisco Ferdinando, sucessor do Império Austro-Húngaro, e sua esposa são assassinados durante visita a Sarajevo, na Bósnia-Herzegóvina. Borgico não apresentava melhoras e continuava em tratamento na Suíça. A mãe cada vez mais aflita...

No dia 3 de agosto de 1914, o mundo entra em guerra. O Reino Unido alia-se à França; a Turquia, do lado dos alemães, ataca os portos russos no mar Negro; o Japão, interessado nos domínios germânicos no Extremo Oriente, engrossa o bloco contra a Alemanha: é a Primeira Guerra Mundial. Em 22 de agosto de 1914, Borgico falece na Suíça consumido pela tuberculose. Segundo a historiadora Eliane Marquez, uma versão dessa história que ainda circula em relatos orais conta que Tonica teve grande dificuldade para voltar a Uberaba com os corpos dos filhos por causa da agitação no Atlântico. Não se sabe direito como conseguiu. A aluna de História da Universidade de Uberaba, Cristiane Ferreira, foi ao cemitério municipal conferir, no jazigo da família, as datas de morte de Lauro

Borges e Borgico. Os registros conferem com os relatos de memória de Juquita Machado, assim como a hipótese relatada por Eliane Marquez, de que Tonica pode ter tido problemas para retornar: Lauro Borges faleceu de fato em 31 de janeiro de 1913; Borgico em 22 de agosto de 1914. Tonica, que viu as irmãs e os filhos consumidos pela tuberculose, só veio a falecer em 30 de abril de 1941.

Vamos voltar alguns anos e observar a casa da esquina. Desolada com a morte das filhas, desconsolada com a morte do marido em 1910, Antoninha decidiu vender a casa. Há relatos sugerindo que o poder público dedetizou os cômodos, mas mesmo assim ninguém quis comprá-la. Juquita Machado diz que é o "medo do *micróbio*". Em outra versão, diz-se que uma família chegou a comprar a casa. Alguns relatos genéricos contam que essa família não viveu muito tempo para desfrutá-la, pois os membros teriam morrido todos de tuberculose. Entretanto, não foi encontrado nenhum documento, indício ou relato de memória sobre essa suposta família. Juquita Machado lembra-se que um filho de Don'Anna, irmão de Genário, o que gostava de tocar violino, também morreu de tuberculose. A casa da esquina foi finalmente demolida, provavelmente na primeira década do século. E aí está, então, o primeiro fenômeno que torna esse nosso mistério definitivamente intrigante: nunca mais, desde a década de 10, foi construída qualquer edificação neste terreno.

Terreno baldio no centrão da cidade

Hoje, no terreno da esquina da Praça Rui Barbosa com a Rua Santo Antônio, entre o edifício Éden e um laboratório médico, funciona um estacionamento. Desde a década de 10, nunca foi erguida qualquer tipo de construção nessa esquina. A historiadora Eliane Marquez lembra que, em sua infância, o terreno chegou a abrigar por uns tempos uma espécie de parquinho com brinquedos e carrossel; mas nenhuma construção. Um uberabense de 77 anos lembra-se de histórias que viveu no terreno baldio quando era criança. Desconfiado, preferiu entretanto não se identificar. "Não quero falar meu nome. Uma vez dei uma entrevista na TV – aquelas enquetes de opinião – e meti o pau! Aí a turma me viu e ficou ligando lá em casa enchendo o saco!", brinca.

Ele diz que, desde que se entende por gente, aquele terreno

Em uma das raras fotos da praça Rui Barbosa onde o ângulo engloba a esquina das ruas Santo Antônio com Olegário Maciel, nota-se a falha do terreno baldio no meio dos outros prédios

Terreno utilizado hoje como estacionamento, em foto de março de 2004

permanece vazio. "De 70 anos pra cá nunca foi construído nada. Por muito tempo foi terreno baldio, cheio de capim, não tinha nem *fechamento*". Nas primeiras décadas do século passado o jardim da Praça Rui Barbosa era repleto de palmeiras. "Eu era menino e guardava folhas de palmeira no terreno baldio pra brincar depois na porta da catedral. Um montava na folha e o outro puxava. Brincadeira sadia. Quem acabou com as palmeiras foi aquele Wadir Nassif, prefeito na época da ditadura do Getúlio", disse.

O uberabense Afrânio Luiz de Azevedo orgulha-se da boa memória e da saúde exibida aos 83 anos. "Sou de 5 de abril de 1919. Nunca fiz extravagância. Só bebi pinga uma vez na vida e fiquei tonto", disse. Seu Afrânio já prestou muitos serviços na Rua Santo Antônio. "Eu que forneci as pedras de tapiocanga para casa de Mariquinha Machado Borges e do Coronel Geraldino, [presidente da câmara dos vereadores e agente executivo em 1924, substituindo Leopoldino de Oliveira]", diz. Nos seus 83 anos, afirma que nunca viu qualquer construção naquele terreno da esquina.

Atualmente, nessa obsessão tarada por estacionamentos, compreende-se, a contragosto, que um terreno baldio surrealista, localizado no ponto central da cidade, seja explorado economicamente num negócio de guardar carros. A sanha por vagas é tão doentia que, vez ou outra, ouvem-se rumores de proprietários pretendendo destruir o patrimônio histórico para instalar estacionamentos. Se a sociedade e o poder público não ficarem *de olho*, a memória de Uberaba pode ir ao chão a qualquer momento. Mas essa fúria maníaca por vagas para carro, pretexto utilizado há quinze ou vinte anos, não explica o terreno baldio que atravessou o século.

Alguns dos entrevistados imaginam que a especulação imobiliária por si só congelou o terreno em todo o século 20. Alguns taxistas no centro da cidade – é impressionante como esses sujeitos sabem de tudo – afirmam que o lote foi comprado pelo fazendeiro Osório Adriano e deixado como herança à família. No entanto, outras pessoas lembram que, nessa história, pousa o espectro da superstição e do imaginário popular. E há também um outro mistério que deixa o caso ainda mais charmoso: apesar das dezenas de fotografias retratando a Praça Rui Barbosa da época, não há fotos dessa casa. Mas isso será explicado mais adiante.

História estava quase perdida

Poucas pessoas na cidade conheciam esta história com detalhes. Eliane Marquez afirma que o caso sobrevivia apenas na tradição oral. Não existia qualquer relato por escrito. Por isso, estava quase perdida com a passagem das gerações. O historiador e pesquisador do Arquivo Público, Pedro Coutinho, afirmou que já ouvira falar da história, mas sem detalhes. Fontes das famílias que preferiram não ser identificadas ajudaram a construir grande parte desse quebra-cabeça.

Ao entrevistar as pessoas na praça dos Correios, na Praça Rui Barbosa e no calçadão da Rua Arthur Machado, percebe-se que poucos conhecem a história, e mesmo assim de forma bastante imprecisa. Vera Lúcia Chaves de Oliveira, de 49 anos, moradora do centro da cidade, já ouviu falar, de forma muito superficial, de uma antiga história de certa família que morou na praça e morreu de tuberculose. O uberabense Benedito José da Silva, aos 75 anos, já ouviu algo parecido, também de forma muito difusa e genérica. Célia Regina, de 55 anos, voluntária do VENCER – grupo de apoio às famílias de doentes de câncer –, lembra que seus avós contavam a história para passar medo nela quando criança. "Se a gente não queria tomar remédio, eles falavam: toma, senão vai acontecer igual à família da casa da Rui Barbosa", lembra.

Maria da Silva, catadora de papel no centro da cidade, nunca ouviu falar da história. "Eu sei é do caso dos meninos que nasceram peludo e com a *formatura* igual macaco. Tem um tempo já que aconteceu. Eles moravam lá na Mata do Ipê. Não sei se ainda estão lá. Essa dos tuberculosos eu não conheço", diz.

Provavelmente por tratar-se de família da alta sociedade uberabense, a imprensa e mesmo os livros de história relegaram não só a história, mas as próprias pessoas ao esquecimento. De fato, em depoimento à *Memória da Tuberculose*, o médico Aldo Villas Boas relata que a tuberculose era um tabu. "Nenhuma família admitia ter um caso de tuberculose, embora todas tivessem".

Em *História de Uberaba*, de José Mendonça (Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1974. p. 221), estão registrados apenas quatro filhos de Wencesláu: João Eusébio, Joaquim, Ana e Antônia. Não há sequer referência às filhas mortas. Entretanto, no livro de

árvore genealógica *Do Silva ao Prata*, de Delia Maria Prata Ferreira, (1990, p.95), as filhas Olivia, Bembem e Julia estão registradas nos sub itens 2.7, 2.8 e 2.9, referentes aos filhos do casal Wenceslau e Antônia, dessa forma mesmo, ou seja, apenas no prenome ou, no caso de Bembem, no apelido. Em História de Uberaba, como se viu, notava-se também a omissão de mais dois filhos: Maria Castorina, a Cotinha; e Wenceslau, o Lauzinho. No livro de Délia, Cotinha está registrada no sub item 2.6, que também traz a foto reproduzida nesta reportagem.

No Almanaque Uberabense de 1911, editado pela Livraria Século XX (p. 152-158), disponível no Arquivo Público Municipal, encontra-se um artigo publicado em reverência à memória de Wenceslau, falecido no ano anterior. O estilo é um *nariz-de-cera* delicioso, na melhor tradição das letras barrocas. O texto discorre uma bonita biografia de nosso personagem. Descobre-se que Wenceslau era professor e fundou, atendendo a convite do engenheiro Fernando Vaz de Mello, o colégio Vaz de Mello, o primeiro estabelecimento de ensino de Uberaba, segundo o relato do Almanaque.

Em artigo assinado por Hidelbrando Pontes, nessa mesma edição do Almanaque Uberabense, a relação de Wenceslau com os alunos é assim descrita, com a seguinte grafia de época: *"Com que caricias, intuição e methodo não fazia elle gravar no cerebro juvenil dos nossos patricios lições de arithmetica, portuguez, francez e latim (...)*. Wenceslau também escreveu para o Gazeta de Uberaba e foi correspondente durante muitos anos do Correio Mercantil, do Rio de Janeiro.

E então os detalhes que queremos*: "Aqui contrahiu nupcias com a exma. sra. d. Antonia Mathilde de Oliveira, filha legítima do Capitão Manoel Joaquim da Silva Prata, em 28 de setembro de 1856***, tendo desse consorcio nove filhos, dos quaes sobrevivem quatro** *(...) (grifo nosso).* Cotinha, portanto, já havia morrido antes do pai. Não se sabe se foi também tuberculose.

No texto de Hidelbrando Pontes, encontramos, finalmente, depois de uma verdadeira ode à figura de Wenceslau, uma referência à tragédia que levou a família ao desespero:

"Bom cidadão, espírito culto, alma generosa, dois annos depois eil-o pelos laços do matrimonio ligado a uma distincta moça de

conceituadissima familia desta terra.

Decorrem-se os anos, vemol-o rodeiado de seus herdeiros para os quaes o seu bello coração de mineiro nato é um precioso vaso, a transbordar incessantemente os mais sublimes exemplos de honestidade e bondade. ***Mas a sorte amara entendeu escolhel-o para seu divertimento, roubando-lhe a curtos intervalos maior parte desses fragmentos de sua alma e leval-os para muito longe... além.***

Esses golpes bruscos, tão naturaes, mas inconformaveis, deixaram nas suas vene-radas faces profundos sulcos visiveis mesmo através do eterno sorriso errante dos seus lábios" *(grifo nosso).*

Coitado de Wencesláu e Antoninha. Devem ter sofrido demais. Na primeira edição do Almanaque Uberabense, em 1895, estão listados os nomes e endereços de todos os estabelecimentos comerciais da cidade na época. Na Praça Rui Barbosa, que então chamava-se largo da Matriz, constam nessa listagem, entre outros escritórios, o consultório médico do Dr. José Joaquim O. Teixeira e a "pharmacia" Sampaio & Zeferino. Na edição de 1911 do Almanaque foi publicado um anúncio de um remédio contra a tuberculose, o PHOSPHO-THIOCOL granulado de Gioffoni. *"Restaurador pulmonar de grande valor, o PHOSPHO-THIOCOL de Gioffoni tonifica o organismo de modo a resistir á invasão do bacilo de Koch e extermina este quando já há contaminação. Adorável ao paladar, pode ser usado puro ou no leite, cujo sabor não altera (...)".* Portanto, em um exercício livre de reconstituição do cotidiano histórico, permitiríamos imaginar dona Antoninha caminhando aflita até o consultório do Dr. Teixeira, que receitava o PHOSPHO-THIOCOL granulado de Gioffoni, que era então comprado na *pharmacia* Sampaio & Zeferino, tudo no largo da Matriz.

Mas outro fenômeno concorre para que a história permaneça no esquecimento: não há, nos principais arquivos de Uberaba ou nos guardados pessoais de descendentes, nenhuma foto da casa. Além disso, em toda a história da cidade, há pouquíssimas fotos daquela esquina, como será demonstrado a seguir.

Não existem fotos da casa

Eliane Marquez possui um grande arquivo de fotografias históricas da cidade. A pedido da reportagem, selecionou dezenas

de reproduções da praça do final do século 19 e primeira metade do século 20, certa de que encontraria a casa em questão. Nada feito. Admitiu que não tinha a foto. Uma fotografia retratando uma parada de alunos maristas em 1916 parece ter, ao fundo, o espectro da casa. Porém, não dá para ter certeza, porque está muito embaçada e embaralhada. Flávio Arduino Canassa, historiador e pesquisador do Arquivo Público Municipal, procurou no respeitável acervo da instituição, mas não encontrou. A única foto disponível em que talvez a casa esteja presente, bem lá no fundo e de forma muito difusa, é uma reprodução da mesma foto da professora Eliane Marquez. Na sala de pesquisa coletiva do Arquivo encontra-se, afixado na parede, uma fotografia do largo da Matriz, tirada em 1894, onde a casa parece estar ao fundo, mas de forma bastante difusa e espectral.

O escritor e professor na Universidade de Uberaba, Hugo Prata, tem em suas mãos uma coleção da revista Lavoura & Comércio com exemplares a partir de 1918. Há dezenas de fotografias da praça, tiradas em épocas diferentes. Mas nada da casa. Juquita Machado tem a alma de arquivista e guarda consigo fotografias reunidas nos seus 91 anos de vida. Também não tem foto da casa. Na coleção do Almanaque Uberabense, disponível no Arquivo Público, há muitas fotos da praça: a casa não aparece em nenhuma. A Biblioteca Central da Universidade de Uberaba tem livros, teses e monografias sobre a cidade. Algumas obras apresentam diversas reproduções do final do século 19 e começo de 20. Nada da casa. As estudantes de Arquitetura da Universidade de Uberaba, Lilia Lucena e Fernanda Castro, estão concluindo um projeto de iniciação científica cujo tema é a revitalização do centro histórico de Uberaba. Centradas na praça Rui Barbosa, pesquisaram em diversos arquivos. Encontraram farto material, mas nada da casa.

O fotógrafo Ricardo Prieto é proprietário de um dos arquivos mais representativos da cidade. Possui originais e reproduções de diversos períodos dos 182 anos de Uberaba. Todas as mansões e prédios já demolidos da praça estão lá retratados. O antigo prédio da Câmara Municipal, a casa do Major Quincota, o antigo teatro São Luís, a bicicletaria de Varoto e o açougue de Don'Anna... mas nada da mansão dos tuberculosos.

Esquina foi evitada nos enquadramentos de fotos que retrataram a praça em todos os períodos cronológicos da cidade

arquivo Eliane Marquez

esquina

rua Vigário Silva

rua Manoel Borges

Ponto de vista da rua Arthur Machado

rua Manoel Borges

rua Vigário Silva

esquina

Ponto de vista da igreja Matriz

Os outros três cantos da praça são exaustivamente fotografados.
Ricardo Prieto, fotógrafo tradicional da cidade,
ficou surpreendido pelo fenômeno

Em fotos da praça Rui Barbosa, a abrangência da panorâmica é interrompida sempre a alguns metros antes da esquina da rua Santo Antônio (à esquerda)

Foto do largo da Matriz em 1916
é um dos três registros que indicariam a existência da casa

Analisando com mais atenção os cortes nas fotografias, Prieto notou um fenômeno que o deixou intrigado. No seu arquivo – assim como em todos os arquivos consultados pela reportagem – três cantos da Praça Rui Barbosa foram exaustivamente fotografados em todas as épocas. Há dezenas de fotos retratando a esquina do cruzamento com as ruas São Sebastião e Tristão de Castro – prédio do antigo conservatório e a Vila Real; a esquina da Rua Manoel Borges – Câmara Municipal e Hotel Chaves (antigo prédio do Notre Dame de Paris); e o cruzamento com a Vigário Silva, a alguns metros do Lavoura e Comércio. Mas a quarta esquina, o cruzamento com a Rua Santo Antônio, quase nunca aparece no panorama de qualquer foto. A esquina está sempre a alguns metros além ou aquém do corte das fotos. As mais assombrosas são as dezenas de fotos da igreja Matriz que quase sempre englobam a esquina da Rua São Sebastião, à direita, mas em raríssimas poses incluem a esquina da Rua Santo Antônio, à esquerda. Os cortes estão sempre a alguns metros dessa esquina. Ricardo Prieto admitiu que nunca havia percebido esse fenômeno e declarou-se surpreso com a constatação. “De fato, aquele ângulo foi totalmente esquecido pelos fotógrafos da cidade”, afirmou.

A única foto em seu arquivo que pode ser um registro parcial da casa é aquela reproduzida ao final dessa reportagem. A foto provavelmente foi tirada na década de 10. Pelo estado de conservação da parede, podemos imaginar que já estava abandonada. O pequeno prédio cinza escuro, no centro da imagem, é o Teatro São Luís, atual Cine-teatro São Luiz. A casa mais acima é a bicicletaria de Vitorio Varoto e açougue de Don’Anna Felicce. Comparando a partir do ponto de vista do fotógrafo, que certamente posicionou-se no alto da igreja Matriz, parece provável que essa construção de parede descascada e janelas escuras no canto direito da foto trata-se mesmo da casa em questão.

Ao pegar pela primeira vez em sua vida essa foto, Juquita Machado voltou no tempo e subiu novamente pela calçada do largo da Matriz, cumprimentou Major Quincota à porta de casa, olhou para o buraco de bala na parede do teatro São Luiz, ouviu Genário Felicce tocando seu violino, reconheceu a lateral da casa da esquina, sentiu seu coração batendo e afirmou: “esta é a casa”. ■

Foto do início do século XX que fez Juquita Machado voltar no tempo...

... é o único registro existente da casa

Cotidianos culturais

Publicada no Revelação nº 235,
em 17 de fevereiro de 2003

Uma cidade sobrenatural

Histórias fabulosas registram cotidiano mágico da cultura popular de Uberaba

Dr. Humberto Ferreira, famoso médico de Uberaba, falecido em 2002, foi um importante pesquisador da doença de Chagas e um pediatra muito querido pelas famílias da cidade. Era notório seu espírito caridoso. Dr. Humberto sempre atendia de graça as pessoas que não podiam pagar. Não se sabe se era promessa, superstição, ou simplesmente um hábito de bom samaritano, mas o fato é que o médico também não costumava cobrar consultas realizadas depois da 18hs — nem mesmo em emergências domiciliares. A história a seguir foi relatada pelo professor da Universidade de Uberaba (Uniube), Newton Mamede, que a ouviu do próprio Dr. Humberto, em uma entrevista de TV.

Era noite. Em uma casa localizada num determinado bairro da cidade, uma família sofria e chorava por causa da menina doente. Ela estava muito mal, a coisa parecia ser grave, e os pais, pessoas simples, não sabiam o que fazer, nem tinham condições para levá-la a um hospital. De repente, toc toc toc, batem na porta: era o Dr. Humberto, que dizia ter sido chamado para atender a criança. A família ficou surpreendida com a visita inesperada. O médico logo se aproximou, examinou a garota, fez o diagnóstico, recomendou alguns procedimentos e encaminhou para o tratamento.

A nuvem da desgraça pareceu ter se dissipado daquela casa. A menina estava salva. Todos ficaram mais tranqüilos, graças à confiança que depositavam nos cuidados do pediatra. Mas ficaram também curiosos, pois ninguém da casa havia ligado para ele. *Quem havia chamado o Dr. Humberto?* Depois de alguma conversa, tomaram coragem e perguntaram. O médico olhou para uma das velhas fotografias emolduradas na parede, apontou para uma delas e disse: "Foi aquela mulher ali".

Foi como uma facada no coração. Houve gritos, sustos, olhos arregalados, suores frios, parece que alguém desmaiou. Dr. Humberto assustou-se também com a reação. Uma das mulheres na casa, pálida e meio sem voz, explicou a ele, gaguejando e tremendo as mãos, que a mulher da fotografia, a tal que, segundo o médico, o chamara para salvar a menina, ai cruz credo, havia morrido há anos!

Histórias de fantasmas, criaturas mágicas e fenômenos sobrenaturais são freqüentes em uma cidade mineira de forte cultura religiosa como Uberaba. Mesmo os moradores urbanos, mais céticos e racionalistas, ainda guardam um ou outro caso fantástico para contar — e juram de pés juntos que é tudo verdade. Além disso, um dos fatores que enriquece esses relatos populares — característica fundamental na tradição oral — é a diversidade das versões; ou seja, cada um que ouve um caso acrescenta elementos de seu universo cultural ao contá-lo. De boca a boca, temperadas pelas sutilezas do cotidiano, as histórias adquirem novos sabores e acabam por reunir os ingredientes mais significativos do imaginário coletivo de uma época.

Mulheres misteriosas aparecem, revelam segredos e combinam encontros... até que acabam descobrindo que a defunta estava morta há mais de 20 anos

O professor Mamede lembra da divertida insolência de seu pai — um pequeno exemplo da riqueza anárquica da criatividade popular. Quando o velho lascava uma piada, costumava atribuir as situações ridículas das personagens a alguns nomes conhecidos da vizinhança, e contava a história como se o caso fosse verdadeiro. "Por exemplo, em uma piada que tinha um bêbado, em vez de começar dizendo: *era uma vez um 'pinguço' que pediu um ovo no bar, etc,* ele se lembrava de algum bebum conhecido no bairro e dizia*: sabe o Zé Maria, marido da dona Joana que mora ali na rua de baixo? Pois é, esses dias ele pediu um ovo no bar…*", conta Mamede, às gargalhadas.

Mesmo com a diversidade dessa literatura oral, algumas situações e personagens míticas se repetem. É difícil quem não conheça alguma variação da história da mulher fantasma que assombra o caminhoneiro na estrada; do defunto que aparece e dá o endereço do cemitério; e aquela, uma das mais populares, do morto que dá recados e é identificado através de foto, como foi o caso do Dr. Humberto. Independente das interpretações ao gosto do freguês (místicos, psicanalistas, espíritas, evangélicos, católicos, umbandistas, céticos, ateus, etc), mas sem dúvida influenciadas pela literatura espírita muito presente na região, o fato é que, verdadeiras ou não, essas histórias determinam referências culturais da identidade de Uberaba, e influenciam fortemente no sistema de valores dos moradores.

A jornalista e professora da Uniube, Celi Camargo, guarda uma história boa, da categoria "morto-que-dá-recados-e-é-identificado-através-de-foto":

"Fazer matéria de finados é aquela pentelhação sempre", brinca a jornalista. Ela queria pautar alguma abordagem diferente para publicar nessa data. Enfim, encontrou um caso curioso de uma senhora que trabalhava lavando túmulos no cemitério. Foi procurá-la no horário de serviço. "Perguntei se ela tinha uma história 'daquelas'. Ela disse que sim, e me contou o seguinte:

— Uma senhora muito vistosa, usando um vestido 'mamãe dolores' (vestidinhos estampados, com saia rodada*) pediu que eu lavasse um certo túmulo. Mas ela disse que estava com pressa, não podia esperar que eu terminasse. Mas garantiu que, depois que eu lavasse, era pra procurar em um endereço que me deu, perto do Uberabão, e ir lá receber o pagamento."*

A lavadora de túmulos foi ao endereço indicado, mas a dona que atendeu a porta disse que não era lá. A velha insistiu e decidiu não arredar pé, porque tinha certeza que o endereço estava certo. Descreveu a senhora do vestido *mamãe dolores* e queria receber o pagamento de qualquer jeito. A dona da casa — ela estava fazendo almoço — percebendo que a velha estava bem intencionada, pediu que entrasse. Na verdade, outra coisa cutucara sua hospitalidade: desde o momento em que a velha fizera a descrição, a dona ressabiou-se, porque a moça do vestido *mamãe dolores,* por algum motivo estranho, ai ai ai, a fizera lembrar-se da irmã, morta há mais de doze anos. Pensou até em mostrar uma foto da finada para esclarecer o engano ou — Deus me livre e guarde! — confirmar a aparição da defunta.

Não deu tempo nem de respirar. Logo ao entrar, a velha viu a foto emoldurada na parede e disparou: *a senhora que me procurou é parecida com aquela lá.* Mas a imagem era de uma foto antiga, de quando era ainda jovem, podia ser um engano, Medalha Milagrosa! Aí, a irmã correu para o quarto e trouxe fotos menos antigas. E não é que na primeira batida de olhos a velha agarrou uma foto e, certa como um e um são dois, confirmou: *olha ela aqui!*

Um arrepio profundo subiu pela espinha e fez tremer o coração da mulher, que desatou num choro amargo. Ela admitiu que a irmã fora enterrada com o tal vestido e confessou que não visitava o túmulo há tempos. Pagou a velha e prometeu que iria qualquer dia ao cemitério. "O fotógrafo que me acompanhava morre de medo dessas coisas – conta Celi – e nem quis ouvir o final da história. Ficava lá de longe dizendo, vambora, vambora!".

Mulher do algodão

Uma das criaturas sobrenaturais que mais apavoraram o imaginário infantil nas escolas foi, sem dúvida, a Mulher do Algodão. Em muitos colégios da cidade a assombração ainda mantém suas atividades. Há diversas versões para seu nome: Mulher de Algodão, Maria do Algodão, Loira do Algodão, Mulher do Espelho (porque ela sempre apareceria primeiro pelo espelho), entre outros. No entanto, a personagem é a mesma. Trata-se,

basicamente, de uma defunta toda de branco, com algodão enfiado nos olhos, nariz e ouvidos, que surge em banheiros de colégio para assustar os pirralhos.

Há pelo menos duas versões para a origem da lenda. Dizem que a moça era uma aluna apaixonada por um professor que não dava bola pra ela. Desiludida, cometeu suicídio no banheiro do colégio. Desde então, vem aparecendo para perguntar pelo professor amado. Outros relatos afirmam que a estudante foi esquartejada por um psicopata que, num ritual macabro, jogou seus restos na privada.

Não se sabe direito o que a Mulher do Algodão faz com as crianças no banheiro (se é que uma defunta que aparece assim de repente precisa fazer mais alguma coisa para assustar alguém…), mas alguns relatos dizem que ela fura os olhos dos meninos, caso eles não levem algodão para ela.

O publicitário Lungas Neto afirma que, segundo a lenda, para que a defunta apareça é necessário certo ritual. Algumas versões falam em permanecer no banheiro e invocá-la três vezes. *"— Mulher do algodão, mulher do algodão, mulher do algodão."* Outros dizem que deve-se dar três descargas na privada. Mas os modos de invocá-la também se alternam bastante.

Lungas afirmou que, quando cursou o primário no colégio Corina de Oliveira, ninguém conhecia a lenda. "Eu que levei a história lá. Meu primo havia me contado. Espalhei no colégio todo." Segundo ele, a lenda pegou entre os colegas e todos passaram a morrer de medo de demorar muito no banheiro: *vai que a assombração aparece!* Ironicamente, o que dava mais veracidade à lenda da Mulher do Algodão era que ninguém jamais a havia visto, pois moleque nenhum tinha coragem de dizer seu nome três vezes e ficar lá pra conferir.

A jornalista Celi Camargo afirmou que, em sua época de colégio Tiradentes, em 1980, a lenda dizia que nem era preciso invocá-la: a defunta aparecia, sem mais nem menos. Ela contou que, certa vez, um colega que estava de braço quebrado arrancou o algodão de baixo do gesso e espalhou tudo no banheiro. Aí, foi aquele tumulto na escola. "O pânico existia mesmo! As meninas choravam. Havia uma confusão entre verdade e ficção. A diretora e os professores

Mulher do Algodão aparece em banheiros de colégio para aterrorizar os pirralhos

foram lá ver. Foi um alvoroço". Celi tem uma hipótese para a popularidade da lenda da Mulher do Algodão: "Talvez essa história tenha surgido para limitar a permanência das crianças no banheiro. É lá que os meninos se escondem para fumar pela primeira vez, para ensaiar as primeiras experiências sexuais". Para ela, uma assombração que aparece no banheiro seria a "pessoa" mais conveniente para "vigiar" os pirralhos mais atrevidos.

Magrelo, da banda *Os Kretinos*, confirma as história da Mulher "de" Algodão — como fez questão de frisar. Ele conta que, nos seus tempos de grupo Brasil, nos anos 80, a defunta metia tanto medo nas crianças que uma garota, certa vez, chegou a fazer xixi nas calças por não ter tido coragem de ir ao banheiro. "Meu amigo e eu gostávamos de percorrer a sala engatinhando, para ver as calcinhas das meninas. Aí, percebemos que, em uma das carteiras, estava pingando uma água, ou sei lá o quê. Então, vimos a menina curvada, tentando limpar uma poça de xixi com um lencinho – o melhor era o lencinho!" Quando a garotinha percebeu que era observada pelos *voyeurs mirins*, ela tapou o rosto e levantou-se, primeiro choramingando, depois chorando convulsivamente. E os dois capetas, evidentemente, passaram a cantar para a sala, às gargalhadas: *"Ela mijou na sala! Ela mijou na sala!"*

Desgraça pelada

Persiste em muitas famílias a história de que, se a criança disser qualquer palavrão no período da Quaresma, aparece para ela a "Desgraça Pelada". Algumas versões mais pudicas dizem que ela surge atrás da porta, com a mão protegendo *as partes*. "Eu nunca soube o que era a Desgraça Pelada. Devia ser uma coisa muito ruim", disse Celi Camargo.

Anjos e demônios são personagens bastante presentes no imaginário infantil. Apesar de um representar o bem e o outro o mal, ambos assustavam igualmente os meninos. "Em casa éramos muito religiosos. Na hora do almoço, diziam que ficava cheio de anjos na mesa. E eu morrendo de medo de esbarrar num. *Vai que eu cutuco ele, e ele cai!*". Para Celi, esse temor, de certa forma, era benéfico, pois impunha disciplina nas crianças. "Tudo de errado

que uma criança poderia fazer, eu não fiz, porque Deus castigava. Quando chovia, diziam: tá vendo, como Deus tá bravo? Eu pensava: “Que eu fiz para Ele ficar tão bravo assim?”

Existe uma reprodução de um certo quadro, muito popular na decoração de casas de classe média, que há anos é encoberto por uma aura sinistra e até hoje provoca apreensão em muitas pessoas. Na verdade, tem gente que não gosta nem de chegar perto. Trata-se de uma figura de um garoto chorando sob uma pesada manta escura. Dizem que, se o quadro for virado de cabeça para baixo, ou mesmo tombado de lado, é possível enxergar a verdadeira imagem que o pintor, num pacto com o demônio, quis representar.

A fotógrafa Neuza das Graças conheceu o quadro ainda menina, nos anos 70, em uma visita a sua tia Mariinha. O quadro ficava bem na entrada da sala. Era grande, colorido, e tinha vindo de longe, contava a tia. A menina Neuza olhava intrigada: *por que o menino está chorando, se ele é tão bonitinho?* Então a tia contou o que sabia.

—Dizem que o autor era um pintor medíocre e mal sucedido. Ele buscou por várias maneiras ser um pintor respeitado, mas em todas as tentativas “do lado do bem”, fracassava. Aí, resolveu procurar o dito-cujo, que lhe propôs o sucesso em troca da alma. Aceitando o pacto, o diabo então falou que era para ele dormir, e o que ele sonhasse deveria pintar na tela. E o que o pintor viu, no sonho, foi justamente a criança sendo devorada pelo demônio”. É por isso que a criança chora no quadro, concluiu Neuza.

Maria José Ferreira de Moura, moradora do Bairro Olinda, guarda uma reprodução dessa pintura em casa. Ela disse que não conhecia a história, até que seus filhos comentaram com ela. Dona Maria afirma que nunca conseguiu ver nada de diferente no quadro, mas, por via das dúvidas, dependurou-o lá no quartinho dos fundos.

Documentos da alma

O folclorista Luís da Câmara Cascudo considerava os contos populares como “um dos altos testemunhos da atividade espiritual do povo”. Para ele, essas histórias ensinam a conhecer diversas

Tem gente que garante ver um diabo devorando o garoto quando o quadro é virado de lado ou de ponta à cabeça

facetas do espírito humano, pois agrupam informações históricas, etnográficas, sociológicas, jurídicas e sociais, constituindo-se em um documento vivo dos costumes, idéias, mentalidades, decisões e julgamentos de um grupo cultural. "Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas da memória e da imaginação popular", escreveu.

No entanto, essas crenças, lendas e personagens fabulosos que habitam a cultura popular muitas vezes são desprezadas, ou vistas como manifestações de ingenuidade ou mesmo ignorância dos crentes. Por isso, é importante fazer uma breve reflexão sobre a questão da crendice popular.

Em seu *Dicionário filosófico,* Voltaire escreve que não é fácil demarcar as fronteiras da superstição: "Um francês que viaje para a Itália acha que quase tudo lá é superstição, e dificilmente estará enganado. O arcebispo de Canterbury afirma que o arcebispo de Paris é supersticioso; os presbiterianos lançam a mesma acusação contra sua reverendíssima de Canterbury e são por sua vez chamados de supersticiosos pelos quaker, que são vistos pelos cristãos como os mais supersticiosos dos homens".

Com esse texto, o filósofo francês ironiza a tendência humana de difamar a posição intelectual daqueles que discordam de nós. Em *Psicologia da superstição*, o estudioso Gustav Jahoda observa que cada religião costuma envolver suas crenças com roupagem verbal incontestável, denominando-as "doutrina secular", "sabedoria do oriente" ou "ciência oculta", e tentam caracterizar outras crenças ou opiniões como falsas. Muitos dos chamados "místicos" freqüentemente se consideram uma "minoria esclarecida, superiores a nós em inteligência e compreensão e rejeitam indignadamente a classificação de supersticiosas", ainda que cultuem talismãs, unicórnios, duendes e outras criaturas tão fabulosas quando as da cultura popular.

Mas qual o critério para considerar uma crença "correta" e outra "falsa", se ambas partem do mesmo princípio de relacionamento existencial com o mundo? Na verdade, o que caracteriza uma crença não é sua racionalidade objetiva, mas a fé em um mistério inexplicável. Acreditar e conviver com anjos,

demônios, sacis, espíritos, pombagiras, botos mágicos, santos ou assombrações é uma questão de fé e de contexto cultural. O escritor e professor da Uniube, Hugo Prata, brinca que é mais fácil acreditar em lobisomem do que em Deus, "porque ninguém nunca viu Deus, mas lobisomem, muita gente já viu".

Por outro lado, Jahoda argumenta que crenças não são apenas fenômenos fantasiosos circunscritos na imaginação dos indivíduos, pois realmente afetam o comportamento das pessoas. Se uma grande quantidade de indivíduos acreditam no mau presságio da sexta-feira 13, ficam apreensivos e mais suscetíveis a acidentes. Quando investidores estrangeiros acreditam que o valor do Real está para cair, eles venderão seus títulos na bolsa, o que causará, de fato, a queda da moeda. Esse fenômeno é conhecido como "profecia da auto-realização".

O autor cita um caso verdadeiro de uma mulher saudável que, submetida a uma cirurgia simples, acabou falecendo. Mais tarde, os familiares admitiram que uma cartomante havia previsto sua morte na mesa de operação há vários anos. "Supomos que as ativas tensões emocionais acrescentadas à tensão fisiológica da cirurgia tiveram alguma relação com sua morte", declarou o médico na ocasião. Tal reação fisiológica é notada nos placebos, simulações de medicamentos, desprovidos do princípio ativo, que acabam curando as doenças por causa da crença do paciente de que está sendo curado.

Benzedeiras, berrugas, cobras e lagartas

A professora de Jornalismo na Uniube, Alzira Borges, conta que já foi curada, por uma benzedeira, de 66 berrugas em todo corpo, em 1983. Ela era toda berruga. "Quando eu caía de *skate* ficava aquele monte de berruga pendurada. Doíííía. Não podia nem pôr esparadrapo, porque aí ela ia querer sair junto". Alzira experimentava tudo que receitavam para eliminá-las, inclusive um ácido que um dentista uma vez sugeriu. "Nos primeiros dias adiantava, porque ficava queimadinha, murchinha, mas depois ela voltava em uma versão piorada."

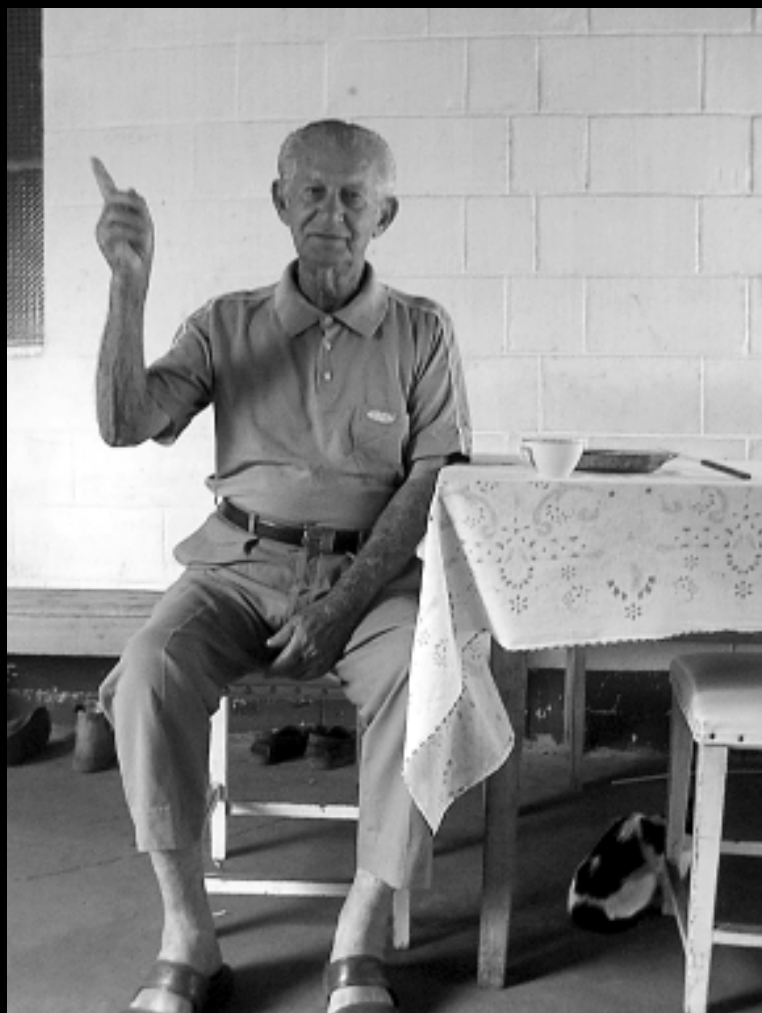
Um dia, Alzira topou procurar uma benzedeira, no Bairro Fabrício. A coisa funciona assim: primeiro, uma pessoa deveria ir

junto com ela, porque a dona das berrugas não poderia contá-las. Regras da benzição. Aí, enquanto essa pessoa contava berruga por berruga — uma berruga, duas berrugas, três berrugas — a benzedeira invocava suas rezas e fazia um pequeno corte numa folha de assa-peixe, até chegar nas 66. "Eu fui três quartas-feiras seguidas. Na segunda sessão, já tinha baixado para 50. Na terceira, só tinha a metade. Um tempo depois, sumiram de vez. Eu nunca mais tive nenhuma berruga".

A professora Alzira, que se declara católica, sempre acreditou em benzição. Como mostrou o cineasta Eduardo Coutinho, no documentário *Santo Forte*, o sincretismo religioso no Brasil torna as pessoas mais tolerantes às diversas crenças.

O engenheiro Fernando Peres, de 38 anos, nunca se esqueceu da benzedeira que salvou uma lavoura de milho das lagartas-de-cartucho. O caso ocorreu na roça de seu pai, na cidade mineira de Planura (localizada a 110km de Uberaba) no final dos anos 70. "A praga estava acabando com a plantação. Já estava praticamente perdida. Aí um dia trouxeram, de carro, a benzedeira de Planura. Ela chegou e benzeu os quatro cantos da lavoura. Era inacreditável o poder dela. Enquanto ela benzia, as lagartas começaram a cair mortas, foi uma chuva de lagarta. E isso eu vi. A lavoura prosperou depois disso." Depois dessa façanha, para brincar com o garoto, a benzedeira ainda agarrou com a própria mão uma caixa de marimbondos zumbindo de cheia e, sem que levasse uma picada sequer, deu para ele segurar.

Célio Peres, de 84 anos (o pai de Fernando) mora em um sítio próximo ao bairro Volta Grande. Na sua juventude, tocava caravanas de porcos, a pé, de Minas Gerais a Mato Grosso. Levava um mês. Saía de Pirajuba (MG) com uns cem animais e chegava em Paranaíba (MT) com uns cinquenta. Vinha devagar, trocando e vendendo porcos pelo caminho. Seu Célio conhece muitas histórias fantásticas. Ele sempre se recorda de um episódio que assombrou os moradores de Planura.

Em uma certa tarde no começo da década de 40, a família fazia uma faustosa festa no campo quando, de repente, apareceu uma criatura muito estranha, gigantesca, do tamanho de vários bois, aterrorizante feito um pesadelo, emitindo um rugido indescritível,

Seu Célio conta histórias que viveu lá em Planura (MG)

monstruoso, e fazendo o chão tremer como ninguém nunca tinha visto antes na vida. Era um caminhão na estrada. "Aí o povaréu desesperado saiu catando cavaco e vazou na braqueária! Cê tá é besta! Ora, ninguém nunca tinha visto um caminhão na vida, que diabo de troço mais doido era aquilo?!" Crianças, matronas e peões saltaram estrebuchando e correram como podiam, se rasgando em arame farpado, morrendo de medo daquele trem doido, coisa esquisita, vai que é o capeta? Só um pouco depois foram se aproximando e se dando conta das maravilhas da tecnologia moderna. "É o medo do desconhecido", observa seu Célio.

Nessa época, seu Célio conhecia um homem que benzia a si próprio e curava-se até de picada de cobra. "Era o seu Balduíno, um moço tão educado que chamava cachorro de *Senhor*. Ele ia em casa quase todo dia, mas uma época deu uma sumida. Quando apareceu, meu pai perguntou: *o que foi que o senhor sumiu? — Ah, seu Jacinto, um bichinho aí me pegou.* O 'bichinho' era uma cobra, uma sucuri. Ele ficou uns oito dias sem dizer pra ninguém. Ele mesmo benzeu ele mesmo na ferida, e curou", conta.

Seu Célio também se lembra de uma história envolvendo o cachorro de seu Balduíno, o Sr. Leão. Certo dia, Leão estava sumido e resolveram procurá-lo no meio do mato. No caminho, encontraram uma sucuri toda gorda, barrigão pra cima — tinha acabado de comer um bicho. Os homens mataram a cobra e abriram a barriga dela. Foram ver, e não é que Leão saiu lá de dentro, saltitando e latindo feliz para o dono?

Uma das histórias de cobra mais populares é a da sucuri que, à noite, entra pela fresta do barraco, mama no seio da mulher e coloca a outra ponta na boca do bebê, como uma chupeta, para ele não chorar.

Leny Azevedo, de 58 anos, lembra que, em sua infância na roça, no estado do Espírito Santo, circulava na família uma história de que uma cobra mamara no peito de sua mãe e distraíra o bebê – sua irmã mais velha – colocando o "rabo" em sua boca. Roberto Borges, de 72 anos, ouviu uma história semelhante, mas em outro lugar, e com outras pessoas. Dizia-se que um bebê estava muito desnutrido, e ninguém descobria o que era. Foram vigiar a mãe, e acabaram descobrindo que uma cobra descia toda noite pelo

telhado e mamava até a última gota de leite, de forma que não sobrava nada para a criança. Aí, uma noite, o pai esperou a cobra descer e meteu o porrete. Seu Célio, que sempre viveu em roça, conta que se lembra de histórias de cobras que bebiam leite de vaca, "e a vaca gostava, ficava quietinha".

A região Norte de Minas Gerais também é rica dessas histórias. São comuns os relatos do homem que benzia uma porção de terra no chão e, chovesse o que chovesse, nesse pedaço não caía uma gota. Ou a do sujeito que castrava estuprador no rastro, riscando com a faca as pegadas do deflorador, de forma que este nunca mais conseguia "ser macho". Ou a do matador profissional que virava um toco de madeira em brasa quando queria se esconder da polícia.

Na verdade, observamos que essas histórias são muito populares também em outros países da América Latina, como, por exemplo, na Venezuela dos relatos de Eloy Padilla. Venezuela? Eloy Padilla? Se a sua curiosidade coçou, é só virar a página. ■

Eloy Padilla é músico e toca o "quatro", instrumento de cordas, de grande riqueza rítmica e melódica, fundamental na música popular venezuelana. (É mais ou menos uma mistura do cavaquinho com viola). Ele veio ao Brasil para visitar o filho Adrián, em Uberaba

Publicado no Revelação nº 229,
em 19 de novembro de 2002

As aventuras de Eloy Padilla

Contador de histórias traz relatos fantásticos do cotidiano camponês venezuelano

O camponês venezuelano Eloy Padilla, de 80 anos, é desses que não perde a oportunidade de disparar um galanteio à qualquer moça de batom que se aproxima cheia de sorrisos. Nasceu em Guayurebo, no Estado de Yaracuy, área tradicionalmente rural da Venezuela.

Uma das características tradicionais dos moradores dessa região é a habilidade na arte da boa conversa. A literatura oral é uma expressão muito fértil nessa terra repleta de bons contadores de história. Com sagacidade natural, os yaracuyanos dominam aqueles jogos de revelar e esconder e, dizendo e não dizendo, deliciam o ouvinte com os casos mais extraordinários da Venezuela. E o velho Eloy Padilla não poderia deixar de ser um dos melhores deles. É comum ouvir do velho camponês relatos fabulosos de fantasmas, criaturas mágicas e animais encantados.

"Essas narrativas estão muito ligadas ao imaginário e à cultura camponesa local. Pela própria paisagem, pela realidade cultural, eles estão muito ligados aos fenômenos da natureza", explica o jornalista e professor da Uniube, Adrián Padilla, um dos doze

filhos de Eloy. Histórias com "culebras" (serpentes) fantásticas, por exemplo, fervilham no cotidiano de Yaracuy. "São muito exageradas. As serpentes falam, são exageradamente compridas, e aparecem em qualquer lugar."

Até os vegetais rendem relatos fabulosos nessa região. "Uma história que meu pai sempre conta é quando, caminhando no meio de uma plantação de abóbora, perdeu o burro de carga. Ele ficou desesperado. Se chegasse em casa sem o burro, o pai dele ia dar uma surra. Ficou horas perdido, até que, distraído, olhou dentro de uma abóbora. E não é que o burro estava escondido lá dentro?!! Imagina o tamanho da abóbora!" Histórias de perseguições de tigres são freqüentes. "Lá existem muitos gatos monteses, e eles costumam exagerar".

O próprio Eloy conta um caso pitoresco que explicaria o motivo de sua baixa estatura. "Sempre gostei de dançar. Quando garoto, ainda pequenino, era sempre chamado para dançar com uma mulher muito gorda, que tinha uns peitos enormes. Ela colocava os peitos em cima da minha cabeça e dançava horas comigo assim. É por isso que não cresci muito e fiquei baixinho, rá rá rá rá!"

Aventuras na capital

"Meu pai sempre foi aventureiro, com vontade para aventuras, sempre procurando coisas novas", diz Adrián. Um dia, Eloy foi convidado para uma viagem de trabalho. Deveria fazer um frete de caminhão à capital. Mas aconteceu que o jovem camponês — ele tinha 20 anos — ficou deslumbrado com Caracas (a capital da Venezuela). Eram avenidas, carros, bondes, trens – maravilhas que não existiam em Yaracuy, naquele ano de 1945. Nessa época, o país estava se industrializando por causa da crescente exploração do petróleo. "Meu pai entrou naquela diáspora interna de muitos camponeses atrás da terra prometida, e Caracas era um desses pólos", conta Adrián.

Em vez de retornar para Guayurebo, Eloy inventou de procurar emprego em uma fábrica e acabou se instalando na capital. "Foi para Yaracuy e convenceu minha mãe, camponesa também; e junto com o meu irmão mais velho, ainda bebê, mudaram-se todos para Caracas." Assim que chegaram à cidade, explodiu um golpe de

Estado, uma revolução contra o regime militar da época. "Minha mãe, camponesa ingênua, escutou as explosões e queria saber onde estavam *soltando os fogos*. Ela pensou que era uma festa da padroeira. Não tinha referência nenhuma de guerra. A dona da casa é que gritou: *vai, se protege! Isso é a revolução!"*

Eloy fez muitas coisas em Caracas. Trabalhou como operário em várias áreas, como lixeiro, como frentista de posto de gasolina. "Até que um dia estavam construindo a cidade universitária e ele foi procurar serviço. Só tinha vaga para operador de máquinas pesadas, e ele disse: *é isso mesmo que eu sei fazer!*" Mas, na verdade, não sabia nada, nem tinha idéia. Um funcionário foi designado para mostrar onde ficavam as máquinas e, no caminho, Eloy admitiu*: olha, eu preciso do emprego, só que eu não sei nada disso não. Mas eu aprendo!* "O funcionário, vendo a coragem dele, decidiu ensinar." Eloy aprendeu direito e fez carreira como motorista de caminhão e operador de maquinária pesada.

Histórias na cidade

Nesse período, o yaracuyano viajou por toda a Venezuela. Evidentemente, aí são montes de histórias de estrada, de fantasmas, de damas de branco que aparecem para os mulherengos nas horas mais inadequadas, e coisas assim. "Uma história que ele conta, entre outras, é de uma estrada bem isolada, de interior, onde aconteceu um caso bem estranho". Eloy levava um carregamento de refrigerante e, no meio da estrada, em plena madrugada, ele e o ajudante viram uma mulher no acostamento. Imaginando a possibilidade de alguma aventura amorosa, pararam. O ajudante desceu pra conversar com a moça, e começou a demorar... e demorava… e demorava… Eloy, conivente, ficou esperando, certo de que já deveria estar acontecendo alguma aventura *caliente* entre os dois…

Subitamente, o colega aparece esbaforido à porta do caminhão, quase que engatinhando, sem respirar direito, branco e gelado feito defunto, olhos esbugalhados, dizendo "é horrível, é horrível". Eloy preferiu nem descer do carro. Puxou o amigo à força e tentou arrancar com o caminhão. O colega não dizia mais nada além daquele engasgado "é horrível, é horrível".

Pela cara de espanto do companheiro, Eloy começou a imaginar mil coisas que poderiam ter acontecido e ficou tão assustado quanto o amigo, que não dizia nada. No momento em que começou a mexer na embrenhagem, percebeu que suas pernas não conseguiam se movimentar direito. Sentiu que alguma coisa roçava em seus pés e, traiçoeiramente, o agarrava com força. Mas Eloy não tinha coragem de olhar para baixo e ver o que o prendia: *e se fosse a defunta com suas mãos podres, esqueléticas segurando minhas pernas e querendo me levar para o inferno?* Mas chegou um momento que tinha que olhar. E olhou!

Na época, as estradas normalmente eram de terra batida. Era comum usar máscaras para se proteger da poeira. Em dias em que não havia muito vento, caminhoneiros costumavam dependurar as máscaras no painel. O que estava puxando seus pés, na verdade, eram os elásticos da máscara que haviam caído e se enroscado na embrenhagem.

Sobre a horrível moça da estrada, o ajudante jamais contou os detalhes. Dizia ter visto uma coisa horrível, saindo fogo, mas nunca explicou direito.

Outra dessas histórias ocorreu no nascimento de um dos filhos. Todos os meninos — exceto um, o único que nasceu em hospital, entre os doze irmãos — vieram ao mundo pelas mãos de uma parteira. "Que berçário que nada, nasciam nos quartos mesmo. Certa vez, meu pai chegou em casa às 2 da manhã, e minha mãe já estava em trabalho de parto. Ele foi correndo buscar a madrinha Maria, a parteria da família", conta Adrián. Eloy ficou apreensivo porque Maria morava exatamente ao lado do cemitéro do bairro, na primeira casa depois do muro. "Ele ficou com medo, mas foi".

Chegando próximo ao muro, o medo bateu mais forte. Eloy ficou um tempo parado, pensando e tomando coragem: *tenho que atravessar, minha mulher vai dar à luz".* Então viu algumas sombras que subitamente passaram a deslizar pelos tijolos. Elas começaram a crescer e formaram uma mão gigante que o chamava com o dedo: *venha… venha... venha...* Seu coração gelou! Eram as falangetas da morte querendo arrastá-lo ao abismo! Ao olhar para trás, percebeu que essa sombra era, na verdade, de uma folha de bananeira que, com a lua cheia ao fundo, estava se mexendo com o vento.

Nesse exato momento, apareceu um sujeito que caminhava por aquelas bandas. Eloy ficou mais corajoso, já que agora tinha companhia, e voltou a caminhar pelo muro em direção ao novo "amigo". Apresentou-se ao homem, puxou conversa, contou o caso do parto da mulher, da folha de bananeira, e o acompanhou na lenta caminhada pelo muro do cemitério. Quase no ponto de chegada, para mostrar certa confiança e intimidade, Eloy colocou a mão no ombro do sujeito e perguntou: *puxa, você não fica com medo de caminhar no cemitério, nesse horário?* E o homem, sem virar o rosto, respondeu: *eu ficava antigamente… quando era vivo!* ■

Publicado no Revelação nº 237
em 3 de março de 2003

Nestor, em pose de galã: "A minha prezada sogra, ofereço-te esta fotografia em prova de minha amizade . Seu genro. Nestor Ribeiro"

Seu Nestor em ação, na porta do Banco do Brasil, na Av. Leopoldino de Oliveira

Saudades de seu Nestor, o orador

No dia 10 de março de 2001, faleceu o personagem mais ilustre do centro da cidade

No mês de março, além do aniversário de Uberaba, festejado no dia 2, a cidade comemora o aniversário de morte do personagem mais ilustre da Praça Rui Barbosa do final do século 20: seu Nestor, o orador.

Ostentando na blusa alguns pares de crachás que o identificavam ora como Imperador, ora como Presidente da República Federativa do Brasil, Ministro de Estado, Governador, etc, Nestor Alves Ribeiro metia a Folha de S. Paulo e o Jornal da Manhã debaixo do sovaco e passava as tardes proferindo discursos alucinados, denunciando a corrupção, o nepotismo, a malversação do dinheiro público e outras mazelas da política brasileira. "A Câmara de Vereadores é esta vergonha porque muitos deles entraram lá sem prestar concurso público", dizia.

Ninguém parava muito tempo para ouvi-lo. Só os que, surpreendidos, o viam pela primeira vez – além, é claro, das pessoas que aguardavam o coletivo, dos taxistas e dos fiscais de

ônibus que estavam por lá à serviço. Mas seu Nestor não se importava: era furioso e contundente em sua oratória. "–É preciso acabar com a bandalheira dos poderes executivo, legislativo, judiciário e imperial do Brasil!". Seu vocabulário correto, típico de leitor de jornal, indicava certa erudição – apesar das idéias meios estabanadas. Ficava horas ao sol, gesticulando, lendo trechos de jornal e comentando as notícias que julgava importantes.

Seu Nestor costumava discursar em três lugares: em frente à agência do Banco do Brasil, na Avenida Leopoldino de Oliveira; na calçada da Câmara Municipal e nos arredores do ponto de ônibus em frente à casa de Tobias Rosa – patrimônio cultural da cidade, na Praça Rui Barbosa.

O jornalista e professor da Uniube, Francisco Marcos Reis, lembra-se que, quando foi editor do Jornal de Uberaba, publicou uma entrevista "pingue-pongue" (perguntas e respostas) com Seu Nestor, realizado pela jornalista Rose Dutra. "Ele falava do problema da corrupção no país, que a corrupção gerava a pobreza. Era um discurso daqueles bem nacionalistas, valorizando as coisas do país, etc. Ele falava, por exemplo, que o Banco do Brasil tinha que ajudar o povo." Uma mistura de Dom Quixote e Policarpo Quaresma uberabense, poderíamos dizer.

Pedreiro famoso, segundo os familiares, estudou poucos anos em um escola rural, mas sempre foi leitor contumaz de jornais e livros de Direito. Casou-se duas vezes, e por duas vezes ficou viúvo. Morou durante 40 anos com o irmão, João Alves Ribeiro e a cunhada, Clair Batista de Andrade, no bairro Santa Marta. Usava cabelos compridos, sempre amarrados. Quando dona Clair dizia para ele cortar o cabelo, ele retrucava: "Cabelo comprido está na moda. Vocês não entendem minha vida. Eu sou um político!". Segundo a família, seu Nestor conversava normalmente sobre qualquer coisa; mas quando o assunto era política, aí ele se entusiasmava e, como em um transe, não parava mais!

Ele discursava na praça de segunda à sexta, como se marcasse ponto em um serviço. Quando tinha mais dinheiro para ônibus, ia duas vezes: saía de manhã, voltava para o almoço, saía novamente à tarde e chegava em casa às 18hs, às vezes 19hs. Muitas vezes continuava discursando dentro do ônibus. Apesar

de ter direito à passagem gratuita, por causa da idade, ele fazia questão de pagar. Dizia que a autoridade máxima do país tinha obrigação de bancar o próprio transporte. Em casa, dizia "hoje trabalhei muito", e explicava para a família os temas políticos que tinha abordado no discurso do dia.

Seu Nestor sofreu um derrame no dia 23 de fevereiro de 2001 e foi atendido no Hospital Escola. Todos os médicos o reconheceram: "–É o Sr. Nestor, aquele que fica discursando no centro da cidade!". Ele nunca admitia estar doente, pois não gostava de ir ao médico: dizia que, no hospital, poderiam tentar matá-lo. Evidentemente, ele temia um assassinato político. Seu Nestor também não aceitava comida, salgadinhos, biscoitos e nem mesmo água de ninguém que o oferecesse no centro da cidade: homem importante que era, poderia ser envenenado. Só depois de muito tempo, passou a confiar em algumas funcionárias da prefeitura e aceitava um copo d'água.

Dezoito dias depois do derrame, Seu Nestor, o orador, não resistiu. Morreu aos 78 anos, no dia 10 de março de 2001. Ele deixou uma filha. Segundo a família, até o prefeito de Uberaba, Marcos Montes, compareceu ao velório e deixou um buquê de flores. Seu Nestor foi enterrado com alguns de seus crachás, que gostava tanto. Uberaba perdeu o personagem mais ilustre da Praça Rui Barbosa do final do século 20. Mas os alucinados discursos de Seu Nestor, o orador, ainda ecoam na memória afetiva da cidade. ■

Seu Nestor na porta do prédio histórico da Prefeitura e da Câmara Municipal

Grupo Chorocultura apresentou-se
na Universidade de Uberaba em fevereiro de
2002, durante as atividades da Calourada

Publicado no Revelação nº 229, em 19 de novembro de 2002.

Crônica premiada no 15º Set Universitário, realizado pela Famecos/PUC-RS, em Porto Alegre (RS), 2002

A delícia do chorinho e a vergonha de ser brasileiro

O choro diz tudo sobre nossa alma. Por isso mesmo, morremos de medo de gostar dele

A apresentação que o grupo Chorocultura realizou, durante os eventos da calourada na Universidade de Uberaba de 2002, foi tão assustadoramente autêntica que nos fez lamentar a vergonha que temos de nós mesmos.

Não é que não gostamos de ser brasileiros — lá no fundo, existe até um certo orgulho, assim meio constrangido — mas somos acanhados, vacilantes; dificilmente temos coragem de confessar que o chorinho é a coisa mais certa e mais gostosa para acender alguma coisa indefinível dentro da gente.

A cadência maliciosa de vai-não-vai em que o chorinho se esbalda é uma delícia porque representa todas as características de nossa alma brasileira. Está tudo lá. O bandolim tropeça feito bêbado em uma escala e, através de malabarismos impossíveis,

faz tudo dar certo quando o improviso parecia desembestar para a mais tremenda confusão. O sax finge sua manha elegante enquanto o pandeiro disfarça em uma cadência hipnótica. O cavaquinho, naquela de quem não quer nada, cutuca o violão que de repente descamba para a gafieira e o pau come solto.

Mas é por isso que temos medo de gostar do chorinho. Como em um espelho mágico, nos vemos nus, enxergamos nossa alma tal qual, sem ornamentos, sem maquiagem.

O seresteiro canta como se estivesse nos convencendo que todas as suas estórias de sedutor são verdadeiras. Mas ele sabe que não são, mente até mandar parar! Nós sabemos que é tudo papo, mas fingimos acreditar, só pra dar corda. Ele sabe que nós sabemos disso, mas continua fingindo que acredita que nós não sabemos. Nos trata como se estivéssemos fascinados com seus causos fajutos. E o pior é que a gente acaba ficando!

O saxofone ali atrás, amigo da onça, finge contentar-se com seu humilde papel de figurante, mas logo dá um suspiro e admite melancólico, num gemido malicioso (de lágrimas de crocodilo), que estava na verdade era tramando uma estratégia para passar a perna no cantor e roubar a cena, comovendo a todos com um solo irresistivelmente encantador.

Enquanto isso, o cavaquinho e o bandolim, como dois moleques de rua, fingiam se esconder para então nos surpreender em uma, duas, cinco, dez notinhas coloridas, uma após a outra. Subitamente, o bandolim e o cavaquinho param! …e tocam a bola para o sax que mata no peito mas, como Garrincha, não faz logo o gol: enrola, sacaneia, dribla todo mundo, dá chapéu, joga entre as pernas, colocando a partida em risco, enfartando a torcida, descabelando técnico, adiando o gol só pelo prazer de jogar gostoso. E suspira num sol metálico, e a gente suspira junto.

A conversa de cordas da composição de Jacó do Bandolim, lindamente interpretada pelo Chorocultura, é a própria balbúrdia de uma cambada de feirantes tagarelas negociando aos gritos seus hortifrutigranjeiros. Dessa vez, todas as notas parecem querer passar a perna uma nas outras. Evidentemente, é fácil perceber que, neste caso, trata-se daqueles encontros fortuitos de velhos amigos que brincam de ofender-se entre si com todos aqueles

nomes sujos que aprenderam na adolescência nos anos 40.

Para terminar, a malandragem come-quieta do cavaquinho abriu as comportas para uma torrente de notinhas de "Brasileirinho", o hino nacional dos chorões que, apesar de arroz-de-festa em qualquer evento cívico, sempre dá água na boca, pois tem uma melodiazinha muito é esperta e saborosa.

Entretanto, quem observou o comportamento do público durante a apresentação percebeu um fenômeno que, por si só, diz quase tudo que essa crônica pretende fazer: que inibição neurótica é essa que nos impede de sair dançando e pulando e se esfregando e esfolando os sovacos feito loucos nessa gafieira canalha? Em vez disso, todos ficaram lá, parados, braços cruzados, como se assistissem a uma palestra ou estivessem esperando o ônibus. No palco, o pau comendo, o cavaquinho alucinado, o pandeiro pegando fogo, o sax mandando ver, e a turma lá de baixo naquela pose de guarda de trânsito. O chorinho é entusiástico, contagiante, mas ninguém se deixou levar pelo inevitável arrasta-pé. O chorinho é enternecedor. Um professor chorou — de verdade! — em "Saudade". Mas ninguém teve coragem de pegar uma dama nos braços e levá-la para as alcovas da suavidade da música... *só os dois... esquecendo o mundo… esquecendo até da banda*… ninguém!

Por que somos tão travados assim? O que aconteceu conosco que ficamos com vergonha de coreografar todas aquelas verdades sobre nós mesmos, que o chorinho expressa lindamente? Não há nenhuma dignidade nessa timidez mórbida — se é que alguém considera indigno sair dançando e se esfregando feito patife nas gafieiras da vida. A festança do Chorocultura tem toda a força e autenticidade para provocar uma catarse, uma epifania, mas não aconteceu. Ficamos lá, maravilhados por dentro, mas estacionados, parados feito besta, com cara de hidrante. Que insegurança é essa que nos faz ter vergonha de nossa própria alma? Uma das respostas eu sei, mas, evidentemente, não vou dizer pra qualquer um, assim de graça... ■

Publicado no Revelação n. 209,
em 27 de maio de 2002

Pandeiro e zabumba entram em transe: era Maria Preta, a Rainha, que dançava entre os foliões

Foliões do grupo Filhos da Bênção ensaiam na casa de Antônio Munhoz

Folia no assentamento

Nova Santo Inácio e Ranchinho comemora nove anos com Festa de Reis

"Aqui, graças a Deus, a turma está comendo desde cedo. Chega um e come, chega outro e come...", disse Antônio Munhoz, onze filhos, mais de trinta netos e alguns bisnetos. Em sua casa, o grupo de Folia de Reis "Os Filhos da Benção" ensaiava para a procissão da noite de 18 de maio de 2002.

O dia todo era de festa. Os moradores da comunidade Nova Santo Inácio Ranchinho, localizada no município de Campo Florido (MG), comemoravam, na véspera, os nove anos de assentamento com um grande churrasco.

Munhoz acompanhou o lento processo de desapropriação, assim como a acomodação das 115 famílias a partir de 1993.

José Messias e o filho Israel: "A folia é uma tradição da família. Meu avô passou para o meu pai e ele passou para mim. Meu filho já está aprendendo"

"Ficamos todos, com as mulheres e os meninos, três anos e meio debaixo de lona", lembra. Hoje, quase todas as casas têm energia elétrica e boa parte delas é abastecida com rede de água. O assentamento conta também com uma escola ligada ao projeto Escola Família Agrícola (EFA). Segundo dados do projeto Lumiar, lá eles produzem frango, ovos, mandioca, melancia, moranga e comercializam leite com cooperativas. De acordo com alguns moradores, há casos de assentados que alugam suas glebas para produtores de soja e açúcar.

José Ferreira dos Santos, conhecido como José Messias, é violeiro e mestre da folia. "A procissão no aniversário era uma intenção que a gente tinha desde a beira da rodovia", conta. Por causa de diversos problemas enfrentados nos primeiros anos de assentamento, somente em 1996 conseguiram reorganizar o grupo para a comemoração. "A folia é tradição na família. Meu avô passou para o meu pai e ele passou para mim. Meu filho — o Israel, de doze anos — já está aprendendo."

José Francisco Ribeiro, o Zé Melé, é uma figura muito popular na comunidade. Bem humorado, está pronto a qualquer momento para uma zombaria rasgada. Há trinta anos é companheiro de folia de José Messias. Já participou como palhaço e hoje, aos 68 anos, toca pandeiro. "Quero ver essa cara pretinha no jornal", disse, ao posar para a foto.

Natal Martins, o Natalino, é folião há mais de vinte anos. “Eu era só o escrivão, anotava as prendas, essas coisas. Um dia o contramestre ficou rouco, fui chamado *no repente*... e cantei — assim meio com vergonha — mas saiu”. Tornou-se então o contramestre de José Messias e o acompanhou por doze anos cantando e tocando viola. Mais tarde Natalino seria mestre em seu próprio grupo, a companhia 25 de Dezembro. Seu filho, Márcio José, é integrante do grupo e toca cavaquinho. Natalino foi convidado especialmente para participar da procissão no aniversário do assentamento.

Um líder político na folia

Como é sabido, o termo *sofisticado* deriva de *sofística*. Platão era um grande inimigo dos sofistas. Considerava-os enganadores, imitadores de filósofos. A prática do sofisma caracteriza-se por raciocínios escorregadios que induzem a uma “verdade” puramente ornamental, sem compromissos com a realidade.

Lourival é um dos principais líderes do assentamento. De raciocínio claro e bem articulado, não é um homem sofisticado, assim como não são sofisticados o Antônio Munhoz, o José Messias, o Zé Melé ou o Natalino. Não é preciso se perder em emaranhados de análises para decifrá-los; descobrimos claramente suas intenções a partir do que eles mesmos dizem.

Requisitado a todo momento, Lourival é chamado para ajudar a resolver quase todo tipo de assunto na comunidade. Mas o líder

Natalino e o filho Márcio: “Um dia o contramestre ficou rouco, fui chamado no repente... *e cantei”*

político fica para outra reportagem. Aqui, Lourival é um dos foliões e toca violão com os Filhos da Benção.

Tradição

A Folia de Reis é uma festa inspirada em costumes católicos com raízes que remetem ao período colonial. José Messias calcula que, em sua família, a tradição se mantém há mais de um século. A procissão reproduz a viagem dos Reis Magos a Belém. Os cortejos percorrem ruas, vilas e povoados entoando em frente às casas os cânticos de louvor. Os foliões costumam pedir aos moradores que abram as portas, e então fazem a saudação ao dono da casa, cantam jornadas dos reis magos ou passagens da vida de Jesus Cristo, agradecem e despedem-se. Normalmente as folias iniciam-se em 24 de dezembro e vão até 6 de janeiro. Mas a procissão de Nova Santo Inácio Ranchinho é um festejo especial para comemorar o aniversário do assentamento.

Lourival e Anísio (no centro) tocaram violão. Clarice Rosa foi a bandeireira. Os palhaços foram Eurípedes Dias e Aparecida Martins. Aparecida substituía Benedito Galante, que estava "entrevado"

Cânticos carregam imperfeição e impureza que nos caracterizam como humanos

O cortejo do grupo Filhos da Bênção partiu da casa de Antônio Munhoz no final da tarde e seguiu até a sede da Associação Nova Santo Inácio Ranchinho (Ansir). De intensa expressividade simbólica, os cânticos inspiram forte devoção religiosa e provocam nos fiéis um estado de contemplação profundamente autêntico.

As violas pulsam na regularidade de um organismo. E pulsam de verdade, num pulsar que quase sai sangue. Os toques vibram as cordas, desencadeiam constelações e orientam as vozes que, encantadoramente mundanas, prosseguem a cantoria para agradar os santos. O tempo da toada é circular, em mais um convite ao desprendimento da meditação.

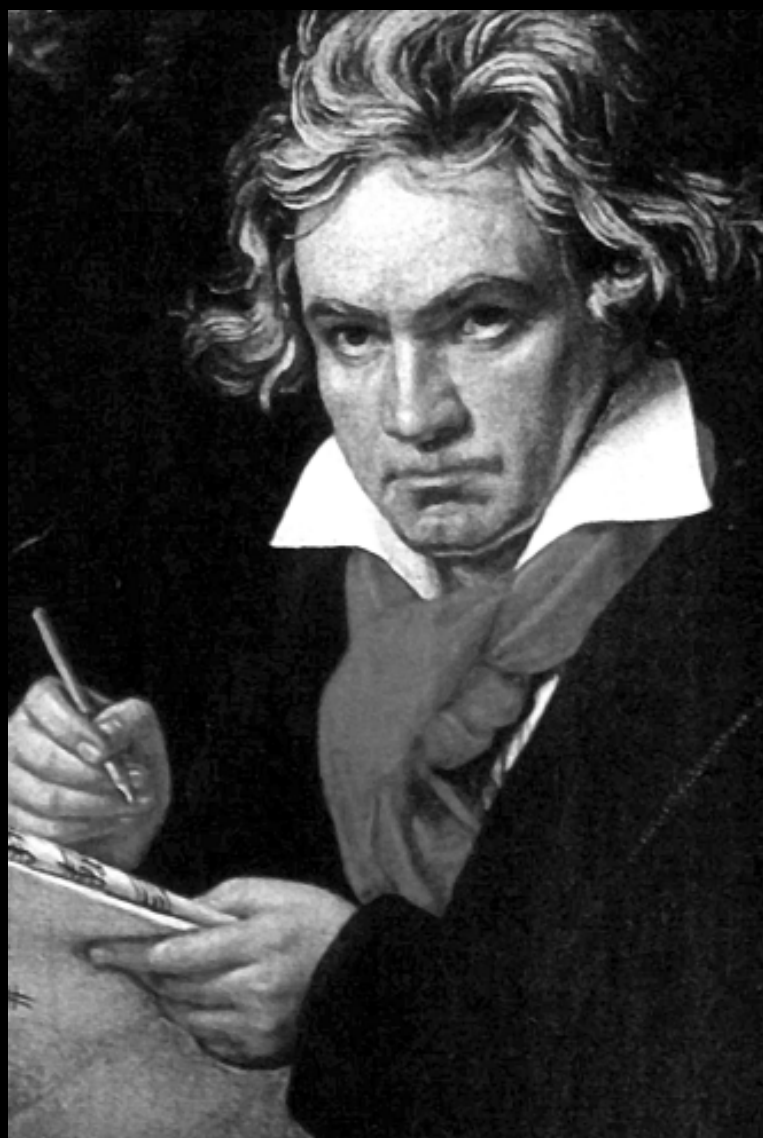
A afinação dos arranjos vocais é o que há de mais assustadoramente carnal e sangüíneo na folia. As toadas carregam toda a imperfeição e toda a impureza que nos caracterizam como humanos. A voz do mestre José Messias desafiava e vencia o tom continuamente, enfrentando o cansaço de sua garganta empoeirada. Mas não desafinava, seguia teimoso. A paleta comia forte a corda seca do cavaquinho para o som ressoar no agrado dos santos. Os foliões estavam ali para expressar sua devoção da forma mais bonita e humana que existe. Demasiadamente, assustadoramente humana.

Zé Melé:
"Quero ver essa cara pretinha no jornal"

Ai ai meu Deus do céu. As vozes clementes arrancavam da alma dos foliões uma tristeza não chorada que naquele momento quase chorava na cadência da zabumba. E a tristeza parecia doer lá no fundo da alma. "Depois eu te conto o que é tristeza", disse Zé Melé, sem contar depois. *Ai ai Nossa Senhora.* O que clamavam os foliões? O que era aquilo no rosto de Anísio Gomes, que tocava o violão? O que era aquilo no olhar de Clarice Rosa, a bandeireira? Era tristeza ou alegria aquele compasso tão decidido e resignado ao mesmo tempo? A folia não responde. Segue cortejo.

Já na sede da Ansir, a procissão parou no galpão e algo aconteceu: os pandeiros de Wederson e Zé Melé, as zabumbas de Ariclenes e Arimatéia, entraram em transe. A circularidade da toada pareceu fechar-se em si mesma. E o tempo parou. Era o transe da rainha da Companhia, Maria Aparecida, a Maria Preta, de quase 100 anos, mãe de José Messias, que saudava as pessoas e dançava entre as duas colunas de foliões. O transe durou alguns minutos, enquanto a rainha caminhava e segurava a bandeira sobre o rosto dos fiéis. Logo depois, ela proferiu um discurso louvando a coragem e o talento dos homens e mulheres.

Voltaram os cânticos. O trinado do pandeiro e o pulsar da zabumba subiam pela espinha e apertavam o coração. A entoada triste fazia florescer uma nostalgia impossível, trazia uma sensação de memória longínqua, subterrânea, muda, que

ninguém sabia nomear. As raízes profundas da tradição e a sugestão mística das toadas sugeriam que não eram apenas os fiéis que naquele momento arrepiavam com o trinado do pandeiro; eram seus pais, suas mães, seus avós, bisavós e tataravós, toda a população que nasceu, sofreu, cruzou oceanos, enfrentou guerras e morreu para que eles estivessem ali, ouvindo a folia, é que arrepiavam neles. Um pouco da carne e da memória de antepassados que ainda sobreviviam neles pareciam reconhecer os cânticos e arrepiavam de verdade. E arrepiando assim, ninguém, ninguém duvidava da força mística da Folia de Reis. ■

Publicado no Revelação nº 265
em 21 de outubro de 2003
●
3º lugar na categoria Crônica no
I Concurso de Literatura da Faculdade Maria Augusta
e Fundação Cultural de Jacarehy (SP)

Beethoven contra a barbárie

No dia 27 de julho de 2001, o pianista Sylvio Robazzi apresentou um emocionante recital de piano na Centro Cultural Cecília Palmério, em Uberaba. Foram executadas peças fundamentais da tradição clássica, divididas em dois programas — um de compositores mais antigos e outro de músicas do século 20. Sylvio Robazzi é um pianista seguro, desses que sabem dosar a sensibilidade e fúria com a experiência da maturidade. Um programão, daqueles que nos fazem sair pessoas melhores.

No entanto, como sabemos, parte dos consumidores de arte o fazem não pelo refinamento da sensibilidade, ou pelo mergulho inconseqüente nas profundezas da alma. Na verdade, sujeitam-se a esses momentos para pagar um encargo simbólico e faturar certa distinção social, tudo em nome da conveniência de posar como um membro da elite sofisticada. Assim, ser visto pelos pares em um recital de piano é equivalente a receber da comunidade um diplominha cultural invisível, um atestado de burguês-culto. Esses consumidores, evidentemente, não se deixam envol-

ver na música, não vagabundeiam na multiplicidade de caminhos das harmonias, não se perdem na arquitetura invisível do labirinto de sons. Pragmáticos, acostumados com certezas, negócios, decisões, resultados e recompensas, são impacientes, aborrecidos, querem que a coisa acabe logo para se verem livre do compromisso.

Para eles, portanto, ouvir Mendelsson é um tédio insuportável, uma espera no dentista, um mal necessário para cumprir com as obrigações alegóricas de classe. Esse público suporta com muita dificuldade uma peça inteira de Vivaldi que, diferentemente do *jingle* de propaganda de sabonete, dura mais que trinta segundos.

Logo chegarei no ponto. A terceira peça apresentada por Robazzi foi *Sonata ao Luar*, de Beethoven. Linda e triste, envolvente e obscura, as notas cambaleiam passos delicadamente lúgubres ao piano, compondo acordes que vacilam, hesitam, rodeiam e retraem-se em pulsões fluídas de sonho. Lenta como a própria melancolia, em seu primeiro momento, a música é composta sobretudo por seus silêncios, que dizem mais à sensibilidade, naquele contexto, do que faria qualquer nota. Essas ausências pontuadas são os acordes inalcançáveis que Beethoven dedilhou para desnudar a tristeza muda de *Sonata ao Luar*.

Sylvio Robazzi, sem partitura, interpretou a peça com uma destreza flutuante, equilibrando-se entre a doce serenidade a irrefreável emoção. Para hipnotizar-se com esta música, para mergulhar nesse oceano de sensações, bastava que o ouvinte se deixasse levar... O que o músico pede em troca dessa sublime experiência é apenas uma coisa: que o público preste a mínima atenção.

Mas as hordas de consumidores impacientes não são capazes dessas sutilezas de espírito. Suportar um concerto de piano para manter as aparências do *status* cultural é difícil, mas pedir que prestem atenção, ora, isso já é demais! Solicitar que fiquem calados então, isso sim é quase uma ofensa. Acostumados à algazarra onipresente da televisão e dos eventos sociais, a experiência do silêncio torna-se perturbadora, pois provoca algo que estes consumidores não podem suportar por muito tempo: a reflexão, a

introspecção, a contemplação existencial.

Por tudo isso, diante das insistentes quietudes de *Sonata ao Luar*, as madames não tinham outra alternativa a não ser preencher de alguma forma os insuportáveis silêncios de Beethoven. Assim, sem combinar, passaram a subir e descer atabalhoadamente as escadas, pisando firme com seus tamancos, *pocotó, pocotó*, caprichando na percussão plástica dos seus saltos, *pocotó, pocotó,* que subiam e desciam, subiam e desciam os degraus. O *sol* do piano, singelo e triste, era pisoteado pelos saltos alvoroçados; o sussurrado e inocente *si*, minúsculo em seu murmúrio, era febrilmente derrotado por relógios digitais que tiquetaqueavam pi pi pi pi; o frágil *ré,* sumido entre dois *dós,* não resistia e sucumbia aos cochichos de dondocas e almofadinhas que conversavam sobre o que fazer depois do recital. Essa música é linda, não é? É! Como acho linda! Linda linda linda! É mesmo, linda! Linda mesmo! Linda! Que fome! Onde vamos comer? Ai, vibrou! Ah ah ah...

A guerra ficava cada vez mais desigual: enquanto Robazzi, íntegro, honesto, impassível, mantinha a música em sua acústica natural e verdadeira, as hordas de madames *pocotó pocotó, pi pi pi, blá blá blá* atacavam ferozmente.

Mas o tempo estava ao lado de Beethoven, chegaria a hora da explosão de fúria em *Sonata ao Luar*. Quem conhece a música sabe desse segundo momento. Assim, as notas ensaiaram a triste despedida, deixaram-se morrer num grave magoado, pareceram render-se à evidência da vitória dos bárbaros, à apoteose definitiva do salto alto, ao triunfo do despertador de relogiozinho digital. Para muitos, que nunca ouviram a música, que alívio, pensaram, era o término da ladainha! Alguns chegaram a estalar as primeiras palmas. Ufa, acabou, enfim!

Mas da morte silenciosa, aparentemente humilhante, eis que renasce, primeiro engatinhando, depois cambaleando, uma frase musical — trôpega e longínqua, como aqueles andarilhos que avistamos longe na rodovia. Os relógios e saltos ficam em polvorosa — pocotó pocotó, pi pi pi pi pi pi — pois já parecem pressentir, por algum instinto impossível, o cheiro da tempestade. Gota a gota, eis que a melodia reconfigura-se ameaçadora, mas, feito a

sombra de um predador, recua, em estratégia inesperada, como se tragada por um manto de silêncio.

Os tamancos recrudescem os *pocotó pocotó*, mas os movimentos sinuosos de Beethoven tornam-se cada vez mais insolentes, ameaçadores. Um TLAM TLAM! quase derruba as madames das escadas. Um golpe duro em um dó grave do piano faz as dondocas tremerem e engolirem seco. Todas piscam os olhos ao mesmo tempo, levantando no salão uma poeira de rímel. *Sonata ao Luar* se recurva e rasteja feito serpente... contorce o ventre no lodo... arma o bote... chaqualha o guizo... mas finge que se distrai... finge que a inocência da renascente melodia é sua verdadeira natureza... fecha os olhos e acompanha o ritmo leve com a cabeça... recua... volta a atenção para a harmonia dos acordes... e brutalmente dá o bote! TLAM TLAM TLAMMM!

Seu golpe vem arrasador como uma tormenta, como um abrir de comportas de uma represa contida até o limite. Com a fúria de um Poseidon enlouquecido, Robazzi desencadeia a tempestade suprema para liquidar as hordas inimigas e enxotá-las ao precipício! Como a Hidra dos pântanos de Lerna, as notas multiplicam-se infinitamente, e a cada uma que se extingue, outras brotam dos dedos do pianista.

E os saltos, relógios e cochichos, que souberam tão bem atacar os silêncios, tremeram perante a tempestade de notas jorradas do piano. Como em uma vingança avassaladora de todos os deuses e demônios dos oceanos, *Sonata ao Luar* reagia com fúria desproporcional ao ataque sofrido. Uma tropa de celulares foi chamada às pressas pelo comando inimigo e passou a atacar Beethoven com toques seqüenciais de chamadas que reproduziam as primeiras notas digitalizadas de *Bolero*, de Ravel; *Carmina Burana*, de Carl Orff; *Suite Nº1 em Dó Maior*, de Bach; e *As Quatro Estações*, de Vivaldi; e *Stayin Alive*, dos Bee Gees; mas neste momento ataque foi prontamente repelido por um exército invisível invocado justamente... pelo público!

Sim, a luta estava tão emocionante que a arena inteira passou a lutar ao lado de Sylvio e Ludwig. Olhares fulminantes, cutucões e beliscões dos próprios espectadores ajudaram a abafar as cavalarias de tamancos, as fragatas de celulares, as baterias de despertado-

res de relógio e as tropas de cochichos cujos cadáveres foram deixados apodrecendo no campo de batalha. Um massacre! Como Átila, o huno, Beethoven circulava triunfal pelo anfiteatro Cecília Palmério, cavalgando em um unicórnio fabuloso, segurando pelos cabelos os corpos esfolados dos inimigos agonizantes.

Depois dessa luta sangüinária, Beethoven vencera, afinal! Só restava a *Sonata ao Luar* concluir-se num golpe de misericórdia para exibir ao público em êxtase a cabeça decepada do inimigo. E a última nota ressoou até o fim, sob o agora temeroso e reverente silêncio do público. Catarse total! O auditório aplaudiu de pé, enquanto Robazzi, ainda absorto na música, sem perceber a guerra que se travara, agradecia os aplausos com um sorriso e um aceno de cabeça. ■

Publicado no Revelação nº 232
em 10 de dezembro de 2002

Mostra "Dejeções Anônimas" compõe-se de 18 quadros com medida de 34x38cm, com as peças envernizadas em um fundo trabalhado com pigmentos naturais e esmalte sintético

Arte intestinal

Mizac Limírio mete a mão no estrume em busca de matéria-prima para suas evacuartes

O artista plástico francês Marchel Duchamp (1887-1968) é tido por muitos críticos como o detonador da crise da arte no século 20. Fundador do Dadaísmo (movimento marcado por uma atitude antiartística) e membro ativo do Surrealismo (ligado aos conceitos de sonho e inconsciente freudiano), Duchamp debochava do conceito humanista de arte e dizia que a apreciação estética é uma questão de convenção, de acordo cultural. "Será arte o que eu disser que é arte", provocava.

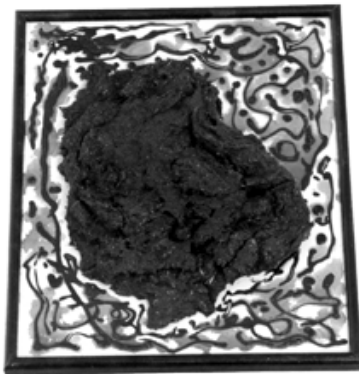
Algumas de suas criações, que ainda hoje inquietam a crítica, foram os chamados *readymake* (algo como *obras prontamente feitas).* O artista transportava objetos industriais de utilidade prática (como uma roda de bicicleta) para ambientes fora de seu contexto

(sob um banco de cozinha, por exemplo), levava ao museu e afirmava: *isso é arte!* Sua mais célebre provocação foi a obra intitulada "A fonte". Em 1917, Duchamp enviou um mictório (peça de banheiro masculino usado para urinar) à Sociedade Americana dos Artistas Independentes e garantiu: *é arte!*

O mictório não tinha nada de especial, era uma peça comum, encontrada em qualquer banheiro. A elaboração artística estava no sarcasmo em apresentá-la em um museu. Ele dizia que, ao incorporar no objeto a *intenção* do artista, essa peça passava a ter um *conceito* artístico. Essa idéia acabou ampliando a noção de obra de arte. Evidentemente, o objetivo implícito também era chocar e desafiar o espectador, rompendo com dogmas acadêmicos que, para ele, esterelizavam o artista.

Quase um século depois, reverenciando e ecoando os *readymakes* de Duchamp, o artista plástico uberabense Mizac Limírio desceu mais fundo no ralo. Em 2002 ele teve a coragem de expôr, na Casa do Artesão, a mostra Dejeções Anônimas, onde apresentou seu conceito de *evacuarte*. Nessas obras, o artista utiliza-se de uma das matérias-primas mais abundantes da cidade: o estrume de boi.

Estrume é cultura

"Por viver em uma cidade cuja história é dominada pelo Zebu, o excremento do gado faz parte do contexto de Uberaba. Por isso, a matéria-prima estrume acaba sendo muito ligada à minha

realidade. A questão é: isso pode ser utilizado como matéria-prima para a arte?", questiona. Para ele, é aí que entra o preconceito.

O esterco sempre foi um material amplamente utilizado pelo homem. Até o começo do século 20 servia, por exemplo, como uma espécie de cimento artesanal na construção de casas. Em muitas localidades rurais isso ainda acontece. É comum também, nos bairros da cidade, ver aposentados pagando gorjetas a garotos da vizinhança para recolherem esterco do asfalto, que serão utilizados como adubo em hortas caseiras. Apesar dos poucos tostões, os meninos costumam fazer o serviço com naturalidade, pois pegar em cocô de boi não é visto com repugnância. "As fezes são um processo natural. Se você não passa por esse processo, você está enrolado! É engraçado o ser humano ter nojo. O lado racional não percebe que isso faz parte do ciclo de vida", diz o artista.

Mizac mora no bairro Jardim Espírito Santo e afirma que sempre vê gado passeando pelo asfalto. "É normal passar vaca na porta da minha casa. O pessoal tenta prender as bichinhas no pasto, mas elas são teimosas". Entretanto, ele observa que isso é parte da cultura local. Por isso, quando admite que vive em uma cidade onde vacas passeiam pela rua, isso não significa, de maneira nenhuma, que pretende ridicularizar Uberaba. "Minha irmã viveu em Santos durante 30 anos e veio morar em Uberaba. Um dia foi trabalhar de manhã e se assustou terrivelmente ao ver uma vaca passeando tranquila pela rua. Aquilo, para ela, foi como se tivesse

visto um tigre, um rinoceronte, um bicho perigoso! Para a relação de mundo dela pode ser exótico. Mas para nós, isso é normal. Pode acontecer é acidente de trânsito, mas isso é outra questão".

Como se sabe, vaca não tem cerimônia e libera todos os seus instintos em qualquer local ou circunstância. Assim, o artista plástico passou a sair pelas ruas e pastos para observar e coletar essa matéria-prima, imaginando coisas… "Eu me tornei um crítico de bosta. Não era qualquer uma que eu pegava. Teve um processo de escolha, uma seleção. Eu tentei observar a plasticidade, as peças que, na minha opinião, tinham textura, formato. Só eu mesmo, vianjandão, para tirar proveito dessas coisas", admite.

A coleta foi feita no inverno, aproveitando a estação seca para garantir o formato das peças. "As que já estavam mais ou menos no jeito eu já levava. As que ainda estavam moles, eu marcava o lugar e pegava depois. Levava pra casa, deixava secando e dava o tratamento final." Mizac garante que os formatos originais moldados pelos intestinos e pela natureza da vaca foram mantidos nas obras. "Do jeito que a bichinha soltou, foi para o quadro."

As obras

O artista plástico afirma que o conceito da *evacuarte* é um conjunto de arte e provocação, estética e questionamento. "São as leituras possíveis de um objeto: para quais fins o esterco pode ser usado?" A mostra *Dejeções Anônimas* é composta por 18 quadros com medida de 34x28cm, com as peças envernizadas sob um fundo trabalhado com pigmentos naturais (terra e pó de arenito), e esmalte sintético. "É muito louco o encontro do material sintético e do natural. O desenho de fundo foi meio aleatório, reforçando a idéia da espontaneidade da produção do excremento, simbolizando a naturalidade do processo de excreção."

Mas apesar do aspecto aleatório, Mizac admite que buscou, em suas obras, certa figuração (tendência em criar formas semelhantes a objetos ou coisas, para evitar a abstração total). "Eu busquei ser figurativo. É a necessidade que o ser humano tem do figurativo. Deixei uma pista para as pessoas enxergarem alguma

coisa. Mas não quero que as pessoas vejam só o que eu vi. Cada um vê e projeta a imagem que está em si mesmo. Em um dos quadros, uma pessoa enxergou uma coisa de santidade, meio de maternidade, ou feto. Você pode olhar e dizer: *olha, é a cara do meu chefe, é a cara do meu vizinho*. Tem esse lado também".

E as obras finais ficaram belas? "Aí é que está. Ficaram interessantes. Ficaram belas no sentido de eu ter conseguido resolver o que eu queria. Eu resolvi a questão, e isso é belo". Um dos quadros que mais o instigou foi a obra feita a partir de uma pelotona encontrada na sua rua. Na hora da coleta, o artista percebeu um pedaço de asfalto incrustrado. "Tem gente que não acredita nesse encontro da civilização com o natural, mas não fui eu que inseri esse pedaço de asfalto, ele veio pronto. É a vaca interferindo também na cidade – de forma involuntária, é claro, mas registrando sua existência", filosofa. ■

Publicado no Revelação nº 216
em 13 de agosto de 2002
•
Selecionada no Grupo de Trabalho
do 15º Set Universitário,
promovido pela Famecos/PUC-RS, 2002

Cotidianos invisíveis

José Carlos Restrepo, em Direito à Ternura, ensina que pequenas ocorrências afetivas do cotidiano são altamente reveladores das grandes estruturas sociais.

Pois bem. Os dois textos a seguir são um exercício de descrição imediata, cujo objetivo foi vivenciar o cotidiano de dois ambientes tidos como bem distintos: a feira da Abadia – patrimônio cultural da cidade – e o Shopping Uberaba – cuja lógica ambiental é igual a todos os shoppings em qualquer lugar.

O esforço foi direcionado basicamente no sentido de observar detalhes do cotidiano rasteiro que, em conjunto, poderiam revelar muito da essência dessas geografias.

Ao final da leitura, sem que sejam necessárias análises complementares, a própria descrição faz com que as questões de identidade, padronização e colonização cultural fiquem surpreendentemente evidentes.

Foram feitas duas visitas, nas manhãs e tardes de 4 e 11 de agosto de 2002. A primeira serviu para a captação de dados, e a segunda para conferência de informações e mais uma sessão de fotos. Esse texto foi minha contribuição em um trabalho coletivo que fiz com mais seis colegas do curso de Jornalismo.

Feira da Abadia, uma das mais tradicionais da cidade, é considerada folclórica por moradores do bairro

Feira da Abadia

A rua é do povo!

Moradores do bairro Abadia fazem do espaço público um programão da manhã de domingo

Domingo, 9h da matina. Um homem com cecê passa devagar de bicicleta com uma galinha viva amarrada no guidão. O burburinho ferve mais a frente. Um pingado (café com leite) duplo e um pão de queijo enorme, cheirosão, daqueles que substitui almoço, R$1,40. Na padaria Hawaii um cartaz da Festa da Abadia. Rua, gente, carro, sol, quatrocentos mil chicletes pregados no meio fio da calçada. Uma moça se esguela ao microfone, seguindo a melodia programada de um desses teclados de músico de restaurante. É a barraquinha do projeto Cidade Viva, da prefeitura, que faz teste para diabete, corta cabelo, essas coisas.

Dona Aparecida deve estar por aí, toda baixinha e colorida

Açougues de feira não podem vender carne de vaca, por causa da falta de refrigeração. Só pode vender carne suína

nos seus trapinhos. Dois vendedores de picolé de marcas rivais, Tabapuã e Coelhinho, narizes vermelhos de sol, conversam amigavelmente enquanto limpam o suor com a manga da camisa. *Tire aqui sua habilitação*: um rapaz resolveu estacionar o carro em frente a Xiliki Moda Infantil, e aí colocou uma mesinha de aço com um guarda sol e agora fica lá atendendo quem quer aprender a dirigir.

Dois cachorros rodeiam a banca de carne. As lingüiças cruas balançam apetitosas (para os cachorros, evidentemente). Lembro-me que lingüiças são tripas, intestinos de boi recheados com miúdos moídos. Costela, pernil, lombo, suan, toicinho – "Toicim é 1,50. Precisa anotar mais alguma coisa?", pergunta Marquinho Açougueiro, feirante e morador do bairro. De facão ensanguentado na mão, naquele cheiro, Marquinho explica que na feira não pode vender carne de vaca. Só de porco. "A bovina precisa de mais refrigeração, porque não dá para abater a vaca no mesmo dia, ou no dia anterior, e já trazer pra cá. Não pode ficar exposta. Suíno pode, essa carne aí é de porco abatido ontem à noite, tá fresquinha", explica. Coitado do porco. Carne de vaca, só vende se for charque, a carne seca, que por ser salgada, dura que é uma desgraça! OFERTA - RETALHO R$3,50 Kg - 3Kg por R$10.

Cláudio Alberto Souza e o filho Ítalo caminham no meio do aglomerado de gente. "Nem sempre tenho tempo para vir passear na feira nos domingos. Faço trabalho voluntário num asilo e

também no centro de umbanda Caboclo Beira Mar. Participo das atividades e do atendimento social.” Ítalo parece se divertir tremendamente vendo um tiozinho soprando uma língua de sogra pelo nariz. Este deve ser vendedor também.

Mônica Rodrigues de Oliveira diz que vai à feira quase todos os domingos, e considera a feira da Abadia folclórica. Uma feirante, que preferiu não se identificar, disse que muitas pessoas tem vergonha de ir fazer compras na rua. “Feira, nas capitais, todo mundo vai! Aqui em Uberaba, as madames têm preconceito e nunca vêm. Por exemplo, às vezes vão em floricultura chique, pagam caro por flores às vezes murchas, mas não vêm comprar na feira de jeito nenhum”.

Um cachorro pelado preferiu fuçar no lixo da pastelaria. Dona Maria Aparecida está lá na frente, dando tapa em bunda de homem. Logo chegaremos nela. Farinha de soja, sacos de milho, feijão branco e preto, óculos de sol, laranja, baculejo (êpa!), doce de pêssego em calda, um ambulante fincou uns espetos de algodão doce e amarrou umas bexigas num pau e anda pra lá e pra cá, visivelmente entediado, encontra-se com outro vendedor de algodão doce, que joga conversa fora com um vendedor de sorvete da marca Ki-sorvete, em frente à II Igreja Presbiteriana de Uberaba.

Ovos caipira - R$1,50 a dúzia. TEMOS OVOS DE PATA. Mata

Cláudio leva seu filho Ítalo para passear na feira

Jefferson Moura da Silva, 15 anos, comprou um pato por R$10,00. "Meu padrasto que vai matar. Hoje mesmo a gente come ele no almoço"

mosca, CD pirata a R$3, galinhas cacarejam e se coçam com o bico na carroça gradeada, uma menina segura um algodão doce ainda fechado e chupa a pontinha do plástico, boné das Garotas Superpoderosas. Dois patos, em uma gaiola, sentados sobre um monte de alface, observam o movimento, meio apreensivos. "Tem gente de todo tipo. Até político!", diz alguém.

Um morador da avenida Prudente de Morais reclama da sujeira deixada pela feira na tarde de domingo. "Minha mãe mora bem em frente à feira. Todo domingo ela quase tem um *tico-tico*", diz. O pior é a pastelaria. Fica um cheirão de óleo na semana inteira, diz. "Põe isso aí no jornal."

Macaquinho de pelúcia, espada de plástico "Dragões do Deserto", cueca. Churrasquinho morno na churrasqueira cheirando à carvão molhado. Bonequinho do Chapolim que faz bolinha de sabão. A feira não acaba. Êpa, briga de cachorro! Devem ter se desentendido por causa de um pedaço de bacon. Uma loira falsa muito peituda passa batom andando e sem olhar no espelho. Depois tira um Derby do maço, põe na boca, acende, traga e tira da boca, marcando o filtro com batom. Calças de moleton, martelo, tamancos, roupas coloridas dispostas sobre um plástico alaranjado, cortador de legumes universal, sacas de cebola. "Ó, hoje eu tô doido! Três baldes por dois *real*, hein! Hoje eu tô doido, hein! Eu tô doido!", grita o feirante. Aí está, finalmete, dona Maria Aparecida, baixinha, pedindo coisas e sorrindo para as pessoas.

Dona Maria Aparecida é uma figurinha fácil na feira. "Vira as costas para ela pra você ver. Ela bate na bunda de tudo quanto é homem", afirma a feirante Nilva Borges. Dona Maria vai pela feira segurando uma nota suja de um real e compra uma alface, depois sai pedindo coisas e então troca por qualquer outra coisa em uma banca qualquer. Um esporte. "Todos têm um carinho especial por ela. Ela é muito alegrinha. Minha filha adora ela", diz Nilva.

No domingo posterior (dia 11), lá estava dona Maria Aparecida, segurando seu carrinho de compras, contando alguma coisa para Maria Angélica, outra feirante. "Ela falou que uma mulher tinha dado uma boneca pra ela, e ela gosta de brincar". A feirante confirma que todo domingo dona Maria aparece na feira. "Ela conversa e brinca com todo mundo. Às vezes nem pede, as pessoas já dão as coisas".

OVOS COM DUAS GEMAS - 30 POR 3,80. Os cachorros não estão nem aí para os frangos da máquina assadeira (televisão de cachorro) da M&M Queijos, frangos e frios. Preferem vagabundear, lamber tomate caído ou mascar guardanapo com resto de queijo de pastel. Um sujeito de braço cabeludo enche uma garrafa plástica com garapa. Outro chupa cana e assovia. Outro lambe os beiços

Erickson Sousa Ribeiro, 20 anos, morador do Jardim Maracanâ, depois de participar do culto da Igreja Pentecostal Chegada de Cristo, passou pela feira da Abadia para comprar o presente do Dia dos Pais. "Aqui tem de cada coisa um pouco"

para uma branquinha e uma negrinha de shortinho e camisetinha apertada que passa chupando suco no canudinho e caprichando o rebolado.

Bucha, cadeira de plástico, espada colorida, tampa de panela – conserta-se panelas na hora – vaso de flor, saco de humus, toalha do Pica-pau. Um senhor de cadeira de rodas informa as horas para sua companheira, também de cadeira de rodas: 10h19. Um garoto de uns sete anos soca o dedo em um tubo da cadeira e fica perguntando coisas. Peixe, cenoura, abacaxi, mandioca, sangue e gordura de uma lingüiça fincada no gancho escorrem na bacia de plástico sobre a prateleira. Um cachorro, olhando, olhando, nem pisca. Suspira e quase aspira uma mosca verde e gorda. "MIXIRICA, 0,49 Kg", pimenta colorida na garrafa, jiló, sorvete colorido.

Mais tarde, no bar do Renato, João de Assis, de 42 anos, morador do bairro, que além de ser dono de uma marcenaria, ainda cria umas galinhas caipiras, explica por que não se deve deixar chocar os ovos de duas gemas: "Ovo de duas gemas dá galinha aleijada. Nascem de quatro patas, de duas cabeças, quatro asas. Antigamente isso usava muito em circo, exibiam as coitadinhas. Hoje é proibido, não pode deixar chocar. É uma judiação", diz. Uma mulher joga sinuca sozinha.

Algumas pessoas lembraram que antigamente a Abadia tinha o apelido de Coréia. "É porque aqui matavam um por dia", diz um morador do bairro que preferiu não ser identificado. "O pessoal do centro não vinha aqui de jeito nenhum. E era mesmo uma bagunça, tinha ronda da polícia o tempo todo. Mas não tem isso mais não, hoje é gostoso demais. Hoje, todo mundo quer vir morar na Abadia", entusiasma-se. ■

Dona Maria Aparecida é uma das figurinhas mais populares na feira

Publicado no Revelação nº 216
em 13 de agosto de 2002

Pessoas sentadas distraem-se olhando para as vitrines e para as pessoas que caminham pelos corredores, que por sua vez também distraem-se olhando para as vitrines e para as pessoas sentadas

Mundo encantado das vitrines coloridas atraem olhares dos consumidores

Shopping Center

The book is on the table

Ar condicionado, ruídos sob controle, vitrines e pisos limpos são o cenário para um happy hour de domingo

Um homem com a camiseta do Flamengo, sentado num banquinho, coça o joelho. Pessoas sentadas nos bancos olham em silêncio para as vitrines e para as outras pessoas que caminham vagarosamente pelos corredores que, por sua vez, também olham em silêncio para as vitrines e para as pessoas sentadas.

Passos de tamanco de vários timbres estalam pelo piso em diversos ritmos. Celulares vibram e os toques fazem uma verdadeira antologia da música ocidental em midi. Tocam *Stayin alive*, do Bee Gees; *We are the champions*, do Queen; *Vem nenem*, do

Harmonia do Samba; *Light my fire*, do The Doors; *I will survive*, de Gloria Gaynor; *As quatro estações*, de Vivaldi, *Brincadeira de criança*, do grupo Molejo, a *9ª Sinfonia de Beethoven*, Hino do Flamengo; *Dancing queen*, do Abba, *Bolero* de Ravel, *Carmina Burana,* de Carl Orff, *Suite N.1 em Dó Maior*, de Bach, além de sucessos do cinema, como *Love´s in the Air*, *Over the Rainbow*, *Jesus Cristo Superstar*, *Hakuna Matata* e *My Heart Will Go On*.

"Venho ao shopping por falta de opção. Não que o shopping seja interessante, é a cidade que não tem nada melhor", diz um adolescente que preferiu não se identificar. "A diversão é vir ao shopping, comentar sobre as pessoas, suas roupas, companhias… e fazer compras", diz a adolescente Marcela de Carvalho, que carregava uma sacola da Tube e outra do Boticário. "O que venho fazer no shopping? Ah, sei lá!", diz Davi Araújo, 20. GANHE UMA CARONA COM NOSSOS BAIXOS PREÇOS. SUPER DOMINGO. Uau! Há um Citröen cinza estacionado no centro da passarela.

Um senhor acompanhado de sua senhora olha demoradamente para o relógio. CINTOS 50%. DESCONTOS BELLES: 15% À VISTA. (SOMENTE EM DINHEIRO E CHEQUE). Iluminação artificial. Um banner do Dia dos Pais mostra um sujeito abraçado por uma moça, com os dizeres: DIA DOS PAIS É NO SHOPPING UBERABA. Mais pessoas passam olhando vitrines, que se mostram impecavelmente limpas. Zeladores e zeladoras estão de parabéns.

Ouve-se um leve burburinho sob controle. Um banner de Nutinho e Nuteca anuncia o "Nutty Bavarian", um cone com castanha de caju, ou amendoim, ou amêndoas, ou macadâmia. Os preços variam de R$1,50 (o Kid's Cone), a R$4,00. Na Decorous Kids, sapatos e sandálias com 50% de desconto. Óculos Multifocais Varilux Comfort® em apenas três horas. Relógios Swatch, hidrante, Hobby Haus vende brinquedos como o "Kids Dough Family", ou o "Brincando na Fazenda", ou a "Middle Earth Sword".

Uma loja chamada Sugar Sugar vende balões infláveis das garotas Superpoderosas, Pokémon e Ursinho Puff. Le Monde vende perfumes "pour homme", como o Azzaro (alguns com 30% de desconto). Na Cia do Som as funcionárias, entediadas, folheiam

Paulo Leandro, 14 anos; Izabella Saud, 12 anos e Camila Saud, 13 anos. "Gostamos de passear, ir ao cinema e tomar sorvete"

os CDs, talvez pela milésima vez.

Hidrantes, toaletes, telefones; um rapaz sai de um corredor carregando uma caixa de copinhos de água mineral. Tube Classic, calças Microfibra, R$44,90. Fila no stand de sorvete do McDonald's. Duas madames entram vagarosamente na Contagio. As portas são escancaradas pelas funcionárias e um perfume insinuante exalado da loja ronda os arredores feito um espectro lilás. Mais um banner do Dia dos Pais. Yellow Baby, Merthiolate e Avalanche são as lojas do outro lado.

Garotas de 10 ou 11 anos, vestidas com blusinhas tricoline, jaquetas paper touch, calças com pregas nos vincos ou calças capri de bolsos frente/costas com rebites e pedras, blusas com babado no decote, blusas de lastex busto duplo, blusinhas de alça com faixa elástica transversal; outras, ainda mais jovens, usando tomara que caia com drapê nas laterais, top jeans com zíper, saia plissada com recortes bicolor, saia jeans com abertura frontal, jaqueta de moletinho com capuz, faixas de renda com bordado de lantejoulas, bolsa mini baguete jeans, bolsas com franja macramê, com alça tressê, tiaras coloridas, óculos escuros e celular em punho conversam soltando risadinhas. "Alô mãe!? Tô em frente à Drill Surf Sport! Ri ri ri."

Um pato de plástico, um papagaio de fibra sintética, uma lancheira rosa choque e um baú alaranjado com tarjas pretas, um

"Musical Tumpet", um "Funny Car", um "Happy Sew Time" e um "Funny Roly Poly" giram em uns tubos de aço colorido. "Fico só imaginando que jogo é este, o jogo do Big Brother", diz um adolescente em frente à vitrine. "Dezoitim", diz o colega.

Estão em frente à Fashion Polly's. Gatos de pelúcia em cestos de vime, placa de plástico do cartão Visa, bonecos de bebês com uniformes do Flamengo, Palmeiras, Cruzeiro, Coríntians ou roupinhas de palhaço, bruxa, Batman e Homem Aranha rodam, rodam, rodam na estrutura de vidro, todos de piercing no queixo, ou piercing na sobrancelha, ou piercing no nariz. Um cheiro de plástico com perfume e desinfetante emana da loja. Uma aranha de brinquedo sobe e desce pelo fio amarrado na porta. "Vamos filho, vamos ali na Viramundo. Vou te mostrar outra aranha.", diz uma mãe ao rapazinho exageradamente penteado de uns quatro ou cinco anos. Duas jovens madames saem da Officina equilibrando sacolas. Apesar da luz controlada do ambiente, uma delas usa óculos escuros.

Da Funhouse, loja de pinballs e fliperamas, a mãe sai carregando dois filhos e uma sacola da Atmosfera. Um dos garotos explica: "– 1 real é o cartão." Um adolescente gordinho, com celular em punho, aguarda, no corredor, alguém sair do toalete. Coça a cabeça, vai e vem, franze a sobrancelha, olha o relógio.

Bustos brancos exibem colares de jóias. Dois jovens, segurando capacetes de moto, admiram a vitrine. Adolescentes coloridos lambem sorvetes do McDonald's em frente a Carnaby. Outro conta moedas em mesas de vidro em frente ao "Coffee Shop". Na Carmen Steffens, descontos de 10% a 50%. Jovens na vitrine da Estivanelli, balconista da Spazzo, de braços cruzados, masca um chiclete com todas as articulações do maxilar, enquanto aguarda um cliente. Uma moça fala ao celular, sentada num banco em frente à L'Effleur. Suas duas amigas aguardam em silêncio, olhando para os lados. Uma manuseia uma *piranha* de plástico. Na Polo Ralph Lauren, um banner mostra um homem louro com gumex no cabelo, roupas social sport, a olhar para o horizonte com pose de sedutor.

Vigilantes vigiam. Uma zeladora esfrega o esfregão. Na praça

"Confia-nos sua criança e vá às compras", diz o anúncio de um banner. Funhouse oferece games e playgorund para kids e teens

de alimentação, o adesivo na porta de vidro: é proibido entrar cachorro. Cheiro de batata com estrogonoffe. No McDonald's, promoção Nº 4: Cheddar Mc Melt, batata e coca-cola. R$6,00. 100% carne, diz a embalagem, que ainda vem com alguma coisa escrita em braile. Já o Mc Chicken (R$5,95), vem na embalagem, além do braile, a informação: 100% frango. ■

Publicado no Revelação nº 217
em 20 de agosto de 2002

Trancou a matrícula
pediu demissão e deu no pé.
Fabiano largou tudo para
viver seis meses na Irlanda

Fabiano posa ao lado da estátua do poeta e romancista irlandês James Joyce, autor de "Ulisses" — obra que exerceu influência revolucionária sobre a literatura moderna de ficção. Joyce foi o criador de uma nova estrutura narrativa, chamada de "fluxo contínuo de consciência"

"Adeus amigos, hoje eu vou para a Irlanda"

Estudante encara o desafio e, mesmo sem grana, passa seis meses vivendo no exterior

"No mundo de hoje é aquele esquema: o inglês é fundamental, uma segunda língua qualquer é importante", diz Fabiano da Mota, um estudante de 25 anos que, sem grana e sem saber falar inglês direito, embarcou no avião rumo a Irlanda, praticamente com uma mão na frente e outra atrás. "Eu tinha essa idéia antes de entrar na faculdade, mas nunca pintava um troco", conta.

Fabiano nasceu em Rio Grande (RS), mas foi criado em Matias Cardoso, uma cidadezinha de 10 mil habitantes, localizada no norte de Minas. Veio para o Triângulo Mineiro para estudar Tecnologia em Processamento de Dados, na Universidade de

Uberaba (Uniube). "Então, me formei em 1998 e comecei a trabalhar com Macintosh, na universidade."

Mas mesmo depois de formado, aquela vontade de dar o fora para o exterior era sempre adiada. "A grana só dava para bancar as despesas de sempre", conta. Fabiano dividia um apartamento no bairro Olinda com alguns colegas, e todo final de mês caía no cheque especial.

Ele não parou de estudar. Dois anos depois do diploma de graduação, concluiu uma pós-graduação em Gerenciamento de Redes de Computadores, também pela Universidade de Uberaba, em 2000. Depois, partiu para outra pós-graduação. Começou a cursar Análise de Sistemas, na PUC de Campinas. Enquanto isso, ia enrolando o sonho.

Mas aquela coceira insistia, e em 2001 ele passou a buscar informações pela Internet. "Eu queria ir para os EUA, mas não consegui visto. Se fosse para a Austrália, tinha que ficar pelo menos um ano, porque a passagem é muito cara. Não dava. A Inglaterra tem fama de as pessoas serem muito frias. Na Irlanda, tive a informação de que as pessoas eram mais amigáveis, e o custo de vida não era tão caro como na Inglaterra. É isso: Irlanda!".

Fabiano procurou uma agência de intercâmbio para fechar o pacote. Como sua intenção era ficar pelo menos quatro meses, teve que improvisar para bancar os custos. "Paguei um plano de um curso de Inglês na Irlanda de duas semanas, e consegui o visto de turista. Eu imaginava que, ao chegar lá, poderia procurar uma outra escola mais barata. Comprei eu mesmo a passagem (US$ 700), porque a agência negociava uma muito cara", explica. O curso ficava em 600 euros. O estudante meteu as caras: fez dívida no cartão de crédito, entrou fundo no cheque especial, e se foi.

Duro em Dublin

4 de fevereiro: "Peguei o avião em Sampa. Treze horas de viagem. Desembarquei em Londres, esperei algumas horas no aeroporto e peguei a baldeação para Dublin. Cheguei lá num frio violento. A sensação ao descer a escada do avião foi: *Cheguei, e agora? Meu curso é só de duas semanas e não tenho grana para ficar muito*

tempo!". Fabiano foi de ônibus até o centro, e de lá pegou um taxi até o lugar da hospedagem. "Economizei metade do preço que pagaria para a escola me buscar no aeroporto. Já cheguei economizando", diz.

Lá, gastava uns 20 euros por dia, contando com acomodação e alimentação. Como combinado com a agência, ficou hospedado no esquema de casa de família (*hostfamily*). "Fiquei na casa de uma nigeriana muito gente boa."

Fabiano sabia que tudo aquilo era uma grande aventura. "No começo foi complicado. Eu não sabia inglês, tava sem grana. Pra me virar, economizava no que pudesse. Por exemplo, pra comer, comprava coisas mais baratas em supermercado, era desse jeito."

Além disso, estranhou um pouco o tratamento recebido pelas pessoas. "A gente está acostumado com calor humano. Nós brasileiros, apesar de não termos o padrão de vida elevado — aquela coisa de estar sempre na pindaíba — somos simpáticos uns com os outros. No Brasil, a maioria já chega te abordando com um sorriso. Lá não tem esse esquema: *Ôôôô, e aí, meu cumpadi!* As pessoas são meio ríspidas, respondem tipo assim: *que é que você quer?* Pra piorar, como meu inglês era muito ruim, os gringos não tinham muita paciência. *I'm sorry, I don't understand you*. Na Inglaterra, algumas vezes, antes mesmo de eu terminar de concluir uma pergunta qualquer, as pessoas já diziam: *I don't know*".

Depois que o curso de duas semanas venceu, Fabiano negociou com sua *hostfamily* (a nigeriana gente boa) e combinaram que ele poderia ficar mais duas semanas, fazendo o pagamento direto pra ela, e ainda com um desconto de 50%. "Enquanto isso, procurava emprego, sem parar". Ele lembra que "pastou" durante o primeiro mês, especialmente por causa dos problemas financeiros e da dificuldade de comunicação.

Dias melhores

As coisas começaram a melhorar quando conseguiu um emprego: foi trabalhar de caixa num *Café*. "Tive sorte. O cara gostou muito de mim. Quando fui fazer entrevista, ele disse que fui o primeiro empregado a ir 'de cara' pro caixa — normalmente as

pessoas vão pra cozinha. Acredito que ter mostrado meu diploma de curso superior deve ter ajudado." O serviço rendia 6,30 euros por hora. Além disso, com esse emprego ele pode economizar ainda mais, pois passou a gastar menos com comida. "No Café do irlandês eu tomava o lanche de graça", explica.

Fabiano teve que sair da casa na nigeriana gente boa porque era um lugar afastado do centro, onde se localizava o Café. Além disso, a *hostfamily* esperava outros estudantes ligados à agência de intercâmbio — o quarto tinha que ser desocupado. "Fiquei duas semanas em um albergue, com 16 pessoas no quarto. Depois fiz contato com o pessoal da escola e descobri três estudantes estrangeiros — um outro brasileiro, um espanhol e um chileno — que também queriam ficar, mas também precisavam sair das casas de família por causa do contrato". Juntos, encontraram um apartamento mobiliado e bem localizado. "Pagamos dois meses adiantado. 3 mil euros. Como eu não tinha grana, a galera ainda me emprestou. Eu pagava para eles de acordo com o que recebia do salário da semana. Tive muita sorte, era uma turma muito legal."

Com a grana do salário, decidiu voltar para o curso de inglês à tarde, depois do expediente. O serviço ia das 7h30 às 15h30. Às 16h já estava na escola. A aula terminava às 19h. Mas ele preferiu abandoná-la novamente, um tempo depois, porque arrumou um segundo emprego, à noite. "Deixei a escola, por uns tempos, por-

Emprego no Café garantiu uns euros a mais para pagar as dívidas do cartão e garantir a viagem

Serviço extra na lanchonete foi "pauleira" mas rendeu boas amizades

que ainda estava devendo algumas coisas: cartão estourado, limites do banco, grana emprestada dos amigos. Então aceitei a proposta de outro emprego, numa lanchonete, fazendo sanduíche. Ralei pra caramba." Apesar da "ralação", Fabiano guarda bons momentos da correria na cozinha. "Eu acho que gostava mais de trabalhar na lanchonete do que de caixa, porque lá a gente fazia muita brincadeira, era muito divertido. No caixa era mais sério, tinha mais responsabilidade. Na lanchonete era *pauleira*, mas era mais descontraído."

Mas o serviço na lanchonete durou apenas algumas semanas. "Tive de escolher que emprego eu ia ficar. A lanchonete era legal, mas era longe do centro, eu tinha que pegar ônibus, saía tarde da noite. Eu perdia muito horário. Às vezes terminava 1h da madrugada, 1h30. Tinha uma Van que levava as pessoas em casa, e como eu morava no centro, eu era o último a ser levado. Às vezes chegava 2h ou 3h da manhã. Acabei optando pelo Café, porque ficava no centro, mais prático, e era durante o dia". Então voltou para a escola de inglês, e passou a frequentar uma biblioteca pública de Dublin. "É muito boa, é uma biblioteca própria para estrangeiros. Lá eu fazia um curso do tipo aprenda-sozinho." Nessa época, ele gastava uns 500 euros por mês. Ao voltar para a escola, garantiu o visto de estudante.

Cidade legal

"A cidade é tranquila. É um país pequeno, 5 milhões de habitantes. Não tive nenhum problema com polícia nem nada. Muitas pessoas confundem as bolas por causa da Irlanda do Norte — com o IRA e aquelas coisas que se vê na TV — que é comandada pelo Reino Unido. A República da Irlanda, ou Irlanda do Sul, é um país independente. Só vi um caso de violência, que apareceu nos jornais. Lá é um país pequeno, rico, sem dívida externa, analfabetismo zero — é o segundo maior exportador de *softwares* do mundo."

Evidentemente, nas folgas entre um cálculo de troco no Café e um X-Egg na Lanchonete, passeou pelas cidades da Irlanda. "Lá tem muitos castelos, muito verde. Conheci castelos construídos em 1181. Tem um lugar lá, acho que foi o mais bonito que já vi na vida, são rochas gigantescas, a água do mar batendo…"

Fabiano aprendeu que, até meados do século passado, a Irlanda era um país muito pobre. "Teve uma crise de fome braba por lá. A batata foi o que os salvou, porque era barata de ser cultivada. A batata é até um símbolo para eles. Os irlandeses migravam para os EUA e Inglaterra. Agora a situação inverteu. As pessoas é que estão migrando pra lá. Há uma discussão séria entre políticos que querem barrar entrada de estrangeiros. Eles alegam que estão superlotando o país."

Depois da Irlanda, umas voltas pela Europa

Fabiano acertou o relógio no Big Ben em Londres, tomou champanhe de 350 euros em cabaré francês, torceu para o touro na Espanha, e comprou passagem em Portugal.

Com a saudade apertando e com a sensação de missão cumprida — ou sonho satisfeito — o estudante que decidiu largar tudo e embarcar para a Irlanda sentiu que estava na hora de voltar. Mas antes disso, já que estava por lá, decidiu dar uma volta por outros países da Europa. Assim, pegou um navio e zarpou para o país de Gales. De lá, foi de ônibus para Londres. Viu o Big Ben, o Castelo da Rainha e os pontos turísticos clássicos. Ficou alguns dias na França. Lá também fez o trajeto oficial de turista — Torre Eiffel, Arco do Triunfo etc. Mas uma desastrada visita a

Castelos medievais são populares pontos turísticos na Irlanda

um cabaré quase complica sua vida definitivamente. "Quando aquilo ocorreu, deu o maior medo. Pensei: e se acabarem me prendendo aqui, e se esses caras começam a socar a gente, *putz*, o que vou fazer, como vou sair dessa?"

A história foi a seguinte: assim que desceu na estação de trem em Paris, Fabiano conheceu um americano e um inglês. Conversa vai, conversa vem — *Brasil? Samba! Futebol, Ronaldinho, Rivaldo!* —, os três estrangeiros acabaram ficando camaradas. Ao dizer que ainda não tinha lugar para passar a noite, Fabiano foi logo convidado a dormir no albergue onde os gringos haviam reservado. "Depois de guardar as malas no quarto, fomos os três dar uma volta na cidade. Então passamos por uma avenida famosa, que tem um monte daqueles cabarés que a mulherada dança nua — passou no Jô Soares uma vez, não lembro o nome da avenida." Evidentemente, os três amigos resolveram entrar em um deles. Pagaram 10 euros, e isso dava direito a uma cerveja.

"Então, ficamos lá sentados, vendo a mulherada fazendo *streep."* Depois de poucos minutos, chegou uma *demoiselle* para cada um, arrastando-os para a mesa. Entre *langues* e *baisers e jambes,* o garçom trouxe, sem que pedissem, uma garrafa de *champagne*. "Nem vi direito, mas parece que ele colocou um pouco no copo da mulher e depois despejou o resto num balde de gelo." Assim que a *femme* secou o copo, o garçom, automaticamente, trouxe outra garrafa. "Quando fui ver, fez o mesmo esquema: jogou todo o resto no balde de gelo. Já tinham duas garrafas de *champagne* na mesa, e o cara já estava trazendo a terceira. Então me toquei e resolvi perguntar, em inglês: *Wait a minute! How much is this?* (Peraí, quanto é isso?), e o cara falou: 350 EUROS CADA GARRAFA!"

Num pulo, Fabiano largou a *demoiselle* de lado. "Na hora, deu a maior dor de cabeça. Eu dizia: *mas eu não pedi nada, não tenho como pagar*! Aí o cara falou: *Take it easy* brasileiro, sou um cara gente boa e vou fazer um desconto para você. SUA CONTA DEU 800 EUROS, e como sou um cara gente boa, VOCÊ PODE PAGAR 600 EUROS. Então pensei: *600 euros! Tô no sal*!"

Nessa hora, ele conta que sentiu muito medo. Se a coisa

desembestasse, Fabiano poderia levar uma surra dos seguranças, pois não tinha essa grana. Se resolvessem criar caso e chamar a polícia, poderia até mesmo ser preso. Não deve ser uma aventura muito estimulante ir para a cadeia em um país estrangeiro. Se piorasse muito, poderia mesmo ser deportado. Uma viagem que até então estava perfeita, poderia acabar mal, muito mal. A solução era negociar, desesperadamente!

"Falei que não tinha grana. Tinha deixado todos os meus cheques de viagem no albergue. Mostrei tudo que tinha na carteira: US$40 e alguns cartões de crédito. Ele pegou os cartões e tentou passar na máquina, mas estavam todos com o limite estourado. Pensei: agora vou ser preso! Mas aí discuti, falei: isso é sacanagem, não pedi nada, vocês deveriam ter avisado antes de colocar na mesa, é um absurdo."

Enquanto isso, os amigos, sem saber de nada, se divertiam com as *demoiselles*. Quando foram avisados, o americano levantou-se da mesa pronto para lutar. Começou a bater boca, foi agarrado pelo segurança, e resolveu enfiar a mão no bolso e sacar o que tinha: US$ 80. Mas não entregou a grana. Ao ver que a porta de saída estava entreaberta, deu no pé e conseguiu fugir. Os seguranças foram atrás e o agarraram novamente, já na rua. Mas ele fez o maior escândalo, juntou gente, a coisa virou uma enorme confusão, e ele acabou escapulindo de vez.

Aproveitando a bagunça, Fabiano decidiu sair *à francesa*. "Fui de fininho rumo à porta, no meio de todo aquele movimento, e então dei nas pernas para alcançar o americano, pois não sabia como chegar sozinho no albergue. O inglês ficou. Encontrei-me com o americano lá na frente, e chegamos inteiros no quarto. Discutimos se era melhor voltar para pegar o inglês, mas sabíamos que, se chegássemos lá, a coisa ia piorar pro nosso lado." Decidiram simplesmente esperar.

Foi a maior angústia. E se o inglês chegasse com a polícia? E se ele contasse onde estavam? Ir para a cadeia seria horrível, tenebroso! Como voltar para o Brasil depois? A espera tornou-se uma angústia. Cada passo na rua que ouviam poderia ser os homens. Já imaginava-se de algemas, na delegacia, pedindo para ligar para os pais lá em Matias Cardoso.

Subitamente, o inglês deu as caras. Na maior fleuma. Como se estivesse voltando da casa de uma velha tia. O americano, esbaforido, deu um salto e foi logo perguntando: *os homens te seguiram? O que aconteceu?* O inglês, então, tranqüilo, disse que estava sozinho. Contou que resolvera a parada porque tinha um cartão de crédito. – *Paguei 250 euros*, disse. Ufa! Da próxima vez, Fabiano vai ficar mais esperto com *demoiselles*, garçons e champanhes franceses de 350 euros.

Sem chances para o touro

Na visita à Espanha, escaldado, decidiu evitar visitas a casa de *mujeres*. Preferiu assistir a um programa mais leve e familiar: uma tourada. Mas ele afirma que não gostou nem um pouco dessa experiência. "É horrível. Os caras não dão chance para o touro. Assim que o bicho entra, eles começam a dar espetada, já metem um punhal no lombo. Aí, quando o touro corre atrás, o cara simplesmente foge e se esconde atrás de um murinho. É sacanagem, a maior covardia. No final, eles vêm com a espada, aí toca aquela musiquinha de trombeta, e — *OLÉ* — o toureiro mete o golpe final. Eu não quero ver mais isso não. Na verdade, torci o tempo inteiro para o touro."

Fabiano foi assistir, mas não gostou das touradas na Espanha: "Torci para o touro"

Turista "cara dura" deu umas voltas na Inglaterra e França

31 de julho. Fabiano ainda passou por Portugal, e lá comprou a passagem de volta. "Como fiquei um tempo maior do que o prazo de validade da passagem que eu já havia pago, tive que comprar a volta em Lisboa, por 420 euros", explica.

Valeu a pena

Segundo Fabiano, o que mais marca em uma viagem dessas é a experiência de vida, refletida em amadurecimento pessoal e profissional. "Não é fácil chegar sem grana num país onde você não fala nada. Tem gente que vai com dinheiro, fecha curso de 6 meses, tudo já arrumadinho. Eu dei um tiro no escuro. Peguei grana emprestada, trabalhei muito por lá, paguei as dívidas. Fiz amizades com pessoas de outros países, outras culturas. Você aprende mais sobre a vida". Além disso, o sabor dessa saga deixa um gosto inesquecível. "Foi uma superação pessoal. Eu acreditei em mim nos momentos ruins no início. Superar aquilo foi muito bom. Me sinto muito bem com isso. Recomendo para qualquer um uma experiência dessa."

Hoje, Fabiano está em São Paulo para concluir a pós-graduação. Enquanto isso, trabalha em dois empregos para bancar os estudos. "Com o inglês tinindo e com duas pós, imagino que não vai ser muito difícil encontrar um bom emprego". Mas a idéia é voltar a passar mais um tempo na Europa ou nos EUA. "Quando voltar, vai ser melhor, eu já conheço os esquemas, já falo bem. Fica mais fácil." ■

Publicado no Revelação nº 217, em 20 de agosto de 2002

●

Crônica premiada no 15º Set Universitário,
realizado pela Famecos/PUC-RS, em Porto Alegre (RS), 2002

Giovanni Vekariel, Marco Gosuke e Lungas Neto: "Foto de língua de fora? Vapo!"

Salada lingüística

Expressões deliciosas dão sabor ao linguajar do Campus universitário

O idioma falado no Campus Aeroporto da Universidade de Uberaba é um misto entre português e dialetos paulistas, goianos, mineiros, baianos e candangos. Também pudera! Uberaba recebe estudantes de todas essas regiões do país e, evidentemente, se enriquece com as variações do português trazidos por eles. Que me desculpem os lingüistas mais rigorosos, mas em um exercício livre, que tal examinar algumas dessas combinações e se divertir com expressões que, de tão automáticas, revelam-se supreendentes quando a gente "para pra pensar"?

De jeito maneira

Mais que "de jeito nenhum!", ou "de maneira nenhuma!", há o superlativo "**de jeito maneira!".** Nessa expressão está embutida uma negativa irreversível. "De jeito maneira!" é pior do que nunca, jamais; é uma hipótese fora de qualquer rascunho de possibilidade; nem em delírios, nem em sonhos é admissível o que foi condenado ao "de jeito maneira!". É uma negativa do estilo "necas de pitibiriba".

Exemplo:

— Vem cá chuchuzinho, você é uma gatinha. Me dá um beijo!

— De jeito maneira!

* A expressão equivale à **"Nem que a vaca tussa!".** Como qualquer uberabense sabe, apesar de existir muitos fenômenos inexplicáveis neste mundo, é muito raro a ocorrência de tosses em vacas. Não podemos dizer que a vaca não tosse *de jeito maneira*, (nunca se sabe), mas que é difícil, isso é. Não se conhecem muitas pessoas que afirmem terem visto uma vaca tossir. Negar uma decisão *mesmo que a vaca tussa* é negar pra valer! Quando se deseja reforçar ainda mais a negativa, é possível dizer **"Nem que a vaca tussa e o boi espirre!".**

* Outra expressão equivalente é **"Você está é besta!",** normalmente expressa da maneira condesada **"Cê tá é besta!",** ou da forma ultra-reduzida **"Cê besta!".**

Exemplo:

— Vamos chuchuzinho, só um beijinho!

— Cê besta!

Êia

Essa expressão é usada como ordem para mandar um cavalo parar. Aparentemente, nossos eqüinos compreendem o termo, pois quando um carroceiro impetuoso ordena "êia!", o bicho, quando manso, costuma parar mesmo. Mas o "êia!" também foi transposto para as relações sociais, mais ou menos com o mesmo sentido, porém funciona em um contexto metalingüístico — ou seja, é uma expressão que visa levar a atenção ao código. O "êia!", nessa transposição, é como uma ordem para que o outro interrompa o discurso porque o interlocutor precisa "parar para pensar".

Exemplo:

— A contextualização da conjuntura envolve premissas relativamente ambígüas.

— Êia!

O "êia!" também serve para *mandar parar*, quando os instintos animais levam um macho entusiasmado ao descontrole.

— Vamos benzinho, tire só a blusa!

— Êia!

** A expressão também tem variantes, como **"êita"**, ou **"aueiôôu..."**, e podem vir junto à expressão **"peraê"**, que signinifca "espere aí", ficando assim: **Êita, peraê!**)*

* Pode também ser usada na função fática — ou seja, não diz nada, é apenas um estímulo para iniciar uma comunicação. **"Êia!"**

Sei lá

O interlocutor sabe, mas lá. Aonde? Não se sabe. Em algum lugar indefinido, indeterminado, longínquo, inalcançável, sei lá! É até possível que alguém saiba, mas não ele, pelo menos no momento. Provavelmente nem quer saber, e desdenha a informação ao dizer que ela está muito distante de suas preocupações: lá, em um lugar qualquer que não o interessa, assim como não faz diferença em sua vida os problemas do Nepal, Azerbaijão ou Bulgária, tão longe que parecem ficção, alhures, algures, em alguma parte... sei lá!

Exemplo:

— Sabe o nome completo de Dom Pedro I?

— Sei lá!

**A expressão "Vai saber..." é equivalente.*

Aí eu peguei e falei

Essa expressão é uma tentativa de materialização do verbo, busca a tangibilidade do conceito. Indivíduos que têm dificuldade no trato com símbolos abstratos — como a palavra —, tentam concretizá-las para pegá-las com as mãos e, aí sim, ter certa segurança sobre o assunto em questão. A abstração verbal parece

insuficiente, o sujeito não é capaz de provar a veracidade da informação através de argumentação lógica, imaterial. Em vista disso, transforma a *idéia* em *objeto*, única maneira encontrada para dar consistência à elaboração intelectual.

Exemplo:

— Aí ele me falou que não ia me dar um presente. *Aí eu peguei e falei*, então tá, eu não queria mesmo!

Virgem Maria e Nossa Senhora!

Desde a pregação dos jesuítas, somos um povo que adquiriu muito do linguajar católico. Quando ocorre um infortúnio qualquer, é quase instintivo apelarmos para santos, anjos, o próprio Deus etc. Uma das santas mais requisitadas é Maria, mãe do Homem, considerada virgem. Daí o apelo à **"Virgem Maria!"**. Essa invocação é feita há séculos, mas foi se desconstruindo com as corruptelas naturais da língua, até chegar ao ponto em que chegou. Se um sujeito perde um ônibus e diz xíííí, ou ííííííí, na verdade está clamando por Virgem Maria. Acompanhe as sucessivas desconstruções que, imagino, levaram à versão mínima da expressão da Santa:

"Virgem Maria!" > "Virgem!" > "Virgi!" > "Vígi!" > "Víxi!" > "Íxi!" > "Xi!" > "ííííí..." ou "chhhh..." *(Este último trata-se de um ruído bucal, imitando um sal de fruta fervendo num copo d'água")*

Exemplos:

- Ai ai ai, meu marido está chegando!
- Íííííííí...

— Acho que esqueci sua cueca na sala!

— Xiiiii...

Construções mistas também são usuais, como **"Vixi Maria"** ou **"Íxi Maria".** Curiosamente, não se usa *"Íiii Maria"*, mas é normal o **"Íííí Jesus"**, ou **"Íiiii meu Deus do céu".** Trata-se, portanto, de dupla proteção divina.

(Também são encontradas interjeições com funções análogas, mas que foram tão modificadas que é difícil identificar sua procedência. Ex: ***"Vapo!" - "Vúti!" - "Vasco!"*** *A expressão* ***"Vaaapo!",*** *assim com a* ***"Hêêêênfo",*** *podem ter origem em palavrões populares.)*

Da mesma forma, a invocação a **"Nossa Senhora!"** sofreu suas corruptelas. Acompanhe: **"Nossa Senhora" > "Nossa" > "Nó!" > "Nú!"**

Exemplos:

— Você viu? Ele foi pular a cerca e quebrou o braço!

— Nóóó!

— E aí o boi deu uma chifrada nas costas dele!

— Nú!

*(Aqui também encontram-se expressões com o sentido similar. Ex: **"Nusga" - "Nííí"**)*

Saudações

Há um variadíssimo cardápio de expressões que, curiosamente, podem ser utilizadas como saudações em diversos contextos ssociais. Contentemo-nos com a descrição de alguns.

Saudações que indicam agradável surpresa:

"Êpa!" - "Ôpa!" - "Ôua" - "Ôp!" - "Ó o cara aí!" - "Ó o cara!" - "Úa!" - "Iôôôu"

Saudações que indicam cordial preocupação com o bem-estar alheio: **"Bão?" - "Certim?" - "Beleza?" - "Belê?" - "Firme?" - "Firme e forte?" - "Chique?" - "Chique no *úrtimo*?" - "Que cê conta?" - "Que tá pegando?"**

Saudações que indicam satisfação por ver o amigo tranqüilo:

"Só de boa?" - "Ê beleza, hein? " - "Só na maciota?"

Saudações de duplo sentido:

"Pega na minha!" - "Segura e balança!"

**Evidentemente, a maior parte deles não quer dizer nada — cumpre também a função fática da linguagem.* ■

Publicado no Revelação nº 228
em 12 de novembro de 2002

Raika Julie Moisés, contrariando as estatísticas, faz Jornalismo no curso de Comunicação Social na Uniube. Ela sabe da importância de exigir sua cidadania

"Serviço de preto"

Expressões populares revelam racismo dissimulado na cultura brasileira

Nossa herança escravocrata persiste tão enraizada nos costumes que convém denunciá-la, especialmente nos locais onde ela se apresenta sem dizer o nome. O raciocínio racista, quando formulado de forma cordial, com sorrisos simpáticos, torna-se particularmente perigoso, pois domestica a rebeldia, amansa a indignação e enraíza ainda mais essa mentalidade no espírito coletivo.

Chamados de "sabedoria popular", os ditos populares e expressões idiomáticas, devido à sua natural e imediata aceitação, podem servir de canal para impregnar na cultura o preconceito racial. O caso clássico do "preto de alma branca", por exemplo, já não é admitido com a mesma ingenuidade de antes.

Disfarçado em elogio, no "preto de alma branca" está embutido um racismo ordinário, que só é capaz de admitir dignidade no

negro se este apresentar em si a cor do branco. O negro seria naturalmente incapaz de comportar-se educadamente, e só seria admitido pelos brancos caso se portasse como "um deles". O dominador confirmaria seu racismo através da indulgência ao negro adestrado que, obedientemente, imita os valores do branco. O negro "preto de alma branca" é tido como uma exceção, é tolerado desde que negue sua própria alma para admitir a "superioridade natural" do outro. Os movimentos negros já não admitem essa distorção e hoje demonstram elevada auto estima ao se orgulharem da riqueza da "alma negra" na diversidade cultural do país.

Serviço mal feito?

Outra expressão muito popular em nosso racismo cordial é atribuir a qualidade de "serviço de preto" a um serviço malfeito. Provavelmente esse ditado vem da época da escravidão oficializada, quando os negros eram obrigados a trabalhar debaixo da chibata. Convenhamos, o escravo não tinha nenhum motivo para fazer o trabalho bem-feito, não tinha a mínima vontade de ser um bom e eficiente serviçal. Pelo contrário, o dever de qualquer ser humano submetido à escravidão é justamente fazer o serviço da pior forma possível. Uma forma de expressar resistência era fazer malfeito propositadamente para driblar a violência e o excesso de trabalho escravo.

Essa atitude pode ser interpretada como uma tática da rebeldia no xadrez da dominação. Os mais corajosos rebelavam-se, lutavam e fugiam. Os menos impetuosos sabotavam a produtividade do branco da maneira possível. "Trabalho de preto", portanto, deveria ser sinônimo de resistência, indignação, protesto. Na organização dos quilombos é que os ex-escravos faziam o verdadeiro serviço de preto: eficiente, disciplinado e coletivista.

A professora de História da Uniube, Eliane Marquez, lembra que, desde o período de escravidão, o trabalho pesado, braçal e de baixa remuneração é destinado aos negros. Nesse sentido, a expressão racista carrega consigo também o sentido de trabalho árduo, de baixa qualificação. Dados da pesquisa *Mapa da população negra no mercado de trabalho* realizada pelo DIEESE em seis ca-

pitais brasileiras, durante o ano de 1998, demonstra "indicadores sistematicamente desfavoráveis aos trabalhadores negros". De acordo com o estudo, "os rendimentos dos trabalhadores e trabalhadoras negros são sistematicamente inferiores aos rendimentos dos não-negros, quaisquer que sejam as situações ou os atributos considerados". (Dados disponíveis no sítio www.dieese.org.br)

Quem mandou?

Quando alguém faz alguma coisa que sai errada, é muito comum ouvir a repreensão: *bem feito, quem mandou*? Nesta expressão está embutida uma evidente reprovação à livre iniciativa. De acordo com o raciocínio implícito nessa pergunta, se ninguém mandou fazer, a ação está necessariamente errada e seria naturalmente condenada ao fracasso, pois o erro já nasceu com o indesejado espírito empreendedor. Quem mandou? Se alguém tivesse "mandado fazer", teria dado certo – ou então, o interlocutor submisso teria o conforto de atribuir a responsabilidade do erro a quem ordenou, assumindo sua condição de mero cumpridor de ordens.

A expressão é um misto de paternalismo patológico com certa mentalidade escravocrata. Ela existe para castrar o espírito de livre iniciativa diante a primeira falha e impedir a aprendizagem por tentativa e erro. Aqueles que temem o "quem mandou" tornam-se apáticos, indolentes, dependentes, pois a expressão induz à percepção do erro como tragédia, como incompetência, e não como um resíduo fundamental do processo de aprendizagem. Essa fórmula provoca baixa auto-estima e incentiva a pedagogia do medo, levando o indivíduo ao conformismo perante a submissão. ■

Publicado no Revelação nº 237
em 2 de novembro de 2003

Está certo porque sou doutor

Nesses diversos congressos, seminários e simpósios que tenho participado pelo país, observei alguns comportamentos muito curiosos de determinada estirpe de intelectual acadêmico. Evidentemente, anotei algumas peculiaridades para compor um personagem encantador.

Diploma de 1º grau, 2º grau, graduação, pós-graduação, mestrado, doutorado, PhD e upa, upa, lá vem o Prof. Dr.! Ele não vem sozinho. Carrega consigo uma maletinha onde guarda sua coleção de diplomas para o caso de emergência: nunca se sabe quando precisará de um. Prudência e uma citação qualquer de Wittgenstein não fazem mal a ninguém.

O Prof. Dr. detesta conversar com pessoas que se recusam a ficar imediatamente fascinadas com seus comentários. Considera estúpido qualquer indivíduo incapaz de perceber que, por trás de seu *bom dia*, há anos e anos de estudo. Acha indecente colegas que, em sua presença, tratam de assuntos que não dizem respeito à sua tese. Um

desperdício de tempo inadmissível para um PhD como ele.

Irrita-se profundamente quando uma balconista, um taxista ou um garçom dirige-lhe qualquer comentário, ou mesmo uma pergunta. Ouvir a voz de pessoas estúpidas pode intoxicar sua consciência, da mesma forma que comida estragada intoxicaria seu organismo. E sem um diploma, como o sujeito vai provar que não é um deficiente mental?

Porém, o Prof. Dr. não demonstra mau-humor, por entender que todos os seres vivos merecem consideração. Por isso, desenvolveu uma técnica pantomímica que simula expressão facial de intenso interesse em qualquer circunstância. Enquanto o ignorante fala, ele procura dispersar o pensamento, ou direcioná-lo para a reflexão de conceitos abstratos. Só fica atento na movimentação da boca do sujeito. Quando eventualmente o intelectual se distrai de suas abstrações e se vê diante a ameaça de prestar a atenção ao interlocutor boçal, interrompe com um meio-sorriso, diz "*muito bem*" ou "*que ótimo!*", finge que o celular vibrou e escapole daquela situação em contorções impossíveis. Sofre náuseas, labirintite, falta de ar, e só melhora quando repete para si mesmo: *razão, consciência e hermenêutica, sou Prof. Dr.; razão, consciência e hermenêutica, sou Prof. Dr.!*

Na verdade, o Prof. Dr. tem até alguma simpatia pelos raros iletrados que se põem a admirá-lo; porém, nunca dirige mais do que duas ou três palavras a eles, pois sabe que não vão entender mesmo. Quando ouve uma pergunta, desconversa dizendo: "*é isso mesmo*". Depois sai de fininho.

O Prof. Dr. invariavelmente se aborrece quando participa de simpósios, pois sempre aparece um retrógrado que contesta suas afirmações incontestáveis, especialmente aquelas baseadas nos dogmas da nova ciência. Mas ele não se intimida. Acaricia sua pasta de diplomas e, quando se sente encurralado no meio da argumentação, fuzila: "*escute rapaz, isso que você diz é ridículo, você está errado, pois sou Dr!*" Com um argumento desses, de fato, encerra-se a discussão.

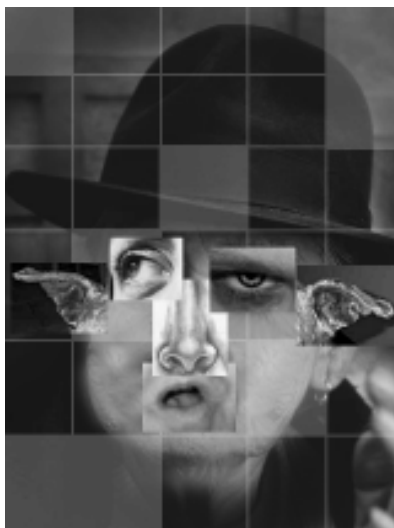
O Prof. Dr. tem várias cartas na manga para vencer pelejas acadêmicas. Quando alguém expõe um assunto que ele não domina, o Prof. Dr. diz que isso não tem a mínima relevância.

Quando apontam nele falhas de raciocínio, O Prof. Dr. atribui a um pensador consagrado na bibliografia e exime-se da responsabilidade da argumentação. Quando percebe que o interlocutor está prestes a fazer uma conclusão perspicaz, o Prof. Dr. interrompe bruscamente, expõe objeções fictícias, faz rodeio e conclui, triunfante, exatamente aquilo que o interlocutor estava prestes a concluir.

O Prof. Dr. esforça-se de forma sobre-humana para exibir-se em sociedade como um ser humano igual a qualquer um. Treina no espelho um olhar que pareça, ao mesmo tempo, cúmplice e superior, sincero e *blasé*, atento e descontraído. Cultiva uma extravagância inofensiva porque entende que é de bom-tom ter estilo. Amante da sociologia e da antropologia, idealiza e diz amar, com alma terna, a ingenuidade da sabedoria popular. Não perde a oportunidade de demostrar afeto aos iletrados quando o tema é debatido na universidade. Amante da música, obriga-se a ouvir os clássicos por pelo menos vinte minutos na semana. Quando falha, na semana seguinte ouve quarenta minutos.

Admite que ser doutor não significa, necessariamente, ser sempre racional: *"é preciso sentir emoções de vez em quando"*. O Prof. Dr. não gosta muito de sexo, mas não se sente incomodado, porque Kant também não gostava. De qualquer maneira, faz para cumprir obrigações conjugais, quando necessário.

O Prof. Dr., evidentemente, odeia autodidatas. Tem uma ofensa na ponta da língua para esses atrevidos, citando Mário Quintana: *"autodidata é um ignorante por conta própria"*. O Prof. Dr. prefere ser um pós-graduado, um mestre, um doutor. ■

Publicado no
Revelação nº 218
em 27 de agosto de 2002

O respeitável chefe de setor

Deus ajuda a quem cedo madruga. O Respeitável Chefe de Setor acorda cedo, faz sua higiene, senta-se à mesa para tomar café e, finalmente, olha para a esposa. Pede, com um franzir de testa, que seja respeitado e admirado; afinal, trabalhara honestamente a vida toda e aposentara-se com dignidade. Lembra, com um gesto de mão, que graças ao seu esforço e dedicação, fruto de trabalho árduo e incessante, cumpre todas as obrigações de pai e esposo. Nunca falta às atribuições de chefe de família. Olha com ar grave para seus filhos e exige, através de um esgar, reverência e consideração.

O trabalho dignifica o homem. O Respeitável Chefe de Setor sempre encarou o trabalho como a forma sublime de realização humana. Acredita em religião: faz o sinal da cruz em porta de igreja, comparece às missas de 7º dia — com certo fastio, é verdade — mas sempre respeitosamente. Contudo, não se engana: a

transcendência, ou o mais próximo que se sente capaz de chegar da plenitude existencial, é o trabalho.

Mente ociosa, oficina do diabo. Por isso, alguns meses depois de aposentar-se e vivenciar um período de convivência constante com os entes queridos, o Respeitável Chefe de Setor arrumou outro emprego. Ei-lo agora, de expressão grave, sensação de dever a cumprir — confere o ponto morto, engata a primeira, upa, upa — dirigindo-se ao trabalho, sob olhares aliviados da família.

Um homem prevenido vale por dois. O Respeitável Chefe de Setor é metódico, responsável, organizado, exigente, infalível, um administrador nato, um gerente, *o* dirigente, *o* gestor, *o* comandante. Orgulha-se de sua conduta de forma quase voluptuosa: quando está no exercício do cargo, sente uma espécie de uma ereção moral, seguida de um gozo contido, asséptico, secreto. Longe de ser sacrifício, o trabalho é a razão de sua existência. Entre as funções que exerce, as que lhe concedem maior prazer são os freqüentes discursos sobre os procedimentos morais que devem ser aplicados para que o serviço funcione de forma excelente. E o melhor momento para isso, evidentemente, é quando o subordinado acaba de cometer um pequeno erro. E se o funcionário é daqueles que, por precisarem muito do emprego, são inseguros e submissos, melhor ainda!

Aqui se faz, aqui se paga. O Respeitável Chefe de Setor tem uma forma padrão de repreender: começa detalhando todos os problemas que tem de administrar para que o modelo de organização funcione; ressalta que a estrutura que está à sua disposição é precária, exigindo dele labuta diária para manter o serviço em ordem; lembra que, quando um erro acontece, tem que desestruturar toda a agenda para que a irresponsabilidade seja remediada; conta que sempre trabalhou com pessoas competentes e que não sabe trabalhar com bagunça; confessa que está esgotado e que não é possível que isso aconteça; reafirma que é um sujeito muito justo, *mas* será obrigado a tomar as providências necessárias — demonstrando que, no seu entender, há incompatibilidade entre *ser justo* e *tomar providências*. Não satisfeito com essa interminável ladainha — que por si só já é uma tortura, ou, no mínimo, uma forma de punição mental — ameaça, esbraveja,

grita, faz cenas etc; porém, sempre toma o cuidado de manter o nível da chantagem no limite aquém da ofensa pessoal — a despeito de tratar com seres humanos, a questão é sempre estritamente profissional. Evidentemente, o discurso muda quando o trato se dá com superiores. Meu amigo, satisfação em revê-lo!, erros acontecem, estamos sempre sujeitos a falhas, estamos aqui para trabalhar etc.

Olho por olho, dente por dente. É fácil concluir que o Respeitável Chefe de Setor cumpre todas as obrigações, mais para justificar seu direito de espinafrar os subalternos do que pela boa execução do serviço em si. Todas as pequenas falhas, insignificantes que sejam, merecem o longo discurso de reprovação, proferido com ânimo que, apesar de seu aparente mal-humor, não esconde seu íntimo prazer.

Os últimos serão os primeiros. Seus subalternos o odeiam — não há como ser diferente. Mas o Respeitável Chefe de Setor é imperturbável. Atribui o ódio alheio ao rigor responsável de seus métodos. Agrada-lhe profundamente sentir-se como uma espécie de mártir da correção moral. Lembra-se que todo cargo de chefia é, na verdade, um fardo pesado. Não é para qualquer um. Quando ouve dizer que consideram-no “insuportável”, enche-se de júbilo, pois interpreta como elogio supremo. Funcionário, em geral, não gosta de serviço e odeia chefe que exige trabalho. Ser chamado de “insuportável” significa, portanto, que é chefe exigente. Com o tempo, os conceitos de “insuportável” e “exigente” fundiram-se em seu código de valores, e agora ele aplaude a si mesmo ao saber-se odiado pelas costas, pois sente-se indiretamente enaltecido. Essa inversão em seu juízo fez com que redobrasse o esforço mental para tornar-se um chefe incansável, definitivamente insuportável.

Nada como um dia após o outro. O Respeitável Chefe de Setor vai embora às 18h15. Às terças e quintas vai direto para a sauna. Freqüentar os banhos é um dos poucos prazeres solitários que sua índole lhe permite. Segundas, quartas e sextas são reservadas aos jogos de peteca no clube. Chega em casa às 20h15 e irrita-se profundamente quando a janta não está disposta à mesa. Que absurdo! Logo ele, que se sacrifica, que faz tudo, que vive pela

família. É bastante razoável, afinal de contas, que a esposa lhe prepare, na hora certa, um jantar simples — arroz, feijão, bife — como lhe apetece. Esbraveja, protestando que pelo menos esse prazer ninguém tem o direito de furtar-lhe. Lembra-lhe que sua vida inteira foi marcada pelo trabalho e dedicação à família etc.

Água mole em pedra dura tanto bate até que fura. Mas toda regra tem exceção. É impossível contradizer o Respeitável Chefe de Setor. Ele é uma fortaleza moral, imune a qualquer tipo de persuasão. Não sabe o que é a dúvida. Tudo em sua vida é extremamente claro e certo. Preto no branco. Um mais um igual a dois. Isso é isso e aquilo é aquilo! E olhe lá! Condena veementemente qualquer perversão alheia, pois reprime com igual veemência as suas. É um homem justo, correto, sempre trabalhou etc. Quando jazer no caixão no seu velório, exibirá um sorriso satisfeito de serviço cumprido, vida honesta etc, enquanto sua família, trocando olhares insuspeitos, se prestará a servir bolinhos e café aos comensais. ■

Publicado no Revelação nº 197
em 4 de março de 2002

As garras da fêmea

Mulheres colocam homens "no chinelo" com sedução sofisticada, e eles gostam

Ana Carolina, Sinara Guimarães, Andrea Mendes e Victor Antunes:
– Eu não 'guento'

Rosana Arantes, aluna do curso de Serviço Social da Universidade de Uberaba (Uniube), precisava "se virar" para confeccionar um panfleto de uma atividade relacionada à disciplina. Imaginou que, se havia alguém na universidade que pudesse ajudá-la, certamente estaria na área de Comunicação Social. Chegou no bloco L sem conhecer ninguém e foi orientada a procurar alguns alunos que sabem trabalhar com produção gráfica. Assim como quem não quer nada, e naquele charme "especial" que só as mulheres têm, em alguns minutos mobilizou um, dois, três, quatro, cinco marmanjos prestativos que revezavam-se para atendê-la com todas as atenções do mundo. Houve muito trabalho. Um diagramou, outro ajustou aqui e ali, outro imprimiu o *layout*, outro finalizou e um último pelejou até tarde para descobrir como salvava o arquivo dividido em vários disquetes. Arte final em uma mão, a outra dando tchauzinho, Rosana se foi, dizendo: "gente, obrigada por tudo", enquanto os cinco eunucos, agora sem brilhos nos olhos, provavelmente fantasiavam loucas promessas que a garota, naturalmente, não fez.

Um aluno de Biomedicina que preferiu não ser identificado, conta um caso clássico que, segundo ele, já deve ter ocorrido com muitos sujeitos. "Fim de festa, a mina chega, dá mole, pede pra levar em casa, a gente leva, e no final não rola nada", relata sucintamente. Segundo ele, os homens se sentem enganados porque a sedução da fêmea "é uma arma que elas têm e a gente não sabe se defender", diz. Perguntado se sabe lidar com os encantos femininos, Victor Antunes, aluno de Odontologia, respondeu: "Eu não *guento*".

Lizandra Bontempo, aluna do curso de Comunicação Social, acredita que pequenas doses de sedução podem ser usadas para conquistar alguns objetivos, desde que feito sem abusos e não causem constrangimentos. "É claro que não é legal uma pessoa passar por cima de todos só porque é muito bonita", diz. Mesmo assim, Lizandra afirmou que não costuma "jogar um agá" para, por exemplo, conseguir o atendimento mais rápido de um funcionário. Veremos isso adiante. Uma aluna do curso de Medicina Veterinária lembrou que, às vezes, uma necessidade muito grande pode fazer levar a mulher ao uso desses expedientes para al-

çançar o que precisa. “Mas isso não é uma coisa boa”, pondera.

Evidentemente, o jogo da atração física não é privilégio da alma feminina. A socióloga e professora da Uniube, Maria de Fátima Ferreira, observa que esses artifícios são utilizados por ambos os sexos. Ela cita Freud, dizendo que o tempo todo estamos, homens e mulheres, tentando seduzir uns aos outros. Uma aluna do curso de Biomedicina que preferiu não se identificar, insiste que os homens utilizam-se descaradamente desse recurso. “Os rapazes fazem isso com a gente também. Eles pintam e bordam. Muito homem apronta mesmo, faz até pior”, desabafa. Ela confirma que o caso da carona é clássico, mas não aprova esse comportamento na mulher. “Porque algumas moças fazem, acabamos todas com fama de *Maria Gasolina*.”

Mesmo assim, quase todos os entrevistados concordaram que o domínio e a sutileza no uso da sedução é mais aguçado nas mulheres. “O homem não sabe seduzir. Sabe cantar”, resume Nínive Lage, funcionária da Biblioteca Central. Sinara Guinarães, aluna do curso de Odontologia, também percebe que a mulher é mais sofisticada. Segundo ela, o instinto de sedução é poderoso na alma feminina. “Além disso, o homem gosta de se submeter. Mesmo sabendo quando se trata apenas de um jogo de interesse, de uma fantasia, ele sempre espera que vai conseguir tirar proveito e se deixa levar”, diz.

A socióloga Maria de Fátima Ferreira sugeriu uma idéia que pode ser um começo para se desvendar essa charada. Ela afirma que os propósitos do jogo da sedução costumam ser diferentes entre os sexos. “Para o homem, a sedução tem quase sempre o objetivo de concluir o ato sexual. A mulher muitas vezes seduz porque quer apenas proteção ou companhia.” Com o instinto sexual sempre alerta, o homem estaria, portanto, constantemente à mercê. Lizandra Bontempo, quase sem querer, reforçou essa hipótese quando respondeu a uma questão reformulada. Foi perguntado: *“—Você usa do encanto feminino para conquistar pequenas vantagens no dia-a-dia?”* A resposta foi*: “—Não”. “—Você aproveita-se dessa fraqueza do homem para conseguir pequenos e inofensivos favores?”* Depois de alguns segundos, sua resposta foi: *“—Sim”.*

Priscila Dias, aluna do curso de Comunicação Social, percebe essa reciprocidade dos homens no jogo da atração. Além disso, lembra que os rapazes tendem à encarar qualquer gentileza como uma cantada. "Homem sempre acha que, quando a garota está sendo simpática, já está a fim de outras coisas. Mas na maioria das vezes não é. É uma coisa impressionante", afirma. Letícia Pinheiro, aluna do curso de Medicina Veterinária, compartilha dessa avaliação. "Às vezes a mulher só quer ser gentil, mas o sujeito entende mal", diz.

Os homens se defendem. Rafael Ferreira, aluno do curso de Enfermagem, diz que as mulheres têm responsabilidade nessa confusão. "O jeito como muitas delas se vestem acaba provocando os homens. O cara acaba pensando que a menina quer muito mais do que ser apenas simpática", diz. Um aluno de um dos cursos de Licenciatura, que preferiu não ser identificado, senão a namorada poderia "encrencar", entusiasmou-se com o tema. "Aqueles decotes, aquelas calças apertadinhas, aquelas barriguinhas de fora parecem querer dizer: venha meu macho varonil, venha fertilizar esse ventre que é só seu", recitou. "Como acreditar que é só amizade, e não namoro, sendo constantemente provocado desse jeito? Não dá pra segurar a cabeça. O instinto de perpetuação da espécie é muito forte."

Mas a moça do começo da matéria que mobilizou um time completo de futebol de salão para confeccionar seu panfleto também tem a sua versão. Ela não pensa que o uso da sedução seja legítimo para outros fins que não o de uma conquista amorosa. "Esse carisma que você viu faz parte de meu temperamento, independente da pessoa ser homem ou mulher", garante. Mas Rosana, que tem namorado, sabe que esse jeitinho especial pode gerar expectativas equivocadas. "Quando o sujeito se entusiasma, sei impor limites. *Pô, meu! Não é bem assim, você viajou."* Além disso, ela acredita que a sedução, por si só, não consegue tudo de bandeja. "Entendo que não é por aí. Não é através do instinto sexual que se conquista as pessoas, mas sim pela simpatia pessoal, pelo comportamento bem-educado, pela postura decente, pela inteligência. É esse o charme da vida." ■

Publicado no Revelação nº 256
em 19 de agosto de 2003

●

Crônica premiada no 16º Set Universitário,
realizado pela Famecos/PUC-RS, em Porto Alegre (RS), 2003

O taxímetro do prazer

Caetano, taxista: devorador ou devorado? Episódio de novela deixa implícita a luta político-sexual em que se envereda a nova mulher

O episódio a seguir aconteceu em algumas cenas da telenovela *Mulheres Apaixonadas*, de autoria de Manoel Carlos, exibida pela TV Globo. Vale à pena uma breve reflexão sobre esse caso, pois ele diz alguma coisa sobre a luta político-sexual em que se envereda a nova mulher.

Caetano é um típico motorista de taxi — moreno, queixo quadrado, falador, camisa aberta, cheirando a suor e a cigarro — casado com uma dedicada e maternal secretária de escola, Rosinha. Evidentemente, como é de se esperar de um personagem com este perfil, eis que o varonil garanhão não se contenta com o arroz-feijão de seu lar e arruma uma namoradinha extra para praticar com ela todas as safadezas que sua moral não permite fazer com a mulher — afinal, a cândida Rosinha é mãe de seu filho, quase santa. Deve ser até pecado fazer certas coisas.

A namoradinha, uma dedicada (e lindinha) empregada doméstica, não sabe que Caetano é casado. Ela trabalha na casa de Sílvia, uma dessas grã-finas que, entediadas com o pífio desempenho sexual e afetivo do marido, esbanjam a vida buscando outras formas de distração — shopping, cabeleireiro etc.

Vamos espiar a doméstica pelo buraco da fechadura: Uau! E não é que, por baixo daquela prudência servil de assalariada, a morena fogosa é dessas que acendem labaredas de lascívia, capazes de ferver até à ebulição os fluidos de Caetano, o penetrador? Esses taxistas são demais mesmo! Tudo que um machão quer da vida: de um lado a mãe de seus filhos, e do outro uma namorada ingênua na origem e safada na poltrona.

Mas, voltemos algumas linhas… *grã-fina entediada com o marido?* Essa mulher é a síntese da dialética entre caça e caçadora, quer abater e ser abatida, devorar e ser devorada, urgentemente! Só de olhar para a cara dela, qualquer telespectador com pouca imaginação é capaz de imaginar as mil e uma sem-vergonhices que estremecem suas virilhas e sobem pelo corpo em arrepios, desencadeando inconfessáveis fantasias eróticas com trabalhadores másculos, morenos, queixos quadrados, faladores, camisas abertas, cheirando à suor e cigarro… Só os bons modos seguravam a libido dessa mulher. Ela é pura potência erótica! A menor faísca de ignição seria capaz de detonar uma verdadeira erupção do motor de sua lascívia, levando o taxímetro de quem a conduzisse pelas avenidas do prazer a ultrapassar todos os dígitos da devassidão do orgasmo pleno e total!

Corta a cena. Esqueçamos as outras duas, porque a madame tem algo importante a dizer. Vamos ao que interessa.

Na caixa de som do motel vagabundo, *La vie en rose*: clássico da música popular francesa, mas em uma versão meio bossa nova e cantada em inglês por algum devoto de Frank Sinatra (tipo de versão que só aparece mesmo em trilha de novela ou naquelas seleções fajutas de 'as melhores músicas do século' vendidas em conjuntos de CDs através de telemarketing). "Vem, gostoso, vem me fazer ver estrela", diz a grã-fina Sílvia, peladona, mergulhada numa banheira de espumas, para o erétil taxista — um desfecho óbvio da química da sedução (tele)folhetinesca que deveria de-

sembocar inevitavelmente no quatrilátero amoroso taxista-secretária-doméstica-grã-fina. "Se os homens fizessem com as esposas o que fazem com as amantes, não iam ter tanto chifre", diz Sílvia, a messalina; no que Caetano, o erótico, responde com uma careta de reprovação.

Assim, a frívola madame realiza um verdadeiro exame de toque retal em dois dos tabus ainda firmes no estereótipo do macho latino-americano: a idéia da "esposa imaculada" e o mito do "direito exlusivamente masculino ao orgasmo". Primeiro, põe uma pulga atrás da orelha do sequioso taxista: *será que a sua esposa, mal-amada como eu, é assim tão virtuosa quanto meu marido está certa que sou*?, diz sem dizer ao taxista que finge não entender direito.

Se consideramos a transa de Sílvia e Caetano como um ato político, a primeira leitura, fundamentada naquele mito, levaria à conclusão precipitada de que o que ocorreu foi uma espécie de "revanche" ou "vingança" da classe trabalhadora que, através de um representante, levou a melhor sobre o patrão porque transou com sua mulher e meteu no capitalista-explorador-da-força-de-trabalho um vistoso par de chifres — humilhação suprema em uma cultura que preza, acima de tudo, a honra do varão. Assim, o trunfo de Caetano, o guloso, não é sexual — para saciar seus instintos, além de já ter garantidas as rotinas conjugais da esposa, contava ainda com os encantos extras e sempre disponíveis da namoradinha. Seu trunfo é sócio-político: *quem diria, eu, pé-rapado, papei a madame do bacana!*

No entanto, essa leitura se mostra defasada quando consideramos as transformações nas relações sociais entre os gêneros. A cultura do ardente amante latino-americano, vista através da ótica masculina, é fundamentada na idéia de que o penetrador (o homem) é o verdadeiro e único possuidor do objeto sexual (a mulher) e, portanto, o legítimo detentor do usufruto das delícias do sexo. A mulher é sempre compreendida como pouco mais que uma serva que conclui seu papel com o orgasmo do macho. As únicas damas com direito a manifestar (e supostamente obter) prazer eram as prostitutas. Mesmo assim, analisando com mais cuidado, esse prazer na verdade também era tido como duvidoso, pois o comum era atribuir a elas o 'fingimento do orgasmo'

através de gemidos exagerados, ou então certo gozo masoquista de mulher que gosta de ser machucada, ou mesmo de apanhar — tudo em nome da satisfação do garanhão.

Mas Sílvia, a dissoluta, ao mesmo tempo em que era usada, usava; ao mesmo tempo em que era engolida, engolia. Em sua ótica, era ela quem devorava o amante e realizava suas fantasias sexuais. Assim, é possível elaborar uma segunda leitura: quem comandava, quem conduzia, quem usufruía de verdade as delícias do amor — *faça isso, faça aquilo, venha cá, quero mais* — confirmando a relação de dominação entre classes, era a grã-fina. Tudo aquilo, para ela, era exótico, uma novidade infinitamente deliciosa, uma transgressão que inspirava profundo senso de aventura e prazer — *eu, uma mulher fina, no motel com um taxista ralé? Inadmissível, impensável, só se estivesse doida varrida.* Foi um bom negócio: o prazer que recebia era estratosfericamente maior do que o prazer que ofertava. O taxista era um instrumento, um equipamento, um mero motorista sexual. É claro que ele gozava, mas uma gota em comparação à cachoeira orgástica da grã-fina, um tostão em relação a fortuna de prazer da madame alegre, uma migalha de seu banquete, uma moedinha nos lábios de seu caça-níquel.

Assim, inverte-se a situação e sobra para o garanhão o papel de coadjuvante, de um esforçado operário que tem o dever de, nas horas extras, executar mais um dos serviços que deveriam ser de incumbência do patrão: saciar a concupiscência da mulher, preencher seu tédio, distraí-la com uma atividade esportiva qualquer, cumprir os caprichos da patroa. Ao mesmo tempo, a figura da esposa fina e imaculada transforma-se em mulher destemida e desavergonhada, uma "caçadora de prazer", exigindo que Príapo se esforce em mil acrobacias eróticas para garantir a manutenção das labaredas da insaciável alazã. A revanche, portanto, é dela. E assim, parece susurrar aos telespectadores: *E agora machões? Digam aí quem é que come quem?* ■

Publicado no Revelação nº 202
em 8 de abril de 2002,
e no Observatório da Imprensa

●

Artigo premiado no 15º Set Universitário,
realizado pela Famecos/PUC-RS,
em Porto Alegre (RS), 2002

Elogio ao homicídio

Espectador torna-se cúmplice dos assassinos quando finge repulsão perante violência na mídia

A literatura e o cinema já lançaram provocações veementes sobre a relação entre o apetite do público pelo macabro e a alegre disposição da mídia em saciá-lo. O escritor inglês Thomas de Quincey (1785-1859) escandalizou a Inglaterra vitoriana com seu abusado "*Do assassinato como uma das belas-artes*". Quincey escreve que a originalidade dos homicidas, demonstrada nos incontáveis registros na imprensa, seria comparável à genialidade criativa de grandes pintores, poetas ou músicos. Por isso, sugere que os assassinatos sejam avaliados por sua beleza estética, e apreciados, portanto, devido à sua condição de arte.

O autor descreve as atividades de um suposto clube de aristocratas que se dedicavam ao *hobby* do assassinato. Segundo Quincey, eles encontravam-se em reuniões onde relatavam os crimes que haviam praticado durante a semana, as estratégias que haviam lançado mão e outros detalhes mórbidos, levando os colegas ao deleite. Um conferencista chegara a afirmar que a vítima mais adequada seria um amigo íntimo, e "em falta de um amigo, que é um artigo de que não se pode sempre dispor, um conhecido; porque, em ambos os casos, quando primeiro se aproximasse da vítima, a suspeita seria desarmada; enquanto um estranho poderia alarmar-se, e descobrir na própria fisionomia do eleito para assassiná-lo um aviso para que se pusesse em guarda". Haveria, assim, uma espécie de graduação estética do crime, e os criminosos mais originais eram considerados "grandes artistas".

O cineasta alemão Michael Haneke escreveu e dirigiu "*Violência Gratuita*", um dos filmes mais provocativos da década de 90. Haneke defende, através de sua obra, a tese de que o público transforma-se em cúmplice do assassino quando participa da violência através da observação passiva de telespectador (ou leitor). E essa constatação não é colocada como uma metáfora, mas entendida de forma literal. A conivência estaria na própria passividade confortável de espectador que, se por um lado encara o crime como algo torpe, por outro adora estar junto, aceita participar da cena, é ávido pelos detalhes e finge espantar-se, disfarçando certa ludicidade mórbida, quando depara-se com

os detalhes macabros. De certa forma, esse espectador secretamente desejaria que mais assassinatos acontecessem para que nunca deixassem de aparecer nos jornais e possibilitassem, afinal, sua participação simbólica através do consumo erótico das imagens e dos textos.

No filme, esse sadismo oculto é desmascarado com muita perícia. Os psicopatas às vezes dão piscadelas para a câmera, como que fazendo um pacto com o espectador: *"fiquem aí, que serão recompensados com muita malvadeza*". Em certo momento, um dos vilões distrai-se e é alvejado por uma vítima. Morre agonizando. Parecia ser o primeiro tiro para um final feliz para a família. Mas eis que o outro, então, agarra um controle remoto, clica a tecla *reverse* e, em uma reviravolta metalingüística, roda ao contrário o próprio filme em que está inserido, até chegar a alguns segundos antes daquela cena. Consciente de sua condição de personagem fictício, o vilão agarra a arma das mãos da vítima e impede a esperada repetição do tiro, levando o roteiro a escolher uma outra bifurcação e empurrando novamente a história para o rumo favorável aos assassinos. Esta personagem sabia que a morte do vilão representaria o fim do filme, mas o público queria mais sangue, mais diversão!

Em uma de suas músicas, Rita Lee cantou: "Não podemos sofrer. Não leremos jornais que noticiem crimes. Não participaremos destas mortes vis." Ela não queria ser conivente com os assassinos. Já em *"Anarquistas, graças a Deus"*, a escritora Zélia Gattai descreve que uma de suas diversões de infância preferidas junto à mãe e irmãs era procurar no jornal nomes conhecidos na coluna de necrológios e acompanhar os velórios que passavam à porta. "No entanto, nem todos os enterros despertavam igual interesse. Os de morte violenta, atropelamentos, desastres, assassinatos, eram os mais apreciados".

Essas confissões costumam surpreender porque normalmente as pessoas não são capazes de admitir e refletir sobre suas perversões. É comum observar aqueles que dizem detestar a violência nos jornais mas nunca deixam de dar aquela "olhadinha" para saciar sua curiosidade mórbida. Assim, costumam inventar todas as desculpas possíveis para disfarçar suas

"perversõezinhas". Em Memórias do Subsolo, Dostoiévsky reconheceu que o homem "está pronto a deturpar intencionalmente a verdade, a descrer de seus olhos e seus ouvidos apenas para justificar a sua lógica".

Ato e estado de violência

Em *"O que é violência"*, Nilo Odalia acentua a diferença entre o ato da violência e o estado de violência. "O ato violento não traz em si uma etiqueta de identificação. O mais óbvio dos atos violentos, a agressão física, o tirar a vida de outrem, não é tão simples, pois pode envolver tantas sutilezas e tantas mediações que pode vir a ser descaracterizado como violência", escreve. Ele argumenta que os costumes e as tradições encobrem certas práticas violentas da vida em sociedade e dificultam a compreensão imediata de seu caráter.

Um exemplo claro dessa questão é o problema do assassinato. É possível matar alguém. Pode-se também favorecer as condições para que muitas pessoas morram. Um ato político, como privilegiar recursos públicos para futilidades, por exemplo, pode vir a deixar morrer dezenas de pessoas desnutridas. Isso não é considerado como um *ato* de violência, mas, sem dúvida, é um *estado* de violência.

Normalmente a imprensa satisfaz-se em privilegiar a cobertura dos atos de violência, ignorando, ou cobrindo mal, os estados de violência. O que se vê é a redundante exposição das fraturas expostas da violência urbana.

Entretanto, sabe-se que *expor* não é *propor*. O ato violento de ontem será esquecido para que o ato violento de hoje seja explorado até ser esquecido amanhã, num círculo vicioso estéril. As *causas* do estado de violência não são, portanto, discutidas; a doença é deliberadamente ignorada para que os sintomas sejam expostos.

Em *"O discurso da violência"*, Ana Rosa Ferreira Dias analisou o diário Notícias Populares, hoje extinto. Nesse estudo, ela percebeu uma intensa sintonia entre o jornal e a classe social para qual ele era dirigido, sobretudo através da linguagem popular. A partir de sua pesquisa, é possível concluir que, para me-

lhorar a qualidade editorial dos jornais, faz-se necessário a mudança da própria sociedade. Ou seja, a qualidade dos jornais está intrinsecamente ligada à qualidade da cidadania de determinanda comunidade. Mas o enigma implícito é que a imprensa trata-se justamente de uma das principais instituições – senão a mais importante – capaz de mobilizar a sociedade para essa mudança.

O jornal que faz diariamente um elogio ao homicídio, ao mesmo tempo em que negligencia as causas da violência, certamente não será capaz de provocar mudanças na sociedade — se é que o deseja. ■

Publicado no Revelação nº 213
em 24 de junho de 2002
e no Observatório da Imprensa
●
Artigo premiado no 16º Set Universitário,
realizado pela Famecos/PUC-RS, em Porto Alegre (RS), 2003

A última valsa de Roberto Furacão

Em visita a Uberaba, Drummond concedeu uma de suas últimas entrevistas

O escritor Roberto Drummond, morto devido a um ataque cardíaco na madrugada de 21 de junho de 2002, esteve em Uberaba no dia 3 de maio. Participava do projeto Grandes Escritores, promovido pela empresa Tim e pelo jornal *Estado de Minas*, em parceria com os programas Pró-Ler e ArtEducação. Em entrevista exclusiva ao *Revelação*, jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba — talvez a última de sua vida — falou de jornalismo e das semelhanças entre ficção e realidade, tema sempre explorado em sua obra literária.

Drummond também refletiu sobre o imaginário popular, lembrando que todas as manifestações folclóricas e religiosas são tão

verdadeiras quanto qualquer impressão pragmática que tenhamos da realidade. Disse também que há muita gente que se sensibiliza mais com personagens de ficção do que com pessoas reais. O escritor confessou que ele próprio foi vítima da síndrome: "Consegui mais o sim das mulheres do que de muitas frases", disse.

No bate-papo com os leitores, realizado no auditório da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM), Drummond foi, mais uma vez, cobrado sobre sua relação com Hilda Furacão. Bem-humorado, lembrou que, em certa ocasião, acabou vaiado quando declarou não ter transado com Hilda. O escritor tinha um prazer especial nessa ambigüidade criada em torno da existência da personagem. "Sei de pelos menos oito ou nove mulheres que têm certeza que Hilda foi inspirada nelas", deliciava-se.

Humor com Rolla

Entretanto, a discussão sobre um outro livro dele chamou a atenção. Sua primeira obra, *A morte de D. J. em Paris*, foi considerada um marco do pós-modernismo na literatura brasileira. Repleto de referências a ícones da cultura pop, a narrativa desconexa e sempre inconclusa convida o leitor a participar do texto através de múltiplas possibilidades de interpretação. Drummond lembrou que, em uma entrevista concedida há alguns anos, a sua visão sobre Dôia — uma das personagens do livro — foi derrotada por outras explicações. O escritor contou um caso que se tornou folclórico: quando descobriu que seu livro seria fonte para perguntas de vestibular, decidiu fazer a prova, só para ver no que ia dar. Tirou zero. Um sujeito que tirou boa nota duvidou que ele fosse o escritor. "Se você escreveu, então não leu", disse a Drummond.

O escritor lembrou também que a morte sempre esteve presente em suas obras, sobretudo nos títulos: *A morte de D.J. em Paris*, *O dia que Ernest Hemingway morreu crucificado*, *Quando fui morto em Cuba*, *Inês é morta*, *O homem que subornou a morte*. Na entrevista, contou que seu próximo romance seria *Os mortos não dançam valsa*. Segundo Drummond, este livro seria uma reflexão existencialista sobre as pequenas coisas que relegamos para depois, que deixamos de fazer na vida, até que a morte chega e esses sonhos morrem junto. Para a frustração de seus leitores, Drummond morreu sem

concluir esse último pequeno sonho, sem dançar sua última valsa.

Roberto Drummond contou histórias de quando era um jovem repórter na ainda inocente Belo Horizonte, nos anos que antecederam o golpe de 64. Trabalhou em diversas redações, mas guardava um carinho especial pelo período em que integrou a equipe de um tablóide ousado e irreverente, cujo lema era "99% de independência e 1% de ligações suspeitas": o *Binômio*, fundado pelos jornalistas José Maria Rabelo e Luiz Arantes.

O nome desse jornal era uma gozação ao programa administrativo do então governador de Minas, Juscelino Kubitschek. O deboche aos políticos era total. Numa edição especial do aniversário de BH, governada por um prefeito que só tinha um olho, o *Binômio* disparou a manchete: "Um administrador de visão única". Outra manchete rendeu uma acusação de atentado ao pudor: "Juscelino vai pôr Rolla na Praça Raul Soares". A notícia referia-se ao empresário Joaquim Rolla, que construiria, na praça, um conjunto habitacional, hoje conhecido como JK. Esse empresário seria vítima de outras manchetes atrevidas, como "Juscelino foi a Araxá e levou Rolla". Rolla caíra como uma luva nas mãos dos jovens e anárquicos jornalistas para "complementar" a fama de Juscelino, tido como galante e conquistador. O jornal definitivamente escandalizava a Tradicional Família Mineira (TFM), instituição que dominava a capital interiorana e moralista da época.

Pasquim, o sucessor

Mas o tablóide insolente também era combativo. Uma reportagem de Roberto Drummond e Antonio Cocenza, publicada no *Binômio*, rendeu ao jornal vários prêmios em 1950. A dupla foi investigar uma denúncia sobre tráfico de retirantes nordestinos que estariam sendo vendidos como escravos. Drummond e Cocenza passaram-se por filhos de fazendeiros e percorreram a rota desse comércio. Conseguiram abordar o "gerente" do pau-de-arara, compraram um casal — Manoel e Francisca — por 4 mil cruzeiros (cerca de 200 dólares na época) e ainda trouxeram recibo. Tudo registrado e fotografado. A matéria alcançou repercussão internacional. Foi notícia nas revistas *Time* e *Paris Match* e no jornal *Le Monde*. O casal libertado deu depoimento na Câmara

dos Deputados e no Senado. Essa história está relatada em *Hilda Furacão*.

Em 1961, um episódio marcou a história desse tablóide atrevido. O jornal publicou reportagem revelando a simpatia do general-de-brigada João Funaro Bley pelo fascismo. Mostrou que, no Espírito Santo, fora interventor federal durante a ditadura do Estado Novo e chegara a organizar sua própria Gestapo para caçar comunistas. A manchete foi "Quem é Funaro Bley — democrata hoje, fascista ontem". O general foi à redação e agarrou Rabelo pelo pescoço. Rabelo deu-lhe um soco daqueles de deixar olho roxo. Duas horas depois, 200 homens cercaram o quarteirão e destruíram o jornal. Mesmo assim, impresso no Rio de Janeiro, o *Binômio* funcionou até 29 de março de 1964. Não havia condições de continuar depois do golpe militar. Rabelo exilou-se na Bolívia e só voltou ao Brasil na anistia de 1979.

Ziraldo chegou a declarar que "o *Binômio* virou uma febre, só repetida, alguns anos depois, nas areias de Ipanema, com seu irmão carioca, o *Pasquim*". Foi Roberto Drummond, na época do *Binômio*, por exemplo, que "descobriu" o cartunista Henfil. Entretanto, certamente por não se localizar no eixo Rio-São Paulo, a importância do *Binômio* é sempre "esquecida" na história da imprensa alternativa brasileira.

Por tudo isso, vire a página e leia – correndo! – a entrevista com Drummond.

Publicado no Revelação nº 206
em 6 de maio de 2002

"Eu quero a ambigüidade"

Roberto Drummond fala de jornalismo, literatura, realidade, ficção e da sua vontade de ser Papa

Surgiu assim, de repente, a oportunidade de entrevistar Roberto Drummond! O cara viria a Uberaba para participar de um bate papo com leitores através de um projeto que eu ainda nem conhecia, o Tim Estado de Minas - Grandes Escritores, em parceria com os programas Pró-ler e ArtEducação. A Olga Frange, coordenadora em Uberaba, ligou na redação e perguntou: quem aí quer entrevistar o Drummond no hotel Shelton? Topei na hora. Confesso que nunca tinha lido nada dele. Assim, pedi dois livros emprestados à Irene, professora de Língua Portuguesa da Universidade. Li então "A morte de D.J. emParis". Quase caí de costas! Este livro faz uma literatura experimental, enigmática e repleta de referências à cultur pop! De tirar o fôlego. Em seguida, em uma madrugada, li "Hilda Furacão". Me apaixonei definitivamente por seu estilo. Ele tem um jeito muito sedutor de chamar o leitor durante o texto.

Depois desses dois livros, e de alguma pesquisa na Internet, me senti mais ou menos preparado. Às 11hs da manhã de 3 de maio de 2002, lá estava eu no Shelton. Vi um coroa esperando o elevador. Olhei pra ele, ele ohou pra mim. Será que era o cara? (As fotos nos livros eram antigas.) Subiu. Depois desceu. Era ele mesmo. Foi uma ótima conversa. Depois fui vê-lo na palestra, e no fim da noite só não saí com ele para tomar cerveja porque eu estava sem um tostão. Quase dois meses depois, no dia 21 de junho, um colega me vem com a notícia: "seu amigo" Drummond morreu de ataque cardíaco. Fiquei triste. O cara foi tão simpático que talvez eu tenha nutrido a ilusão de que, algum dia, quem sabe, seríamos mesmo amigos. Sobrou a entrevista, reproduzida aí nas páginas seguintes.

A literatura fala da alma humana e o jornalismo cobre a prática humana. Será que o jornalismo deve investigar a essência do homem, ou esse papel é só da literatura?

O Jornalismo vive sempre momentos fugazes. Por ser um jornalismo diário – de jornal, televisão ou rádio – está de acordo com o que está acontecendo naquele dia, na véspera. Ele é perecível, mais perecível que uma maçã. Muitas vezes vem dentro do jornal gêneros que são vizinhos da literatura, como a crônica. E há casos históricos. O Hemingway cobrindo a guerra civil da Espanha escreveu um texto para um jornal americano sobre um velho na ponte que depois colocou num livro como um conto. Na verdade *é* um conto e dura até hoje porque ele escreveu como um escritor escreveria.

Qual é a relação do jornalismo na sua obra literária?

O jornalismo é sempre um auxiliar. Eu diria que é um trabalhador escravo da literatura quando o escritor é também jornalista.

Será que o copidesque [técnica de edição que corta o que considera excessos no texto jornalístico] mata a vida no jornalismo?

Olha, eu fui da geração copidesque no Binômio, depois na Última Hora mineira, na revista Alterosa e depois na própria "bíblia", que era o Jornal do Brasil. Então eu fui o copidesque do Jornal do Brasil! Você não imagina o meu *status*! Depois o Nelson Rodrigues investiu contra o copidesque – com toda a razão – fez várias críticas contra isso.

O *Hilda Furacão* foi escrito como um *anti-copidesque*, porque se eu fizesse um livro "à copidesque" ele não alcançaria o que eu queria e nem o sucesso que alcançou. Agora, já *O cheiro de deus,* eu escrevi como quem foi copidesque muito tempo porque eu precisava do texto seco, quase no osso da frase.

Como Hemingway?

Não, não é Hemingway porque a frase é circular. Eu precisava daquela coisa do redemoinho, em plena ação. Precisava de uma coisa magra como um redemoinho. Aquele texto nervoso, tenso, do copidesque do Jornal do Brasil, me ajudou muito.

O *lead* [primeiro parágrafo da notícia onde se coloca a informação principal] foi uma revolução que sua geração fez em relação ao nariz-de-cera [introdução repleta de rodeios e adjetivos]. Entretanto, hoje o *lead* é muito contestado, pois acredita-se que a realidade não cabe dentro daquela forma do quem-que-quando-onde-como-porque. O que acha disso?

Eu aprendi uma coisa: não tem verdade absoluta nenhuma. Tem hora que você pode usar o *lead*. Tem hora que você não deve. E acho hoje que aquela revolução foi muito radical, como toda revolução. O chamado nariz-de-cera às vezes era sábio. Até hoje, conforme o texto, você pode fazer um nariz-de-cera misturado com aquele jornalismo mais enxuto.

Se você vai contar uma história policial "boa", você tem que criar suspense. E para criar suspense você não pode fazer *lead* e *sublead*. O García Márquez tem vários livros assim – pois além de um grande escritor é um grande jornalista e um grande repórter – em que ele faz exatamente isso. Tem um seqüestro na Colômbia em que ele vai descrevendo pormenorizadamente o dia-a-dia de um personagem até que aconteça o crime. *[nota: a reportagem está publicada no livro Notícia de um seqüestro (Record, 1996).]*

Como Truman Capote fez em *A sangue frio*. Um crime que teve repercussão enorme, ele foi descrevendo aquilo lentamente, enxutamente, criando um suspense danado. No fim do primeiro capítulo, mesmo conhecendo o crime, você está doido para ler.

Se você for descrever os grandes crimes, se você for contar uma história sobre o Louco do Triângulo, que é...

Louco do Triângulo?

É um personagem "famosérrimo". Você não conhece ele não?

Não. O que ele fez?

Louco do Triângulo era um "louco do Triângulo Mineiro". O único escritor que fez referência a ele fui eu. Ele não foi ainda personagem de livro nenhum. Era um louco que ficava assustando muita gente, apavorando o Triângulo. O Governador era o Francelino [Pereira] ou o Rondom Pacheco. E então a Polícia Militar veio prendê-lo. Fez o cerco ao Louco do Triângulo. E ele já

tinha virado lenda. E não o prendiam, e o Estado de Minas falando, o Diário da Tarde também, todos em pânico com o Louco do Triângulo. Aí o governador convocou o chefe da Polícia Militar, e ele explicou que não podia prender o Louco do Triângulo porque: *Governador, na hora que a gente dá voz de prisão ele vira um passarinho. A gente põe numa gaiola ele vira uma onça pintada. Na hora que a gente prepara para dar aquele tiro para fazer a onça dormir... ele vira um charuto! E é um perigo, governador, a gente pegar aquele charuto: e se ele virar um tigre na mão da gente?*

Isso foi dito para o governador e saiu nos jornais. Então, se você for contar a história do Louco do Triângulo assim: *era um louco que fez isso, isso, isso...* não dá! Você tem que começar lentamente... descrevendo tudo...

A realidade é mais o que percebemos ou mais o que imaginamos?

Eu acho que a realidade, no Brasil, é uma ficção. Em qualquer país, também é. Mas no Brasil a gente conhece. O Brasil é uma ficção. Minas Gerais foi escrita por Deus, Diabo, Shakespeare, Tolstoi e por aí. Para você ver, aqui mesmo, em Uberaba, o Chico Xavier recebe, do além, textos do Machado de Assis e Dostoievski já traduzido para o português. E é verdade! Você compara o texto. E ele conversa com o além, dá recado, essa coisa toda. E você vai contestar? Vai contestar o Louco do Triângulo, o Zé Arigó que recebia o espírito do Dr. Fritz? Os lobisomens, as mulas-sem-cabeça, essas coisas todas?

Parece que essa realidade mágica está muito ligada à percepção de mundo que todos tivemos na infância. Percebi que todo personagem seu, quando sente uma emoção muito forte, normalmente se infantiliza. Será que com esse mundo de fadas, Papai Noel e Bicho-papão, o encantamento da infância é o paraíso mágico que perdemos e buscamos a vida toda?

Eu gosto muito dessa sua leitura do problema da infantilização. Eu acho que o homem feliz e a mulher feliz viram crianças. Têm um comportamento de infantilismo. Isso ninguém tinha dito sobre minha obra. Já disseram tudo, tem tese de mestrado, tem coi-

sa inclusive fora do Brasil, mas isso ninguém viu.

Eu acho até que tenho um problema. Quando viajo eu estou "alimentarmente" infantilizado. Tenho que tomar cuidado senão desando a comer chocolate, tudo que me proíbo eu faço (risos). E quando vou ao Mineirão ver jogo – e eu tenho que escrever sobre jogos – eu acabo chupando picolé, comendo chocolate, uma série de coisas. Agora, nisso aí é uma verdade. O personagem é infantilizado e liberto. É a infantilização como libertação.

Freud explica?

Olha, o Freud tem uma análise antológica – como tudo dele – sobre o problema da infantilização que vários psicanalistas retomaram. Um deles é que a pessoa infantiliza como uma proteção, para se fortalecer para enfrentar as coisas pela frente.

Como a Dôia? [personagem de um conto em *A morte de D.J. em Paris*]

Ali ela nem infantilizava, ela tem um surto mesmo. Ali eu fui derrotado em uma entrevista, certa vez. Porque a minha análise era política: ela *viu* um Cristo sendo crucificado. Ninguém aceitou. Ainda bem. Mas tem isso, a infantilização libertadora e protetora, como em Freud.

E sobre a infantilização como forma de reencantamento do mundo, sua obra tem mesmo essa visão?

Talvez, talvez... aí é uma leitura sua que é melhor do que a minha.

Será que a realidade é apenas um alicerce para os nossos sonhos?

O diabo é que o sonho da gente é um sonho perdido. O presidente da República, a política econômica... Meu próximo livro chama-se *"Os mortos não dançam valsa"*. É um livro existencialista, mas sobre as coisas simples que a gente não faz, sonhos e quimeras pequenininhos que a gente não faz, porque a gente não tem condições de fazer ou porque a gente depende de um punhado de coisas.

As melhores lembranças da vida são os sonhos e ilusões?

Ah, isso não! As melhores lembranças da vida são realidade e eu trato disso no "Cheiro de Deus". Só que passam rápido. É um cavalo bravo, é um beija-flor que chega à felicidade.

Mas não seriam os sonhos despertados nesses pequenos momentos que os fazem grandes?

Não. Eu acho que sonho é sonho e realidade é realidade. Às vezes a realidade parece um sonho porque é quando você realiza "aquele momento!" – o momento que o jogador faz o gol, de um ator interpretando bem, de um escritor escrevendo bem, e um homem amando uma mulher e vice-versa. A realidade é muito melhor que a ficção.

O escritor reúne fragmentos da realidade, reconstrói os trechos em outra seqüência e faz literatura. A vivência dessa reconstrução através da leitura vale como se fosse uma experiência da própria realidade, ou é outra coisa?

Cumé que é?

Quando a gente lê um livro e passa-se alguns anos, a memória que fica é tão verdadeira quanto as memórias das coisas vividas?

O Mario Vargas Llosa, que é um grande escritor peruano, disse que sofreu mais com a morte da Madame Bovary [personagem de Gustave Flaubert] que de muita gente. Tem livro que você lê e que não esquece nunca. Eu te confesso que na minha experiência eu sofri mais com as frases do que com as mulheres (risos). Consegui mais o sim das mulheres do que de muitas frases. Tem frases que ainda não consegui o "sim" delas.

Nós vivemos, então, numa espécie de limbo entre realidade e ficção?

Eu acho o seguinte: por exemplo, eu estou aqui em Uberaba e eu morei em Araxá na década de 50. Então eu vi a região do Triângulo do avião e começei a voltar no tempo... foi um momento feliz, meu pai vivo, minha mãe viva, todo mundo vivo... então eu

estou aqui mas lembrando de coisas de lá; daqui a pouco estou vendo a casa onde morava... estou vendo a minha irmã, estou vendo uma chuva que caiu no dia-a-dia e que virou foto... Isso é a realidade. E o Joyce, o Faulkner e a Virginia Wolf trabalharam isso muito bem com ajuda do que o Freud estava fazendo, que é a corrente da consciência. A gente está aqui, mas ao mesmo tempo a gente não está aqui. O Marcelo está ali agora com a mão sobre a mesa mas não sei aonde ele está. Aqui, acho que não (risos). E isso é maravilhoso.

Minha vida está ótima, tudo até além do que estava planejando como escritor. Cada vez mais, porque é no mundo e não só no Brasil. E no entanto eu gostaria hoje, se eu pudesse fazer uma ilha da fantasia, de voltar para Araxá naquele dia que caiu a chuva.

Quando você queria ser Papa?

É, eu queria ser Papa mas ao mesmo tempo estava com um problema muito sério. Aí que Dostoievski fala que toda vida dá um livro. Mas nesse tempo eu brincava de médico com uma vizinha linda – não vai colocar o nome dela, hein?! A família dela está toda em Araxá! – e eu ficava naquele conflito, e dava injeção de água nela, era maravilhoso, arrepiante até hoje.

E quando desistiu de ser o pontífice?

Depois que eu rompi com Deus, com a religião; e isso é muito cômico porque eu estava devendo tanta missa às almas (risos), tantos terços e tantas promessas que tinha que cumprir, pois eu era um pecador e o padre da minha terra é aquele que está no Hilda Furacão, o Padre Nelson. Então eu fui ficando endividado, porque como pagar cinco terços por cada pecado mortal que eu cometia? Para o padre Nelson qualquer coisa era pecado. Ele proibia carnaval, proibia festas, alegria, rir – proibiu a dona Nevita de rir – proibiu o decote "bolero" das meninas...

(lendo um trecho do livro) Você ainda acha que o diabo só faz o que Deus permite?

Isso tá onde?

Num diálogo do Hilda Furacão. (pág. 136)
Tá no livro é? Quem tá falando isso?

(mostrando o trecho para Drummond) É um diálogo entre o você frei Malthus. Foi você quem disse.
É... é a opinião desse que está aí no livro... (risos) que sou eu... mas não quer dizer que seja minha... (risos gerais)

Quem não conhece sua história pessoal e lê Hilda Furacão sente-se confuso porque não sabe quais trechos são reais e quais são fictícios. Era isso que você queria?
Drummond: Não. Eu queria que todo mundo acreditasse em tudo, como se fosse verdade, que é o propósito de todo escritor. O jornalista não tem isso porque ele quer a certeza do que está contado. Eu quero a dúvida. Eu quero a ambigüidade, aquela coisa que é e que não é.

Legal isso. Dá um *lead*.
É, dá um *lead*.

Não! Dá um título!
É mesmo. ■

André Azevedo da Fonseca nasceu em Uberaba (MG). Vagabundeando de forma autodidata pelas letras, escreveu, ilustrou e publicou fanzines, suplementos literários e jornais alternativos na Internet. Em 2002 começou a fazer Jornalismo no curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) e desde então publicou regularmente reportagens, artigos, ensaios e crônicas no Revelação, o jornal-laboratório do curso; na revista digital NovaE e no Observatório da Imprensa.

Desde o primeiro ano de faculdade vem conquistando prêmios universitários nacionais promovidos pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom / Expocom) em Salvador (BA) e Belo Horizonte (MG). Por dois anos consecutivos (2002 e 2003) foi premiado no Set Universitário, promovido pela Faculdade de Comunicação Social (Famecos) da PUC-RS, em Porto Alegre (RS), nas categorias Crônica e Artigo. Em 2004 foi premiado no Concurso Literário da Faculdade Maria Augusta, em Jacareí (SP), e ficou em primeio lugar no Prêmio Escritor Universitário "Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde)", promovido pela Academia Brasileira de Letras (ABL) e Centro de Integração Empresa Escola (CIEE).

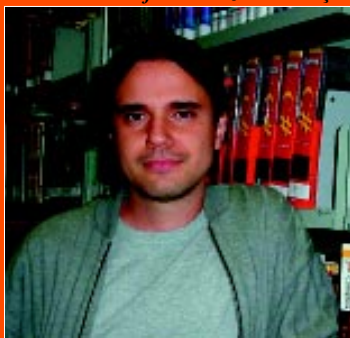
Seus trabalhos acadêmicos já foram selecionados em seminários internacionais promovidos pelo Museu da Pessoa, em São Paulo; pela Cátedra Unesco na Universidade Metodista, em São Bernardo do Campo (SP); e pela Universidad de Guadalajara, no México.

Em 2004 publicou o ensaio "Água de uma fonte só" no livro *Formação & Informação Ambiental*, coordenado pelo jornalista Sérgio Vilas Boas, lançado pela editora Summus.

No ano passado foi submetido a duas bancas especiais de professores que avaliaram sua produção acadêmica e comprovaram proficiência em uma série de disciplinas. André Azevedo da Fonseca formou-se em Jornalismo no final de junho de 2004. Atualmente cursa pós-graduação (latu senso) em História do Brasil na PUC-MG.

Todas as fotografias e ilustrações são do autor, exceto nas seguintes páginas:

20, 30, 31, 32, 33, 39 - Arquivo Eliane Marquez
40, 41, 64, 65 - Arquivo Ricardo Prieto
42, 43 - reprodução: FERREIRA, D. M. Do Silva ao Prata. Uberaba: s/n, 1990.
44 - reprodução (http://www.fiocruz.br)
53, 59, 60, 61 - Arquivo Público de Uberaba
68, 70, 74, 77, 106 - reprodução
90, 91, 93 - Arquivo família Ribeiro
112, 113, 114, 115 - Ruth Gobbo / Arquivo Mizac Limírio (divulgação)
132, 133, 136, 137, 139, 142, 143 - Arquivo Fabiano Mota
169 - Arte sobre reprodução

foto: Neuza das Graças

André Azevedo da Fonseca é estudante de Jornalismo na Universidade de Uberaba (Uniube)

"Este livro é de fundamental importância para a educação e cultura de Uberaba. André faz poesia das pessoas simples e comuns. André faz epopéia dos heróis anônimos e caminhantes das ruas de Uberaba. André faz história dos pobres e dos perdedores. Este livro é matéria-prima para muitas discussões em sala de aula entre professores e alunos, entre gente e gente, que curte, que ama, que admira gente. É uma semente! É uma explosão respeitosa, lírica e diferente de gente diferente! Valeu, André!"

Décio Bragança Silva, especialista em Língua Portuguesa pela Unicamp, professor de Língua Portuguesa na Uniube.

"Cotidianos culturais e outras histórias contempla os objetivos de renovação propostos pela Nova História.
Os fragmentos da vida cotidiana abordados nessa obra dão vida à memória, permitindo que ela seja reconstruída através de novas abordagens.
É um livro inédito na historiografia uberabense, que vem sanar carências e esquecimentos, contribuindo na interpretação crítica do passado e do presente da cidade de Uberaba.
A obra estimula o gosto pela preservação da memória e, ao mesmo tempo, incentiva professores e alunos a perceberem a efervescência do cotidiano histórico de nossa cidade."

Eliane Mendonça Marquez, mestre em História pela UFG, professora de História da Uniube.

"Ao farejar as pegadas da história de Uberaba, o estudante de Jornalismo André Azevedo da Fonseca acaba por percorrer rastros profundos no cotidiano do homem brasileiro contemporâneo. Esse uberabense cosmopolita tem a perspicácia de analisar a cidade e o país não através de uma visão bairrista, mas com olhares focados pelas lentes multicoloridas de seres transculturados e, portanto, universais. Nele se apresenta um mediador que dialoga com o mundo, consigo mesmo e com o imaginário desse maravilhoso "real" latino-americano. Esse é o jornalismo que o mundo precisa – e que o curso de Jornalismo da Uniube incentiva. Um jornalismo lúcido, humanizado e consciente de seu papel político. A qualidade do trabalho do repórter já consagrado por diversos prêmios nacionais faz do livro uma referência de leitura que será de grande utilidade em salas de aula. E acima de tudo, essa obra satisfaz um anseio de leitores sedentos por textos afetivos sobre a identidade, a história e a cultura da cidade."

Raul Osório Vargas, doutor em epistemologia do Jornalismo pela USP, coordenador de Jornalismo no curso de Comunicação Social da Uniube.

ISBN 85 - 88920 - 28 - X

9 788588 920286